Revista da Academia Mineira de Letras

ANO 92º – Volume LXIX – 2014

ISSN 1982-6680

ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Fundada em 25 de dezembro de 1909
Rua da Bahia, 1466 – Telefax (31) 3222-5764
CEP 30160-011 – Belo Horizonte-MG
www.academiamineiradeletras.org.br
atendimento@academiamineiradeletras.org.br

DIRETORIA AML

Presidente: Olavo Romano
1º Vice-presidente: Amílcar Vianna Martins Filho
2º Vice-presidente: Yeda Prates Bernis
Secretário honorário: Oiliam José
Secretário geral: Elizabeth Rennó
1º Secretário:
2º Secretário: Patrus Ananias
1º Tesoureiro: Márcio Garcia Vilela
2º Tesoureiro: Manoel Hygino dos Santos
3º Tesoureiro: Ângelo Machado

REVISTA DA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: Olavo Romano
Editor: Manoel Hygino dos Santos
Revisão: Pedro Sérgio Lozar
Digitação: Marília Moura Guilherme
Capa: Liu Lopes
Diagramação: IDM Composição e Arte Ltda.
Impressão: Gráfica e Editora O Lutador

Ficha Catalográfica

Revista da Academia Mineira de Letras – Ano 92°
Academia Mineira de Letras / LXIX
Revista da Academia Mineira de Letras/Academia Mineira de Letras / LXIX / 2014.
Belo Horizonte: Academia Mineira de Letras, 2014
Fundada em 1922
l. Literatura – Periódico. 2. Obras Literárias I. Academia Mineira de Letras.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO 7

BRASÍLIA
Angelo Oswaldo de Araújo Santos 9

UM MINEIRO NA SEMANA DE ARTE MODERNA
Manoel Hygino dos Santos 13

1OO ANOS DE RUBEM BRAGA
Danilo Gomes 19

CONTOS DE PASSAGEM E O PODER DA ESCRITA
Fábio Lucas 25

PRECIOSIDADES ENCONTRADAS NOS "SEBOS"
Carmen Schneider Guimarães 27

A COVA
Ângelo Machado 31

LIRA MARÍLIA
Elizabeth Rennó 35

PERSONALIDADES LATINO-AMERICANAS IV
MARIO VARGAS LLOSA
Aloisio T. Garcia 47

MARCO AURÉLIO BAGGIO, IMORTAL POR MERECIMENTO
Fábio Proença Doyle 51

A LINGUAGEM DO RISO
Côn. José Geraldo Vidigal de Carvalho 55

ENTRESSOMBRAS (A poesia de Yeda Prates Bernis)
Ângela Vaz Leão 63

CARVALHO MOURÃO E MARTINS DE OLIVEIRA,
OS PRÓCERES, E OUTRAS PERSONAGENS
DA COMARCA DE SÃO JOÃO DEL-REI
Rogério Medeiros Garcia de Lima.....93

JOSÉ AGOSTINHO BAPTISTA: COM DESALENTO,
ESCREVO AS NOVAS ELEGIAS
Edgar Pereira 117

ACADEMIAS DE LETRAS – ORIGENS
Paulo Fernando Silveira 121

UM OUTONO DE ESPERANÇAS E GRAÇAS
José Maria Couto Moreira.....125

HÁ CONTROVÉRSIAS
Prosa-elegia pro Chico Cabral
Ronaldo Werneck.....129

LOBATO ACIMA DAS TOLICES
Anderson Braga Horta 135

ZEBU
Adriles Ulhoa Filho 139

FALTA ALGUÉM NO PANTEÃO DOS HERÓIS NACIONAIS
Zanoni Neves 143

Cinema

PAUL SCHRADER, UM MARGINAL NA INDÚSTRIA DE HOLLYWOOD
Marcelo Miranda 147

Artes Plásticas

MILTON DACOSTA – UMA PINTURA ESPARTANA
Carlos Perktold 155

A INFLUÊNCIA MINEIRA PARA O ADVENTO DA BOSSA NOVA
Wander Conceição 161

LIBERDADE, ESSÊNCIA DE MINAS
Eugênio Ferraz 175

LUCINDO FILHO: TRAJETÓRIA INTELECTUAL
Marcelo Monteiro dos Santos 179

MENDES DE OLIVEIRA
Gérson Cunha 191

YEDA: ENTREMEANDO LUZES
Carmen Schneider Guimarães 193

HENRIQUYEDA
Caio Junqueira Maciel 195

UTÓPICO
Sharon Penha da Silva 197

Apresentação

Estamos entregando ao público que nos acompanha mais um número da *Revista da Academia Mineira de Letras*, volume LXIX. Registramos, assim, o nonagésimo segundo ano de vida de um periódico que é uma síntese do pensamento dos integrantes da Casa de Alphonsus, Vivaldi e Murilo Badaró.

Por estas páginas já desfilaram as mais prestigiosas e autênticas expressões das letras e do jornalismo de Minas Gerais, mesmo do Brasil, porque a *Revista* não é uma porta fechada aos que se devotam ao nobre ofício em outros estados. A prova disso se acha neste volume, a que comparecem escritores e pesquisadores de várias regiões do país.

Assim pensando e fazendo, esperamos manter nossa periodicidade normal, contando com a colaboração dos atuais e dos próximos acadêmicos e de quantos, de qualquer parte do Brasil, tragam sua mensagem e o propósito de bem servir às letras e à cultura.

Brasília

*Angelo Oswaldo de Araújo Santos**

Brasília foi inaugurada em 21 de abril de 1960, dia de Tiradentes. Seu tempo corresponde a 10 por cento da história do país luso-afro-ameríndio. Mas, desde sempre, a cidade esteve traçada, clara e exata como a riscou Lúcio Costa, no destino do Brasil.

Os inconfidentes de Minas Gerais a imaginaram, no sonho louco da liberdade. José Bonifácio, o patriarca árcade e iluminista, concebeu seu nome. Petrópolis, Belo Horizonte e Goiânia assinalaram o caminho. Luís Cruls demarcou o território. A Esplanada do Castelo foi uma ilha de ensaio, em pleno centro do Rio.

O escritor Bernardo Guimarães, autor de *Escrava Isaura*, andou pelas vastidões goianas, como juiz de direito, e naquele planalto ouviu "murmurar a voz de um povo". O primeiro Afonso Arinos, de *Pelo Sertão*, contou a história do buriti perdido e anteviu a metrópole sertaneja à sua volta. São João Bosco teve a visão da grande cidade do porvir e veio abençoá-la às margens do Paranoá.

Brasília Kubitschek de Oliveira é o seu nome completo, conforme registra Ronaldo Costa Couto ao escrever a saga da cidade. Brasília nasceu da decisão corajosa e inabalável de Juscelino. Prefeito de Belo Horizonte criador do conjunto da Pampulha de Oscar Niemeyer e governador de Minas eleito para suceder a Getúlio Vargas na presidência

---

* Angelo Oswaldo de Araújo Santos é jornalista, escritor e membro da AML, cadeira 3.

da República, JK encarnou o país bossa-nova, campeão mundial e concretista, maravilhado pela modernidade e o alvorecer do futuro.

De fraque e cartola, o presidente entregou ao Brasil a nova capital, símbolo e síntese. Inovadora, a cidade viu as colunas dos palácios da Alvorada e do Planalto serem saudadas por André Malraux como invenção que desde os gregos não acontecia. Emocionante, sublimou-se na catedral, descrita pelo poeta Alphonsus de Guimaraens Filho como mãos em apelo voltadas para o que é longe e puro.

Brasília, rodoviária e bucólica, de asas abertas para o voo da história, abraçada pelas águas do lago generoso e pelas suaves colinas do planalto. A cidade se ergueu e se estendeu, cobriu de verde a poeira vermelha, descobriu verdes que deveria guardar, ultrapassou metas e limites, mas não perdeu o caráter advindo do gesto inaugural de Lúcio e Oscar. Brasília cheia de vida, repleta de histórias, como um livro de Vera Brant.

"O Brasil emergiu do barroco e encontrou o seu número", escreve a poeta portuguesa Sofia de Mello Breyner Andresen. Depois de São Francisco de Assis de Ouro Preto e do Aleijadinho, o Palácio dos Arcos de Oscar: "Atena ergueu sua cidade de cimento e vidro/ Atena ergueu sua cidade ordenada e clara como um pensamento".

Lógica e lírica
Grega e brasileira
Ecumênica
Propondo aos homens de todas as raças
A essência universal das formas justas

– acrescenta Sofia, que fecha o poema com a contemplação do Congresso:

"E há no arranha-céu uma finura delicada de coqueiro".

Brasília dos anjos circunvolantes de Alfredo Ceschiatti e do alfabeto azulejar de Athos Bulcão. Meteórica e candanga de Bruno Giorgi. Com o brasão legendado pelo poeta Guilherme de Almeida. Da Universidade verso e reverso de Darcy Ribeiro e do resgate monumental operado por

José Aparecido de Oliveira, ao matricular a pólis no patrimônio cultural da humanidade: *urbi et orbi*. Entre o polivolume de Mary Vieira e a floração de Maria Martins, no Itamaraty. Concha polifônica de Tom Jobim e de Cláudio Santoro. Brasília do imenso céu barroco sobre o chão desenhado por Burle Marx.

Brasília de Israel Pinheiro no canteiro de obras, desde as tábuas do Catetinho. E de Bernardo Sayão, primeiro mártir. E de José Aparecido contra os especuladores que horrorizam a paisagem. Um homem atravessando a superquadra: Nicolas Beher, berro porque berro neste desterro, poesia pau-brasília. Em busca de um desenho de Evandro Teixeira de Salles. No totem da pintura de Rubem Valentim. Volumes de Brasília em duas formas existindo, segundo o poema de João Cabral de Melo Neto:

Na de edifício em que se habita
E de edifício que nos habita.

"E a alma todo aberta se espraia", acrescenta o poeta pernambucano.

Brasília mítica e mágica, entre o drama e a trama, a geometria e o novelo, o dito e o interdito, celebra a epopeia cinquentenária e o século de Niemeyer. Espanto de Clarice Lispector e perplexidade nacional. Paraíso e inferno, estigma das síndromes brasileiras. Jovem e bela, polêmica e contraditória, tocada pela esperança, sob o céu de grandes nuvens barrocas, a cidade é contemporânea do futuro: o seu presente se ilumina pela aurora do amanhã.

Um mineiro na Semana de Arte Moderna

*Manoel Hygino dos Santos**

Daqui a oito anos, estaremos comemorando o centenário da Semana de Arte Moderna. O encontro de escritores, artistas e jornalistas no Teatro Municipal de São Paulo, nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, foi um marco na história do Brasil, pelo que também representou política e ideologicamente.

Em princípio, os promotores do evento – a palavra assume aqui seu verdadeiro significado – queriam que os autores brasileiros, os artistas, tomassem ciência e consciência do que acontecia na Europa em termos de vanguarda do pensamento. Não era um movimento exclusivo desse segmento social, como afirmou Mário de Andrade em conferência, vinte anos depois, na Casa do Estudante, no Rio de Janeiro, em 30 de abril:

"Manifestado especialmente pela arte, mas manchando também com violência os costumes sociais e políticos, o movimento modernista foi o prenunciador, o preparador e por muitas partes o criador de um estado de espírito nacional. A transformação do mundo, com a prática europeia de novos ideais políticos, a rapidez dos transportes e mil e umas outras causas internacionais, bem como o desenvolvimento da consciência americana e brasileira, os progressos internos da técnica e da educação,

---

* Jornalista, escritor, ocupa a cadeira 23 da Academia Mineira de Letras.

impunham a criação de um espírito novo e exigiam a verificação e mesmo a remodelação da Inteligência nacional. Isto foi o movimento modernista, de que a Semana de Arte Moderna ficou sendo o brado coletivo principal".

Como agora acontece, a sociedade queria mudanças, não só as queriam os intelectuais, os artistas, os escritores, o próprio desenvolvimento econômico e social queria transformação, adaptando-se ao novo tempo. Após os governos militares do início da República, os senhores rurais voltavam ao poder, fortalecidos pela vigorosa ascensão do café, que girava em torno do Eixo São Paulo – Minas. Sobreveio "a política dos governadores", quando os mandatários estaduais apoiavam o governo federal e este os governos dos estados".

Surgiram as oligarquias, grandes e prestigiosas famílias ou grupos políticos que se perpetuavam no poder. Minas e São Paulo, os estados mais populosos, se revezavam, fazendo a política do café-com-leite, que permaneceu até 1930.

Esse sentimento, consciência e atitude ganharam todos os segmentos aparecendo na música popular nos versos de Noel Rosa, lembrando que Minas dá leite, São Paulo dá café e o Rio de Janeiro dá samba. Não constituía a verdade, exatamente, mas era um espelho assemelhado da vida social, artística e política naquele período.

Após a primeira guerra mundial, terminada em 1918, em que um mineiro – Wenceslau Brás – se encontrava na presidência da República, as capitais brasileiras se metamorfosearam, à frente São Paulo. Houve um surto rápido de progresso industrial, a urbanização, o nascimento do segmento sindical, a burguesia cada dia mais forte, embora marginalizada pela política econômica voltada para a produção e exportação do café. A imigração europeia avançou, principalmente no sentido dos grandes centros, ou seja, São Paulo preferencialmente, e para a região cafeeira. De 1903 a 1914, o Brasil acolheu 1,5 milhão de imigrantes.

Nasce um novo país, dividido entre urbano e rural. Os trabalhadores se preparam, desde então, para embates em torno de suas reivindicações, os anarquistas aparecem sobretudo em São Paulo e publicam seus jornais, como *La Battaglia* e *A Terra Livre*. Eclodem na maior cidade brasileira as primeiras greves a partir de 1905, a mais importante delas em 1917.

Falava-se na Revolução Russa daquele ano, e o próprio Partido Comunista é fundado em 1922, representando simultaneamente o declínio anarquista.

Em setembro de 1922, um brasileiro chegava a Moscou para participar do IV Congresso da Internacional Comunista. Era Antônio Bernardo Canellas, de 24 anos, um dos mais jovens delegados dos 394 credenciados ao encontro. Canelllas sabia de cor e costumava repetir o pensamento de Kropótkin, anarquista russo: "Todas as coisas do mundo são de todos os homens, porque todos os homens delas necessitam, porque todos os homens colaboraram, na medida de suas forças, para produzi-las, porque não é possível avaliar a parte de cada um na produção das riquezas do mundo..."

A Semana de Arte Moderna compreendeu três sessões, nos dias 13, 15 e 17 fevereiro, principalmente por iniciativa do "festejado escritor, Sr. Graça Aranha, da Academia Brasileira de Letras", como noticiou *O Estado de S. Paulo* e atraiu muita gente ao Teatro Municipal; gente dos meios intelectuais e artísticos, e curiosos. No saguão, pinturas e esculturas que causavam espanto.

O orador oficial da abertura foi Graça Aranha, que disse a certa altura: "Para muitos de vós a curiosa e sugestiva exposição que gloriosamente inauguramos hoje é uma aglomeração de 'horrores'. Aquele Gênio supliciado, aquele homem amarelo, aquele carnaval alucinante, aquela paisagem invertida, se não são fogos da fantasia de artistas zombeteiros, são seguramente desvairadas interpretações da natureza e da vida. Não está terminado o vosso espanto. Outros 'horrores' vos esperam. Daqui a pouco, juntando-se a esta coleção de disparates, uma poesia liberta, uma música extravagante, mas transcendente, virão revoltar aqueles que reagem movidos pela força do Passado." A repercussão foi enorme, como se esperava. No dia 15, Menotti Del Picchia discorreu sobre arte e estética, lendo textos de Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Plínio Salgado. O público miava e latia. Ronald de Carvalho leu *Os Sapos*, de Manuel Bandeira, uma crítica ao parnasianismo. Nas escadarias do Municipal, Mário de Andrade leu fragmentos de *A Escrava que não é Isaura*. Perguntou depois: "Como pude fazer uma conferência sobre artes

plásticas, na escadaria do Teatro, cercado de anônimos que me caçoavam e ofendiam a valer?...”

Confusão e críticas e apupos, mas o movimento estava lançado com predominância de nomes fortes do meio literário e artístico de São Paulo. Di Cavalcanti sublinhou o lado político do movimento com ataque à aristocracia e à burguesia. Mário de Andrade definiu: “Lirismo: estado afetivo sublime – vizinho da sublime loucura. Preocupação de métrica e de rima prejudica a naturalidade livre do lirismo objetivado”.

Causou espécie a última noite. O maestro Villa-Lobos entrou em cena: de casaca... e chinelos; o público interpretou o episódio como futurista e vaiou. Só depois, pôde explicar que assim se apresentara no palco por força de um calo doloroso.

Entre os participantes da Semana, havia um mineiro, pouco conhecido presentemente: o poeta Agenor Barbosa, nascido em Montes Claros em 1896 e evocado recentemente por um historiador da região – Haroldo Lívio. Este reconhece que o vate norte-mineiro é até ignorado presentemente por seus conterrâneos, ainda que outro menestrel, Cândido Canela, o considerasse “o maior de todos os nascidos na cidade”. Foi reverenciado em São Paulo, que o elegeu para o rol dos dez maiores poetas paulistas, juntamente com Guilherme de Almeida, Menotti Del Picchia e outras celebridades e cresceu “ainda mais, conquistando lugar cativo no coração dos paulistas, que o tinham como um dos nomes gloriosos da literatura de São Paulo, a despeito de mineiro do sertão”.

Agenor, segundo Haroldo Lívio, foi o único participante aplaudido pelo público, que vaiara Manuel Bandeira, Villa-Lobos, Mário de Andrade e outros famanazes das artes.

Em sua cidade natal, fez o curso primário e, com a transferência da família para Belo Horizonte, aqui iniciou o secundário, que concluiria em São Paulo. Também lá se formaria em Direito e colaria grau em 1926, retornando a Belo Horizonte. Aqui, ingressou no serviço público e na imprensa como repórter do *Diário de Minas* e da *Folha de Minas*, nos quais também publicava poesias de sua lavra.

De volta a São Paulo, ingressou no *Correio Paulistano*, admitido na redação, dirigindo também a editoria literária de *A Cigarra*. Pode-se dizer

que se consagrara. Na paulicéia, em enquete da revista *Panóplia*, foi eleito como um dos maiores poetas de São Paulo. O escritor Mário da Silva Brito se refere a ele no livro *História do Modernismo Brasileiro*.

Em seu brilhante livro sobre a cidade, Nelson Vianna ([1]) transcreve soneto inédito de Agenor:

MONTES CLAROS

Na doçura sem fim do silêncio, que espalma
as suas asas sobre a noite, eu me avizinho
da terra, que me acena como um ninho
e, na distância, é sempre linda e sempre calma.

A minha terra vive dentro de minh'alma...
deixem que fale o coração, devagarinho...
Que eu pare um pouco, em meio à sombra do caminho
E lhe teça, a sorrir, este canto e esta palma.

Ouço, de longe, a voz do berço que me chama.
Voz serena de amor, de carinho e piedade
que é suave como um beijo e arde como uma flama.

Minha terra natal! Minha velha cidade!
Dentro do coração que te pertence, clama
a dor do meu exílio e da minha saudade.

Djalma Andrade, da Academia Mineira de Letras, na seção *História Alegre de Belo Horizonte,* publicada no jornal *Estado de Minas*, exaltou-o: "Agenor Barbosa, quando jovem, foi um dos poetas mais queridos de Belo Horizonte. Muito magro, muito pálido, escrevia nas revistas versos líricos, que eram gravados de cor pelas garotas de 1915. Nas varetas do leque de uma moça, numa festa de barraquinhas, escreveu:

Quando for nosso noivado
Será tão lindo o teu véu,
Que um beijo o trará bordado,
Pelas santas lá no céu.

Quando do centenário de Montes Claros, em 1957, a comissão organizadora dos festejos decidiu incluir Agenor entre os convidados de honra, mas ele não se dignou de comparecer. O poeta Cândido Canela, enraizado no berço, tomou-se de dores, embora nem sequer o conhecesse, e escreveu uma série de cartas na quais um velho bardo, supostamente Esperidião Santa Cruz, afastado da terra natal há mais de meio século, demonstrava morrer de saudade e deplorava não regressar à origem para rever os amigos.

O historiador evoca, como o próprio Cândido Canela me contou: "Esperidião foi o pseudônimo que o autor das cartas criou para substituir o nome real do homenageado. A cidade inteira acompanhou a publicação, na *Gazeta do Norte*, das cartas chorosas que chegavam toda semana. Nos saraus familiares, tornou-se o assunto predileto, porque o macróbio Esperidião, apesar de ancião de escasso convívio, recordava-se nitidamente da Montes Claros de sua mocidade. Declarava os nomes de sues antigos companheiros de bailes e serestas, como também se lembrava das donzelas românticas de seus tempos de rapaz. Ninguém sabia, exceto o jornalista Jair Oliveira, que se tratava de uma brincadeira do verdadeiro autor das cartas, e ambos se divertiam com o sucesso do público".

A correspondência era tão fiel à realidade, que pessoas de boa memória acreditaram ter conhecido pessoalmente o missivista Esperidião Santa Cruz, que, ao final, ficou muito mais conhecido do que o próprio Agenor. Maria Ribeiro Pires, escritora e oradora de mão cheia, está à procura de exemplares dos jornais que publicaram as cartas, há mais de meio século.

A coleção, contudo, foi recolhida a local não sabido.

(1) Vianna, Nelson. *Efemérides Montesclarenses*, Parte II. Coleção Sesquicentenário, vol. 5, Editora Unimontes, Montes Claros.

100 anos de Rubem Braga

*Danilo Gomes**

Senhora presidente da Associação Nacional de Escritores-ANE, Kori Bolivia; senhor presidente da Academia de Letras do Brasil, ministro Fontes de Alencar; prezados colegas e estimados amigos.

Vamos hoje homenagear um dos maiores escritores deste país, o capixaba Rubem Braga, nascido em Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo, em 12 de janeiro de 1913.

Em 1929, Rubem Braga matriculou-se na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, lá estudou por dois anos e depois se transferiu para Belo Horizonte, onde concluiu o curso, em 1932. Ainda estudante de Direito, começou a trabalhar no jornal *Diário da Tarde*, de Belo Horizonte, onde já morava seu irmão, o poeta e cronista Newton Braga. Passa a assinar crônicas e faz a cobertura da Revolução Constitucionalista de 1932 na frente de batalha, o Túnel da Mantiqueira.

Na II Guerra Mundial, acompanhou a Força Expedicionária Brasileira – FEB à Itália (1944-1945), como correspondente do *Diário Carioca*. Era, então, o Capitão Braga, sempre no *front*, em busca de notícias. Daí resultou o livro *Com a FEB na Itália – Crônicas de Guerra*. Em 1946, realizou a cobertura da primeira eleição de Perón, na Argentina, e, em 1956, da segunda eleição de Eisenhower, nos Estados Unidos.

---

* Jornalista, escritor. Da Academia Mineira de Letras, ocupa a cadeira nº 2.

Durante o ano, digamos, dourado, de 1950, morou em Paris, de onde enviava seus textos magistrais para o *Correio da Manhã*. Muitas dessas reportagens, crônicas e pequenos ensaios estão agora enfeixados no recém-publicado livro *Retratos Parisienses* (José Olympio Editora, 2013), com seleção e apresentação de Augusto Massi.

Em 1955, chefiou o Escritório Comercial do Brasil em Santiago do Chile. Em 1961, foi embaixador do Brasil no Reino do Marrocos, quando o tímido provinciano da pequena Cachoeiro teve de usar solene casaca, para tratar de temas diplomáticos com o rei.

Com Fernando Sabino, fundou a Editora do Autor e, depois, a Editora Sabiá. Essas casas lançaram, no Brasil, nomes de expressão, como Salinger, Gabriel García Marquez, Manuel Puig e Mario Vargas Llosa.

Além de escrever reportagens, artigos, ensaios, poemas e crônicas, principalmente crônicas, "o velho Braga", como gostava de ser chamado, fazia também traduções do francês, como da obra de Saint-Exupéry. Rubem Braga poeta? Sim. Além de suas crônicas serem pura poesia em prosa, deixou poemas, dentre eles o belo soneto *Tarde*, dedicado a Tônia Carrero, uma de suas mais conhecidas musas...

De 1975 até seu falecimento, em 1990, integrou a equipe de jornalismo da TV Globo, onde suas crônicas, principalmente sobre artes plásticas, eram lidas por famosos locutores.

Seu amigo, o grande romancista (e também cronista admirável) José Lins do Rego, publicou, em 1948, página deliciosa, intitulada "O poeta da crônica", que merece transcrição, pela graça do humor e pelo estilo coloquial:

"Afinal, o que quer o Rubem Braga? Sim, o Braga do Cachoeiro de Itapemirim, o filho do escrivão, o cigano de todas as terras, o poeta da crônica. Quererá o reino de Pasárgada, quererá a filha do rei, quererá "Oropa, França e Bahia"? O que quer o Braga, que tanto anda, que tanto ama, que tanto bebe, que tanto sofre, que tanto pinta? E que escreve tão bem, e se vai para a França, quer ir para Luanda; se vai para a Itália, quer voltar para o "Café Amarelinho". O que quer o Braga, que tudo quer e nada quer?

"Pobre do Braga, que não tem sossego, pobres das terras que o Braga pisa. Não pega raízes, não pega amores, não cria alicerces. Se avista terras de Espanha, fica logo pensando em areias de Portugal. Coração de pedra mármore, como diz a cantiga do Reizado de Alagoas. Sim, este Braga é assim como um "Don Juan" de povos e cidades.

"Mas não é. Tudo é aparência, tudo é visagem, tudo é mentira.

Eu sei o que o Rubem Braga quer. Ele pode enganar aos críticos, aos povos, às mulheres, aos bares, aos copos de "chopp", às marcas de "whisky", todos os cavalos brancos, ao Moacyr Werneck de Castro, aos partidos políticos, ao rei do Congo, aos ventos do Itamaracá. A mim, não. Ao pobre do José do Rego, ao menino de engenho de quarenta e sete anos, não.

"Eu te conheço, minha flor de laranjeira, eu sei o que és e o que pretendes, mestre Braga, que não és como o mestre Carlos do poema de Ascenso Ferreira, o que aprendeu sem se ensinar. Ninguém é mais ensinado do que o Braga. Ele sabe gramática, ele sabe física e química, sabe o que é a bomba atômica e sabe, do começo ao fim, o dicionário das rimas, o secretário dos amantes e alguma coisa do livro de São Cipriano. Garanto que sabe mais que o grande sabedor de tudo que é Graciliano Ramos. Mas, afinal, o que quer o Braga? É preciso dizer o que quer o Braga.

"E eu o digo. O Braga não quer outra coisa senão um simples pé de milho. Tudo o que ele viu, tudo o que ele amou, tudo o que debochou com o seu sorriso mais falso que os olhos de Capitu, nada é para o Braga que eu conheço. Dêem-lhe um pé de milho, ali no fundo do seu quintal, da Rua Júlio de Castilhos, e o Braga se desmancha na doce poesia da crônica mais terna que um sopro de brisa. Tudo o que é do Braga se confunde com a bondade de Deus. E ele é bom, claro, sem mágoa, macio como o seu pé de milho, um belo gesto da terra. Tudo o mais é conversa do grande poeta que se chama Rubem Braga."

Publicou numerosos livros de excelentes crônicas.

Rubem Braga tratava, em linguagem coloquial, sem nenhuma pompa e circunstância, mas com riqueza de informações, de temas grandiloquentes, como as catedrais de Ruão e de Chartres" (no livro *A*

Borboleta Amarela); de temas triviais, posto que saborosos, como aquele "Almoço mineiro", em que discorria, com unção gastro-seráfica, sobre torresmos crocantes, tutu de feijão e um dourado lombinho de porco assado. Nesse caso, o cronista, lírico, telúrico, "homem da roça", quase levitava, como um chefe de cozinha lá de Diamantina, de Mariana, de Tiradentes, de Ouro Preto, do Serro, de Santa Bárbara, de Montes Claros, a Montes Claros dos escritores Cyro dos Anjos e Manoel Hygino dos Santos.

É ele também o impressionante narrador realista, com pitadas de Zola, Aluísio Azevedo, Flaubert, em "O enxoval da negra Teodora", que o leitor encontra no livro As *Boas Coisas da Vida*.

Ele foi um mestre do bem escrever e do bem narrar, um virtuose do estilo literário, um mago contador de histórias às vezes cruas, às vezes líricas, primaveris mesmo, fosse discorrendo sobre catedrais da Idade Média, fosse sobre belas damas, um corguinho no meio do mato lá no pé da serra, uma pescaria no Acre, sobre um lendário sino de ouro numa pequena cidade daqui do querido nosso estado de Goiás.

Manuel Bandeira, grande poeta e cronista de escol, professor de literatura, lapidou este juízo certeiro, que está em seu livro *Flauta de Papel*: "Eu estava sentindo falta de qualquer coisa e não sabia o que era. (...) De repente me deu o estalo e achei: eu estava era sentindo falta da crônica diária do velho Braga: a semanal da *Manchete* não me bastava. Agora estou como quero: compro de manhã o *Diário de Notícias* e vou logo à segunda página, ao puxa-puxa de Braga. Braga é sempre bom, e quando não tem assunto, então é ótimo."

O depoimento de Millôr Fernandes, no *Jornal do Brasil* de 21-12-1990, é marcante: "Conheci Rubem Braga a vida inteira. Li Rubem Braga a vida inteira. Foi, sem dúvida, o ser humano que mais admirei a vida inteira."

O romancista Esdras do Nascimento esculpiu esta consagração: "Admirado por José Lins do Rego, Murilo Mendes, Guimarães Rosa e Clarice Lispector, ele é, de certa forma, um clássico da literatura brasileira. São pouquíssimos os autores que conseguem escrever de maneira tão simples e ao mesmo tempo tão sofisticada." (*O Globo*, 15-1-1989.)

Otto Lara Resende, grande estilista, de prosa sempre castiça, foi também enfático: "De *O Conde e o Passarinho* a este *As Boas Coisas da Vida*, a prosa de Rubem Braga é um exemplo de apuro do instrumento literário. Trata-se de um clássico. E de um mestre."

O humorista Stanislaw Ponte Preta (pseudônimo do cronista Sérgio Porto) contemplou Rubem Braga com um epíteto que pegou: Sabiá da Crônica. Em entrevista que o arredio cronista capixaba me concedeu, no saguão do Hotel Eron, aqui em Brasília, em 1986, Rubem me disse o seguinte: "O título foi uma brincadeira do Sérgio Porto. Mas o sabiá não é passarinho de cantar bonito, é monótono. O título não é lá muito elogioso..."

Fama de turrão e arredio o "velho Braga" tinha. Meio casmurro e resmungão, por temperamento, como seu tio e personagem Quinca Cigano: era essa a "imagem pública" que se tinha do mestre. Mas, no fundo, quando tocado no coração, aquele homem sensível era educado e amável. O jornalista gaúcho Rivadávia de Souza, que aqui morou, e que o conhecia bem, lá do Rio, definiu-o concisamente: "Um cacto por fora e um lírio por dentro."

O nosso colega Fabio de Sousa Coutinho, carioca da gema e torcedor do Fluminense, de quatro costados, diz ser Rubem Braga "o Urso de Ipanema." O título lhe assenta, porque o excelente cronista era, deveras, de modo geral, de conversa espartana e meio solitário. Mas, para os amigos mais chegados e para os familiares, era folgazão e, à vontade, contava casos e piadas, com sutil bom-humor.

O lirismo é uma das tônicas essenciais da prosa braguiana, sua marca registrada, sua quintessência, junto com machadiano humor.

Finalizando, lembro que o escritor, cosmopolita, internacional, estava sempre se lembrando de sua infância em Cachoeiro de Itapemirim, que ele chamava, carinhosamente, de "a capital secreta do mundo." Otto Lara Resende perpetuou com mão de mestre esta frase, que soa como idílico epitáfio: "A partir de Cachoeiro de Itapemirim, a partir da fonte inesgotável da sua infância, Rubem Braga alcançou a universalidade que só os grandes alcançam."

Vale leitura o livro de José Castello, *Na Cobertura de Rubem Braga*, que contém interessantes informações sobre o assim chamado "Urso de Ipanema", que se sentia feliz diante do mar-oceano.

Sofrendo de um câncer na garganta, nosso cronista, em companhia de seu fraternal amigo Edvaldo Pacote, foi ao Crematório da Vila Alpina, em São Paulo e lá, para grande espanto da atendente, solicitou sua própria cremação. Faleceu no Rio, em 19 de dezembro de 1990. Num bilhete, pedira a seu único filho Roberto, cuja mãe foi Zora Seljan, que as cinzas fossem, discretamente, depositadas nas águas do Rio Itapemirim, lá em Cachoeiro, de onde nunca saíra seu coração amoroso, acrescento eu. Eram 6h25 de uma triste manhã. O ponto final da história de uma vida que daria um romance.

Recomendo a leitura do livro *Rubem Braga – Um Cigano Fazendeiro do Ar*, Editora Globo, 2007, 610 páginas. Seu autor, Marco Antônio de Carvalho, cachoeirense, faleceu pouco antes de ver sua monumental obra publicada. Tinha apenas 57 anos de idade. Em crônica de 2009, Affonso Romano de Sant'Anna escreveu que Marco Antônio de Carvalho "fez uma biografia de 600 páginas canonizando Rubem de vez."

Por fim, mas não menos importante, quero destacar que o SESC mantém, há anos, concursos nacionais. São sete os Prêmios Culturais do SESC-DF: de Música Tom Jobim, de Pintura em Tela Cândido Portinari, de Fotografia Marc Ferrez, de Contos Machado de Assis, de Contos Infantis Monteiro Lobato, de Poesia Carlos Drummond de Andrade. Desde o ano passado temos também o Prêmio de Crônicas Rubem Braga, graças ao culto diretor regional, Dr. José Roberto Sfair Macedo, com o apoio do presidente do Conselho da Fecomércio-DF, Dr. Adelmir Santana, outro empreendedor ligado à cultura. O Dr. José Roberto é casado com a romancista Maria Célia Nacfur, da Diretoria da ANE, autora do belo romance *Uma Vida Longa Demais*, da Thesaurus Editora.

Discreto, desconfiado, arredio como seu legendário tio Quinca Cigano, mesmo sem querer brilhar Rubem Braga brilha na história da literatura brasileira. Meio sem jeito, querendo escapar, mas brilha, e para sempre.

Contos de passagem e o poder da escrita

*Fábio Lucas**

O primeiro atributo dos relatos enfeixados em *Contos de Passagem,* de Maria Lúcia Simões, constitui a criação de um vasto panorama de lembranças, evocações e fantasias regidas pela atmosfera poética.

Os conteúdos se sucedem desordenadamente. Compreendem desde a mais remota e tenra infância até a experiência amorosa.

E a forma transcende o modelo narrativo, marca a presença de uma escritora de quem o escrever é prática de todos os dias, é conquista da arte e da reflexão. Enfim, é criação literária, fruto obtido do estado e do saber, perpassado pela acurada sensibilidade.

Nos *Contos de Passagem* distribuem-se emoções passadas, tangidas pela nostalgia dos dias felizes. Mais agudos são os gritos dos desejos sufocados, sob o impulso da aventura. Mais aquecidas, ainda, são as fúlgidas aparições do inconsciente, libertas afinal dos controles do universo das relações. O súbito apelo do amor, sob mil disfarces.

O mais importante vem a ser a linguagem, produto de alta qualificação. Destila significados plurais, é polissêmica. Conduz o medo e a esperança que se ocultam na harmonia das palavras.

---

* Professor, ensaísta, autor de: *Do Barroco ao Moderno*, *Mineiranças*, *O Poeta e a Mídia? Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto*, *Lições de Literatura Nordestina*, *Ética e Estética de Érico Veríssimo*. Da Academia Mineira de Letras, ocupa a cadeira nº 22.

O tema do trecho "Acontece" conclui-se ao jeito de Maria Lúcia Simões: "Agora sei que tudo, assim como as pessoas e as esquinas, pode resvalar para o inesperado" (p. 55).

Há três janelas no conjunto de *Contos de Passagem*. Uma permite a leitura, pela autora, do mundo e de seus valores. A outra dá acesso ao mundo interior, pleno de sugestões rememorativas. A terceira pertence ao leitor, apto a desvendar o inconsciente que, por exemplo, intervém no capítulo "Natureza" e introduz a desgarrada mensagem final: "Amor nunca foi fácil" (p. 125). Esse e os outros fragmentos ficam à disposição do intérprete, campo livre, desafiador. A atmosfera lírica constitui um mar sem praias. A obra constitui um primor gráfico, enriquecido com imagens ilustrativas de Marcelo Drummond e Marconi Drummond. Confessional, a obra ajuda a dar sentido à vida da autora e estimula a intenção investigativa do leitor.

Preciosidades encontradas nos "sebos"

*Carmen Schneider Guimarães**

Os aficionados de livrarias guardam certa categoria muito especial: "os ratos", bisbilhoteiros de "sebos", isto é, lojas de livros antigos, alguns antiquíssimos, e que vêm a servir como verdadeiros "mimos" a esses farejadores bibliófilos.

Acostumada aos volumes enfileirados nas estantes, muitos deles saídos de lojas semelhantes às referidas aqui, deparei com um espécime que me chamou a atenção, por ter tirinhas de papel em determinadas páginas, indicando curiosidades. Grande número desses livros era de literatura jurídica, já que meu pai e meu marido davam-se à prazerosa arte de fuxicar em livrarias especializadas, sendo advogados. O tal livrinho, pois era pequeno e magro, exibia jeito de ser mesmo interessante, a partir da capa, verde-musgo, dura, identificando-se com letras pretas: LEGISLAÇÃO BRASILEIRA – Biblioteca da Livraria Acadêmica. Em letras maiores: CÓDIGO PENAL BRASILEIRO (dec. N. 847 de 11 de Outubro de 1890). Logo abaixo: Posto em dia com as remissões, contando as leis de imprensa, peculato e moeda falsa. No final do rosto do pequeno volume: 1924 – Livraria Acadêmica – Saraiva e Comp. Editora – Largo do Ouvidor – 5B São Paulo.

Começo trivial, próprio a todo Código Penal. *Dos Crimes e das penas, Dos crimes e dos criminosos,* com a explicação linear de que o "crime é

---

* Escritora, vários livros publicados. Da Academia Mineira de Letras (cadeira nº 5).

a violação imputável e culposa da lei penal", e no artigo imediatamente seguinte, "contravenção é o fato voluntário punível que consiste unicamente na violação ou na falta de observância das disposições preventivas das leis e dos regulamentos". Vem daí que encontrei coisa surpreendente. Justo agora que se debate o tema da responsabilidade criminal de menores, maioridade penal, etc. podemos ler o que o Código Penal de 1890 decretava: "Art. 27: "Não são criminosos: Parágrafo 1º Os menores de nove anos completos. Parágrafo 2º Os maiores de nove e menores de quatorze anos, que obraram sem discernimento. Parágrafo 3º Os que por imbecilidade nativa, ou enfraquecimento senil forem absolutamente incapazes de imputação". Depois de alguns artigos e parágrafos, vem o artigo 30, bem explicativo: "Os maiores de nove anos e menores de quatorze, que tiverem obrado com discernimento, serão recolhidos a estabelecimentos disciplinares industriais, pelo tempo que ao juiz parecer, contanto que o recolhimento não exceda à idade de dezessete anos". Curioso é que se vai deste ao artigo 399, parágrafo 2º que o complementa, juntamente com a condenação: "Dos vadios e capoeiras", constando do Capítulo XIII: "Os maiores de quatorze anos serão recolhidos a estabelecimentos disciplinares industriais, onde poderão ser conservados até a idade de 21 anos". E o artigo 400 é taxativo: "Se o termo for quebrado, o que importará reincidência, o infrator será recolhido, por um a três anos, a colônias penais que se fundarem em ilhas marítimas ou nas fronteiras do território nacional, podendo, para esse fim, ser aproveitados os presídios militares existentes".

Citados "Os vadios e capoeiras", o parágrafo único do artigo 25 diz o seguinte: "Nos crimes em que tomarem parte membros de corporação, associação ou sociedade (torcidas, mascarados, baderneiros?), a responsabilidade penal recairá sobre cada um dos que participarem do fato criminoso. O Capítulo XIII esclarece o assunto, quando lembra os desempregados: Art. 399. "Deixar de exercitar profissão, ofício, ou qualquer mister em que ganhe a vida, não possuindo meio de subsistência e domicílio certo em que habite; prover a subsistência por meio de ocupação proibida por lei e manifestamente ofensiva da moral e dos bons costumes: *penas* de prisão celular de quinze a vinte dias. (...) Os maiores

de quatorze anos serão recolhidos a estabelecimentos disciplinares industriais, onde poderão ser conservados até a idade de 21 anos". Curioso é o que se lê adiante: (...) "A pena imposta ao infrator será extinta se provar ter renda para sua subsistência ou se apresentar fiador idôneo que por ele se obrigue".

Continua uma série de crimes puníveis com penas leves ou pesadas, inseridas em títulos, tais como, no Capítulo II: "Dos crimes contra a segurança dos meios de transporte ou comunicação". Trata o capítulo de dano às estradas de ferro, máquinas, colocar objetos que as possam fazer "descarrilhar" (...). O mesmo capítulo cuida de atos criminosos que venham a causar interrupção ou dano (atear fogo a ônibus?) aos veículos de transporte ou comunicação, com pena de prisão celular de seis meses a um ano e multa de 5 a 20% do dano causado. Na página 60, Seção III, o título diz: "Peita ou Suborno". Aprendi que o artigo 214 (hoje muito comum) proibia ao cidadão ou cidadã receber para si, ou para outrem, diretamente ou por interposta pessoa, em dinheiro ou outra utilidade, retribuição que não seja devida; aceitar, direta ou indiretamente, promessa, dádiva ou recompensa para praticar, ou deixar de praticar um ato do ofício, ou cargo (...)". E amplia o leque incriminando aquele que exige, direta ou indiretamente, para si ou para outrem... (peita ou suborno era isso aí...). E o adultério também incriminava igualmente (prisão celular) a mulher e o homem, este carregando consigo na cumplicidade a concubina "teúda e manteúda"; na página 79, Capítulo IV. Vemos muitas palavras que foram envelhecendo e sumiram, tais como encontramos no Capítulo IV: "Tirada ou fugida de presos do poder da Justiça (...)". Se o indivíduo tirar, tentar tirar ou facilitar a fugida àquele que está legalmente preso, recebe prisão celular de seis meses, mas se a ação contar com violência e ameaças, o castigo será de um a quatro anos de prisão. Também a Subtração, Ocultação ou Abandono de menores, no Capítulo IV: prisão celular por um a quatro anos; caberá a mesma pena, no caso de sonegação ou substituição de infante menor de sete anos. Nada a declarar.

A cova

*Angelo Machado**

Não teve mesmo jeito. Depois de alguns dias ela acabou morrendo. Quase ninguém entendeu a dor de João Tibúrcio. Afinal de contas não precisava sofrer tanto. Mas ele não achava assim e enquanto abria a cova ia se lembrando de tudo que acontecera. Ela nascera e crescera ali, junto dele, e pouco a pouco passou a querê-la como se fosse filha. No início sua mulher também a admirava e se revezava com ele nos tratos. À medida que os anos passavam ficava mais viçosa e mais bonita. João Tibúrcio passava horas e horas perto dela, acariciando-lhe o tronco branco, admirando seu porte majestoso. Foi quando começaram os primeiros atritos com a esposa. No início apenas por causa das folhas que caíam e sujavam a varanda. Depois surgiu aquele galho que cresceu muito, impedindo que abrissem a janela.

João Tibúrcio estava suado e cansado com o esforço de abrir a cova. O trabalho era prejudicado pelas raízes que cruzavam de um lado para outro e que ele procurava não cortar. O monte de terra vermelha do lado de fora mostrava que o buraco já estava bastante grande.

O pior é que um galho forçou a janela e penetrou no quarto do casal. Pelo orifício entravam pernilongos e quando chovia o assoalho ficava todo molhado. Dona Laurinda exigiu que ele cortasse o galho. Brigaram. João achava que aquilo seria uma mutilação. Foi quando outro galho

---

* Escritor, médico, professor universitário, especialista em Ciências Biológicas.

começou a crescer assustadoramente em direção à janela da sala de visitas. Em poucos dias penetrou sala a dentro e as folhas passaram a cair diretamente no tapete. Sua mulher ficou furiosa mas não teve coragem de cortá-lo, de medo do marido. No íntimo João achava que ela tinha razão, mas a culpa não era dele. Quando um amigo lhe trouxe de Manaus aquela sementinha, nunca imaginou que se transformaria numa samaúma gigante. Se soubesse não teria plantado tão próximo à casa. Agora era tarde. Ele a viu crescer, dar a primeira flor, o primeiro fruto. Tornou-se uma árvore enorme cuja fronde cobria quase toda a casa e cujos galhos agora entravam pela janela do quarto e da sala de visitas. A sombra da árvore era deliciosa, mas quando chovia muito toda a casa mofava. Sua mulher (que era alérgica a mofo) tinha crises horríveis de asma durante as quais, quase asfixiada, lhe pedia com respiração estertorosa: Coooooorta a árvore... coooorta a árvore... coooooorta a árvore...

Mas João recusava-se a cortá-la. Estava apaixonado por ela. Adorava seu tronco, seus galhos, sua sombra, as flores, as raízes, o cheiro e até mesmo aquelas frutas enormes e duras que caiam sobre o telhado, quebrando as telhas.

No início, João tinha muito orgulho de sua samaúma e convidava os amigos para vê-la. Era a maior árvore da cidade. Pouco a pouco o amor de João pela árvore evoluiu para um ciúme sem nenhuma lógica. Deixou de trabalhar e passava todo o tempo debaixo dela, espantando os pássaros e os insetos que tentavam se aproximar. Um dia D. Laurinda encontrou-o inteiramente nu abraçado à árvore, as mãos espalmadas acariciando-lhe a casca, o rosto colado ao tronco liso. Apavorou-se. Depois daquele episódio a vida conjugal acabou. Nem podia ser de outro modo, com brigas quase diárias!

Quando vieram os frutos ele os apanhou com carinho levando-os para dentro de casa. D. Laurinda não permitiu:

– São seus. Leve-os para onde quiser, menos para dentro de minha casa.

João Tibúrcio passou a trabalhar dentro do buraco jogando terra para fora com a pá. A cova já estava bastante funda. Enquanto trabalhava, João Tibúrcio continuava rememorando a situação.

Há cerca de um ano começaram a surgir problemas com as raízes. Elas haviam penetrado debaixo dos alicerces da casa e uma delas levantou todo o assoalho da sala de jantar. Outra – engraçado como as raízes têm atração pela água – saiu certinha no fundo do vaso sanitário. Interessante foi uma raiz perdida que furou a lareira de um lado para outro. Uma noite acordaram com um barulho estranho: uma raiz tinha acabado de entrar debaixo da cama do casal. Com as chuvas a água se infiltrou no trajeto das raízes e a parede lateral do banheiro caiu. Um engenheiro que estudou a situação disse que não adiantava fazer nada. A única solução para salvar a casa seria cortar a árvore. Sob protestos da esposa João Tibúrcio recusou-se a fazer isto. As folhas e os frutos da árvore, agora com mais de 30 metros de altura, acabaram danificando completamente o telhado. D. Laurinda foi obrigada a mudar-se para o barracão da empregada, mas a árvore, como que por vingança, atacou o barracão com suas raízes. João Tibúrcio há muito tempo já dormia em uma barraca debaixo da samaúma. Às vezes ele achava que sua mulher tinha razão, mas faltava-lhe a coragem para tomar uma atitude contra a árvore. Tornara-se um escravo da planta que amava mais que tudo no mundo. Foi por isso que levou aquele susto, quando as primeiras folhas começaram a amarelar. A moléstia progrediu rapidamente: as folhas amarelavam, murchavam e caiam. Galhos e galhos foram rapidamente sendo acometidos. Um consolo ele tinha: foi feito tudo. Foram ouvidos os melhores agrônomos e os mais competentes botânicos, trouxeram até um americano especialista em brocas. Organizou-se uma junta de especialistas. João sofria ao vê-los colhendo material da árvore para exames de laboratório. Mas não teve jeito. A árvore secou todinha, espalhando folhas secas pelo telhado, pelo sótão, banheiro, sala de jantar e quarto de dormir. E ninguém conseguiu saber a causa da moléstia. Quer dizer, ninguém entre os especialistas, porque o jardineiro descobriu tudo e contou como D. Laurinda havia dado uma série de injeções de cianeto no tronco da árvore. Ele havia confirmado tudo ao achar a seringa e a lata do veneno escondidas. Maldade sem limites! Na certa ela estava achando que, quando a árvore secasse, ele permitiria que fosse cortada. Nunca!!! Ficaria ali em pé, seca

para sempre, até que apodrecesse e caísse, não importava que destruísse toda a casa.

João Tibúrcio acabou de fazer a cova bem próxima ao tronco seco da samaúma. Entrou no barracão, de onde voltou arrastando pelas pernas o cadáver da mulher. Em várias partes do corpo viam-se marcas roxas de injeções de cianeto. Depois da primeira injeção ela não acordara mais. Entretanto, ele fizera questão de dar várias outras nas pernas e no tronco. Usara a mesma seringa e agulha que havia servido para matar sua querida samaúma. Enterrou a mulher de pé até ao nível do umbigo. Como o tronco e a cabeça estavam caindo, foi obrigado a amarrá-la a uma estaca.

Já era noite quando a polícia chegou. Chovia. João Tibúrcio, abraçado ao tronco da árvore, tinha os olhos fixos na mulher que acabara de plantar.

Lira Marília

*Elizabeth Rennó**

Shakespeare, em um dos seus sonetos, canta os feitiços do amor. E diz:

Um dia crer nos versos meus quem há-de
Se eu neles derramar teus dons mais puros?
No entanto sabe o céu que eles são muros
Que a tua vida ocultam por metade.

E continua:

Chamem de pura exaltação da mente
E a meu verso exageros do passado.
Mas se chegar a tua estirpe a tanto.
Em dobro hás-de viver; nela e em meu canto.

O amor é pertinaz e construtivo, atravessa o tempo e o espaço, alça o infinito. Conhece-se Dante através de Beatriz; Romeu por Julieta; Abelardo por Eloísa; Marco Antônio por Cleópatra.

---

* Professora. Presidente da Academia Municipalista de Minas Gerais, Presidente Emérita da Academia Feminina Mineira de Letras; ocupa a cadeira nº 21 da Academia Mineira de Letras.

É Gonzaga quem afirma:

"Que belezas, Marília, floresceram,
De quem nem sequer temos a memória!
Só podem conservar um nome eterno
Os versos, ou a história.

Se não houvesse Tasso, nem Petrarca,
Por mais que qualquer delas fosse linda,
Já não sabia o mundo se existiram
Nem Laura, nem Clorinda.
(Lira XXIII)

Se assim não fosse, como chegaria Marília de Dirceu aos nossos dias, percorrendo toda uma rota de poesia vivenciada e admirada nestes duzentos anos de versos lidos e amados. Tão lidos e amados que constituem a obra mais conhecida e divulgada depois de *Os Lusíadas*, de Camões, na língua portuguesa.

A primeira edição foi enviada por Gonzaga a Marília em Vila Rica em 1792 e até hoje os versos de Dirceu ocupam lugar de preferência em meio a tantas outras composições.

Isto foi considerado pelo crítico Nelson Werneck Sodré, que afirma: "... os versos de Tomás Antônio Gonzaga aparecem como os primeiros dignos de serem lidos pelo brasileiro de hoje, que pode encontrar neles motivo de prazer literário." O referido escritor considera a obra de Gonzaga marca do início da nossa literatura.

Gonzaga propõe mil variações para o tema antigo, o do amor. Há neles o cruzamento entre mito e realidade, entre o social e o universal. Embora arcádico, possui autonomia bastante para não se restringir às imposições desta escola. Em sua obra, intérprete dos seus sentimentos, existe o talento de quem se reveste da permanência de sua sensibilidade poética.

Marília, a suave Maria Doroteia Joaquina de Seixas Brandão, recebeu pelas mãos de sua irmã Ana Ricarda o primeiro volume publicado. Eram os versos de Gonzaga, produto da angústia lírica do poeta, das quais foi inspiradora a menina de Vila Rica, as mesmas liras que ela devolvera ao amado em ato de coragem. E ao relê-las, o choro sentido e contido explodiu do seu coração vazio e desolado, de sua vida imersa em tristeza e solidão, ao ler:

Por-me-ão no sepulcro
A honrosa inscrição:
Se teve delito
Só foi a paixão
Que a todos faz réus.

O tempo decorrido sempre se fez lembrança dorida para a saudade que sentia Marília povoar-lhe o sentimento. Da arca de couro que se colocava no canto do quarto retirava um estojo de madeira onde havia guardado os versos do inconfidente e recordava:

Marília, de que te queixas?
De que te roubou Dirceu
O sincero coração?
Não te deu também o seu?
E tu, Marília, primeiro
Não lhe lançaste o grilhão?
Todos amam, só Marília
Desta lei da natureza
Queria ter isenção?
(Lira VIII)

Ainda no findar do século XX, nos albores da próxima era a ser vivida, existem marcas de um preconceito atingindo a mulher, herança de um contexto em que o analfabetismo era dom de virtude feminina.

Marília, na sua simplicidade de provinciana, ingênua e pura, vem demonstrar a força que adquiriu no processo inconfidente, que, *pari passu* ao de Vila Rica, sofreu a sua individualidade. Menina de 8 anos viu-se órfã de mãe e supôs-se responsável por seus irmãos menores: Ana Ricarda, Emerenciana, José Carlos e Francisco de Paula, apesar do desvelo de suas tias, já idosas, Catarina Leonor e Teresa Matilde e dos tios Bernardo Ferrão e João Carlos, que os acolheram e orientaram. Este o motivo para que não aceitasse, de pronto, a corte de Gonzaga e escondesse aos olhos de todos o seu coração cheio de amor. Marília viveu, aos 17 anos, o encantamento que Tomás Antõnio Gonzaga exerceu sobre ela pela figura de sua capacidade intelectual e sensibilidade, que fez com que se esquecesse da diferença de idade existente entre eles.

É obscura a fase pós-conjuração vivida por Marília em Vila Rica. Diz-se que recusara seguir para a África ao encontro do amado por divergir da atitude de Gonzaga, que julgara pusilânime, e por imposição familiar. Ou ainda que ao pretender encontrar-se com o noivo, chegara-lhe ao conhecimento o casamento de Gonzaga com Juliana Mascarenhas. Cecília Meireles reconta esse episódio:

Ai, terras de Moçambique,
ilha do fino coral,
prestai atenção às falas
que vão correndo pelo ar;

Aquele é o que vem de longe,
que se mandou degredar?
Por três anos às masmorras
o viram, triste, a pensar.
Os amigos que tivera,
amigos que não tem mais
Muito longe é Moçambique.
– Que saudade a alcançará?

foram para outros degredos;
– Deus sabe quem voltará!
A donzela que ele amava,
entre lavras do ouro jaz;
na grande arca do impossível
deixou dobrado o enxoval,
uma parte, já bordada,
outra parte
por bordar.
(Do Romance LXXI)

Envelheceu Marília, só com suas lembranças, alma cheia de dor em serenidade expressa. Seu coração não comportou outro amor. Tornou-se a encarnação das liras repetidas. Era a personificação do livro que inspirara. Pela recitação da ternura amorosa que continham, voltava a voz de Gonzaga na reminiscência dos amores da Noiva da Inconfidência e na presença de Doroteia, alvo da curiosidade de muitos que chegavam à Vila Rica apenas para conhecê-la.

Permaneceu no encantamento de Dirceu, fiel a um amor sempre presente até mesmo quando ela, vestida de noiva, com sua grinalda de flores de laranjeira, baixou aos 86 anos à solidão de seu sepulcro na igreja de Nossa Senhora da Conceição, matriz de Antônio Dias, sob o número 11. Marília é síntese do ideal que se traduz em modelo para que suas coestaduanas usem da liberdade criativa na produção de obras culturais que honrem a dignidade de Minas Gerais.

No ser Marília, onde se divisa sonho e realidade, onde o limite entre a fantasia e a verdade, onde termina Marília de Dirceu e começa Maria Doroteia Joaquina de Seixas Brandão?

Nos versos de Gonzaga, Marília é louvada em sua incorporação bucólica de Dirceia, Nise e Dafne, numa identificação com as divindades, em condições sobre-humanas. É pastora e é deusa. É Vênus e Estrela e sua imagem superpõe-se também à de Cupido, na idealização de Dirceu, pastor que se descreve assim:

Eu não sou, minha Nise, pegureiro,
que viva de guardar alheio gado;
nem sou pastor grosseiro,
dos frios gelos e do sol queimado,
que veste as pardas lãs do seu cordeiro.
Graças, ó Nise bela,
graças à minha estrela!

Este pastor, que não é pegureiro, mas pastor de essência superior, revivifica o Amor e o superpõe à amada. Em sua imagem especular remetida ao deus Apolo, adornada pela coroa do loureiro, árvore da transmutação de Dafne, repassada a Marília, torna a sua amada superior à própria Vênus, já que é deusa também e maior. Eis o que canta na Lira XXIX:

Apolo fitou os olhos
Na mão que regia o braço;
E depois de estar suspenso,
De me ouvir um largo espaço,
Assim diz: "O Deus Cupido,
Faz inda mais, do que eu faço,

Eu te dou a minha lira:
Louva, louva a tua Bela;
Porém vê que te concedo
Com condição e cautela..."
Eu lhe corto a voz dizendo,
Que só canto em honra dela.

E na Lira XXVI*:*
O destro Cupido um dia
Extraiu mimosa cores
De frescos lírios, e rosas,
De jasmins, e de outras flores.

Com as mais delgadas penas
Usa de uma, e de outra tinta,
E nos ângulos do cobre
A quatro belezas pinta.

Por fazer pensar a todos
No seu liso centro escreve
Um letreiro, que pergunta:
"Este espaço a quem se deve?

Vênus, que viu a pintura,
E leu a letra engenhosa,
Pôs por baixo "Eu dele cedo;
Dê-se a Marília formosa."

Não foi só de formosura o encanto de Marília. Aprendeu a versejar com Gonzaga, que lhe ensinou a conduzir rimas e métrica, pois o ritmo e a musicalidade já possuía o seu cantar.

Amores e Saudades contém 41 liras, que são atribuídas a ela em resposta às liras do amado, e depois, às cartas que lhe chegavam de Gonzaga, quando preso, única forma permitida, pelas autoridades, de correspondência: a que viesse através de versos. Essas liras compõem o *Dirceu de Marília*.

Ao Gonzaga que não se julgava "vaqueiro de tosco trato", como diz nos decassílabos de Lira I, responde Marília:

Eu, Dirceu, não sou pastora
De abastado
Grosso gado
Nem casal tenho que valha
A pena de ser notado;
Tenho minhas
Ovelhinhas
Da maior estimação;
Se não tens em mim riqueza,
Tens um firme coração.

Marília contagiou-se com o espírito poético de Dirceu, e após as instruções teóricas que lhe forneceu o amado, pode extravasar o seu sentir através das liras de *Amores e Saudades*.

Como sequência, vem o repassar de sentimentos e do debruçar sobre a história do Ouvidor-Poeta e de sua noiva surgem os versos que encerram este considerar analítico sobre a saga de um amor tão belo quanto impossível.

D. MARÍLIA PRIMEIRA

Marília
Quanto daria
Pelo teu vestido bordado
Pelo laço e a gargantilha
Pelo teu amor desvelado.

Marília
Veste meu manto
De ouro e azul recamado
De pedras e flores bordado
De prata e rubi cravejado.

Marília
Orna tua fronte
Com minha doirada coroa
De pingentes adornada
De pérola e de esmeralda.

A veste
Que me reveste
É feita de choro e dor
Campa de luto e sossego
Sem tresvario de amor.

Do cetro e do sinete
Senti a força mil vezes
A mão planejando vidas
Degredo e morte traçou
Nas arcadas corrompidas de sussurros e feridas.

Nossa dor assemelhada
Nos meandros dos tormentos
Da saudade mais cerrada
Em arca de ferro
Guardada.

Grilhões pesados funéreos
Aprisionam sentimentos
Nas lembranças de etéreos
Amores e de algemas
Que cercam com punhos férreos.

Casa Grande de Marília
Queluz de Dona Maria
Jardins, repuxo, coreto
Flores, frutas, luz do dia
Dueto de olaia e alamanda.

Sorte que se transmuda
Em tempo de curtição
Os passeios de Marília
Já não são os do querer
E os de Maria, então, repouso da maldição.

Séquitos, palafreneiros
Sumiram em fundo de estrada
De paragens irreais
Só guardas e conselheiros
Seguem o real caminhar.

Vultos de dois embuçados:
Sobe um vielas e becos
De Vila Rica a memória
Em rotas roupas surradas
Esvai-se o luso roteiro.

Amor que houve sentido
Em rijo e firme pulsar
Amor que houve deserto
De seco e duro faltar
Os fados entrecruzados que se pudessem trocar!

Sentir o pulsar do amor!
Comutar pena de dor!
Do desejo o entrelaço
Do repasso o permutar
Por espirais do espaço, o terror em seu findar.

BIBLIOGRAFIA

CARNEIRO, David. *Marília (Seu Julgamento Histórico)* B.H. Imprensa Oficial, 1952.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil.* R.J. Editorial Sul Americana, 1968, Volume I.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu*, R.J. Tecnoprint S.A.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu,* B.H. Vila Rica, 1992.

MALARD, Letícia. *"Gonzaga – O Pastor Apolo",* IN: *Escritos de Literatura Brasileira.* B.H. Comunicação, 1981, p.67-68.

MEIRELES, Cecília, *"Romanceiro da Inconfidência"* IN: Obra Poética. R.J. Aguilar, 1958, p. 645-888.

ROSOLIA, Orestes. *Marília.* S.P. Saraiva, 1957.

SHAKESPEARE, William. *24 Sonetos*. Tradução de Ivo Barroso, R.J. Nova Fronteira, 1975.

Personalidades Latino-Americanas IV
Mario Vargas Llosa

*Aloisio T. Garcia**

Vargas Llosa, personalidade multifacetada, é ao mesmo tempo romancista, dramaturgo, jornalista e contista e militou na politica, candidatando-se à presidência do Peru em 1990.

Reconhecido mundialmente pela qualidade da sua escrita, tentou mudar seu país pela literatura e depois pela ação política, sem sucesso, apesar de ter sido agraciado com o Premio Nobel de Literatura e gozar da admiração do seu povo e dos amantes da boa literatura.

Em *Peixe na água*, livro de memórias em que me honrou com uma delicada dedicatória em dezembro de 1994, Vargas Llosa declara: "Escrevo porque não sou feliz, escrevo porque é um modo de lutar contra a infelicidade."

Na ocasião, tive o privilégio de lhe oferecer um almoço em companhia do casal de renomados jornalistas Cyro Siqueira (falecido em 2013) e Anna Marina, e acompanhá-lo em visita ao prefeito de Belo Horizonte ao lado de Afonso Borges. Falou-nos da pobreza intelectual da América Latina, das desigualdades sociais que jogam milhões de seres humanos na miséria ou na mera subsistência e disse-nos da sua conversão ao liberalismo econômico, que traz a riqueza e alavanca o progresso, gerando emprego e renda, a ser distribuída em educação, saúde e segurança.

---

* Professor, historiador. Ocupa a cadeira nº 36 da AML.

Se triste se confessa Vargas Llosa, mais triste é o passado de seu país e a imagem que tem dele o laureado escritor. Sua infelicidade vem de um evento central e comovente que transformou sua vida e o impactou: o aparecimento, quando tinha dez anos, de um pai que lhe disseram sempre estar morto!!

Mas o recém-descoberto pai do jovem pré-adolescente não seria uma benção, acolhendo e apoiando o filho, mas uma maldição sinistra, que doravante afetaria negativamente sua vida.

Uma vida que encerra um romance, em que o fulgor do sucesso se mescla com a frustração, o abandono e o desamor de um pai, que após quatro meses do nascimento do filho, pede por carta o divórcio à mãe Dorita, alvo de seus maus tratos e abusos físicos, na rápida convivência matrimonial, ao estilo machista latino-americano.

A mãe ocultara a fuga e abandono do pai, para preservar o filho do sofrimento, mas a verdade é revelada 10 anos depois e o pai leva Mario para longe da família Llosa – que odeia e despreza – e seu pesadelo começava. Ele e a mãe apanhavam do pai violento, e até no Colégio Salesiano que frequentava, Vargas Llosa, ao pegar seu boletim de fim de ano, é vítima de um professor que tentou abusar sexualmente dele. O fato o afastaria definitivamente da religião e o mergulharia no ler e no escrever, e produziu belos poemas e cartas de amor, dedicados a uma namoradinha.

Mas como o pai não lhe dava mesada, escrevia curtas novelas pornográficas que vendia aos colegas do Colégio Militar, para onde se transferira após o episodio anterior.

E isso lhe custou caro na campanha presidencial, quando os velhos folhetins pornográficos voltam da poeira do tempo e ganham as páginas dos jornais na pugna eleitoral...

Mas a tristeza com seu país vem da conquista do Peru pelos espanhóis, onde a truculência subiu a um patamar ainda não visto na colonização da América. Os conquistadores perpetraram massacres, dizimaram milhares de índios, escravizaram outros milhares nas *haciendas* do novo Vice Reinado do Peru e o imperador Atahualpa foi gorreteado por ordem de Pizarro, mesmo após ter aceito o cristianismo pelas mãos dos franciscanos.

E pouco depois seu sobrinho Túpac-Amaru, herói nacional, é decapitado diante de milhares de índios em prantos e a dinastia inca acaba de forma trágica e cruel.

Até hoje, segundo Vargas Llosa, o Peru é um dos países com maior grau de preconceitos e divisões sociais, dividido em verdadeiras castas onde a cor da pele, a origem e o lugar na sociedade definem o destino de cada um. Em *Peixe na água*, ele descreve a sociedade peruana VARIOPINTA (multicolorida) em que "branco e *cholo* são palavras empregadas para definir alguém em comparação a outra pessoa, porque alguém sempre está menos ou mais bem situado do que outros, ou é mais ou menos pobre ou importante, ou de traços mais ou menos ocidentais".

O julgamento que Vargas Llosa faz do seu país é severo e algumas vezes prometeu abandoná-lo e nunca mais escrever sobre ele... mas tanto o desprezava quanto o amava e tentou mudá-lo pela literatura e depois tentou libertá-lo pela ação política. "Era um país de contrastes ferozes, de milhões de pessoas pobres" em 1990 e ainda hoje!

Enamorou-se do regime e da pessoa carismática de Fidel Castro e a sociedade igualitária e feliz que prometia e visitou Cuba cinco vezes, escrevendo em jornal e revista locais. Visitou a União Soviética, onde se assustou com o controle autoritário sobre a imprensa e a intelectualidade, o aparato burocrático e a grandiosa máquina militar, onde faltava a manteiga....

Mas em 1968, quando os tanques de guerra abafaram a Primavera de Praga, com a invasão da Tchecoslováquia, Fidel discursou apoiando a ação de Moscou e Vargas Llosa rompe com ele, escrevendo o memorável artigo "O socialismo dos tanques", no que é seguido por inúmeros escritores e intelectuais, dentre os quais Jean-Paul Sartre.

Nessa linha acusatória contra caudilhos e ditadores, tão comuns na historia centro e sul-americana, Vargas Llosa escreve a *Festa do Bode*, onde denuncia a ditadura de Trujillo na Republica Dominicana, vítima, como seus vizinhos, da truculência de governantes impostos pela força e mantidos com o exercício desmoderado dessa mesma força.

Aprofundando-se na literatura e desencantado com a militância política, escreveu seu quarto romance, *Pantaleão e as visitadoras*, onde

trata da prostituição tolerada e estimulada pelo exercito peruano. E em 2013 nos premia com *O Herói Discreto*, um romance mais otimista, vindo de um gigante entristecido pelas suas origens e pelo cruel passado de seu país.

Nesse romance, ambientado na cidade de Piura, entrelaça crimes, romances, ambições e momentos trágicos com instantes cômicos, focando as historias paralelas de dois personagens da cidade. Um deles rompe com as convenções impostas à sua classe social e o outro se mostra mais contido, ambos abrindo as veredas de suas vidas.

A trama nos traz o drama do relacionamento conflituoso entre pais e filhos rebeldes e afoitos em abocanhar sua herança, e o casamento de um velho magnata com uma jovem servente encerra uma forma de vingança contra o filho ambicioso.... estória comum em todos os tempos e lugares.

Nesse romance, aos 77 anos, Vargas Llosa, tendo como cenário o seu amado e odiado Peru, faz nova profissão de fé em valores maiores como a integridade e a decência, e nos traz um personagem novo, um Herói a nos confirmar que a continuidade da sua criação literária está assegurada, para gáudio de seus leitores e admiradores.

Marco Aurélio Baggio, imortal por merecimento

*Fábio Proença Doyle**

A vida e a obra de um menino do Carlos Prates que soube retribuir, com uma carreira de sucesso na Medicina e na Literatura, o apoio da mãe e da avó.

Marco Aurélio Baggio morreu segunda-feira. Fiquei sabendo ao abrir o *Estado de Minas* hoje cedo. Foi uma surpresa, um choque, uma tristeza. Eu o admirava há muito tempo, desde que nos conhecemos em um dos encontros felizes que a vida às vezes nos proporciona. Acredito ter sido na Academia Mineira de Letras, no Auditório Vivaldi Moreira, que ele frequentava sempre, prestigiando lançamentos de livros, palestras, conferências, debates, e as reuniões culturais da Universidade Livre. Ficamos amigos. Morávamos na mesma rua, no bairro de Santo Agostinho. E recebia regularmente os livros que ele escrevia e distribuía entre os amigos.

Marco Aurélio Biaggio nasceu no bairro do Carlos Prates, em 1943. Perdeu o pai ainda criança. Foi criado pela mãe e pela avó, com a ajuda dos tios. Foi sempre muito bom aluno dos colégios que frequentou. Buscava, e conseguiu, com o sucesso de sua vida de estudante e, mais

---

* Jornalista. Da Academia Mineira de Letras, ocupa a cadeira nº 10.

tarde, de médico e escritor, retribuir o sacrifício que mãe e avó fizeram para que ele pudesse estudar. Formou-se em Medicina em 1967, com apenas 23 anos. Três anos depois, já era professor de psicopatologia, no Hospital Galba Veloso. Por mais de 35 anos fez parte do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais. Dedicado, estudioso, trabalhador, aprofundou-se no estudo da psicanálise, passando a ser uma referência nacional naquela especialidade.

Outra de suas paixões era a literatura. Ele escrevia todos os dias do ano, nem que fosse um pequeno suelto, um soneto, uma frase. Aprofundou-se na vida e na obra de outro médico-intelectual, João Guimarães Rosa. Ninguém em Minas, certamente no Brasil também, conhecia tão profundamente o trabalho literário do mineiro João Rosa, e todos os fatos relacionados com a vida do menino de Cordisburgo, que se tornou diplomata, embaixador, monstro sagrado da literatura. Baggio era eclético em seus estudos. A psicanálise, acredito, o ajudava a analisar os seres humanos que se escondiam atrás dos romances, dos poemas, dos textos que ele descobria nos jornais e nas revistas literárias e científicas. Daí o interesse que seus escritos despertavam, e vão continuar a despertar, no espírito daqueles que buscam conhecer, não apenas na superfície, nos retratos, os grandes vultos do mundo intelectual brasileiro e universal.

Ele fez parte de dezenas de instituições culturais e científicas do país. Era titular da Cadeira 96 da Academia Mineira de Medicina. Da Cadeira 10 do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, do qual foi presidente, e um dos mais atuantes de sua centenária história. Era membro do Centro de Estudos Filosóficos, Antropológicos e Socioculturais. Da International Society for the Study of Personality Disorders, dos EUA. Do Instituto Mineiro de História da Medicina. Da Academia Brasileira de Médicos Escritores, do Rio de Janeiro. Do Conselho Científico da Federação das Santas Casas e dos Hospitais Filantrópicos. Da Academia de Letras João Guimarães Rosa. Autor de mais de 20 livros, entre eles uma biografia de Juscelino Kubitschek, médico, intelectual, ex-governador de Minas, ex-presidente da República. Outros livros: *O Psiquismo Humano*, *Serhumanologia*, editado em Porto Alegre, *Ensaios Humanísticos*, *Odes*, *69 Etapas Evolutivas*, *Contos & Realidades*, *Causação*

em Psiquiatria: o Endógeno, *Um Abreviado Grande Sertão: Veredas*, *Trans-Plante*, *Um Abreviado de Quase Tudo*. Nos últimos tempos, dedicava-se a estudar e analisar o capitalismo globalizado hegemônico, envolvendo pesquisas sobre os aspectos políticos, econômicos e sociais da conjuntura mundial. E ainda lhe sobrava tempo para publicar artigos em jornais, revistas de literatura e de psiquiatria (mais de 160 artigos catalogados), e para apresentar um programa semanal de televisão. Tudo isso lhe valeu o justo reconhecimento público, representado por títulos, medalhas, condecorações, entre eles o título de Honra ao Mérito de Consagração Pública como Profissional Destaque do Século XX, outorgado em 2000 pela Companhia Nacional de Eventos.

Registrei tudo o que foi lido no parágrafo anterior para lamentar a falta, naquela longa relação, do título que ele merecia dos intelectuais mineiros, o de Imortal da Academia Mineira de Letras. Ficamos a lhe dever uma cadeira na casa de Vivaldi Moreira, que se vivo fosse não o deixaria escapar, na busca que sempre realizava de talentos dignos da grandeza de Minas Gerais.

A linguagem do riso

*Côn. José Geraldo Vidigal de Carvalho**

Prolegômenos

O constitutivo formal da pessoa humana é ser ela uma subsistência espiritual no corpo. Matéria e espírito constituem suas raízes ontológicas.

Assim, como um espírito que enforma um corpo, a pessoa segue as condições da substância material e esta não pode ser desprezada.

Tal foi o erro de Platão, que considerava o soma como prisão da alma, túmulo do espírito.

Equivocou-se também Aristóteles, que julgava o homem como mero membro da espécie humana, portanto não tendo valor individual.

Pior a postura de Plotino que, segundo Porfírio, "tinha o aspecto de alguém que se envergonha de estar em um corpo".

Na filosofia cristã o homem todo é obra de Deus e esta filosofia promoveu o ser racional inteiro a pessoa, valorizando todas as atividades psicossomáticas deste ser admirável. Ora, no homem o corpo é o sinal, o instrumento privilegiado do espírito.

Esta missão leva, sob prisma inteiramente transcendental, ao cuidado para com o soma a ponto de se poder dizer que a beleza física, tomada aqui como equilíbrio orgânico, é um reflexo da eutimia interior.

Entre as partes mais significativas do corpo humano todo o conjunto bucal é das mais preeminentes. Isto não só para a boa saúde geral, como

---

* Professor no Seminário de Mariana durante 40 anos. Ocupa a Cadeira nº 12 na Academia Mineira de Letras.

para a estética, enquanto representação da harmonia global deste microcosmo.

Esta harmonia se manifesta, sobretudo, pelo riso.

O animal irracional não ri. O anjo também não, porque seu conhecimento é intuitivo e não racional. Donde a assertiva de Rabelais na obra *Gargantua: Rire est le propre de l`homme* – Rir é próprio do homem.

Apenas o homem é capaz de contrair músculos faciais em conseqüência de uma impressão alegre consciente, dado que ele raciocina e é capaz de tirar conclusões. O riso flui, assim, da própria, natureza humana, tanto que dizia Mme. Girardin que *La vérité est dans le rire* – a verdade está no riso, o qual expressa uma gama imensa de sentimentos.

Há, pois, uma linguagem do riso, espelho do estado da alma, pois ele revela a personalidade de cada um.

O homem é então um animal racional e até risível, pois dele também se ri.

Entretanto, esta manifestação tão profundamente humana para ser agradável deve ser bela.

Santo Tomás de Aquino define o belo como aquilo que agrada à vista – *quae visa placent*, portanto tem como ponto inicial a vivência da beleza.

Alberto Magno assinalou o fundamento desta vivência, a saber, o resplendor da forma – *splendor formae*.

Donde se conclui, de fato, que no homem e na mulher o riso só agrada se for belo, sobretudo quando expressa alegria.

A Monna Lisa, a Gioconda de Leonardo da Vinci, só pôde ser representada não com um riso, mas com aquele sorriso enigmático, lábios fechados. Do contrário a obra do renomado artista ficaria irremediavelmente feia, desfigurada, pois à fealdade se responde instintivamente com um movimento de repulsa no que tange ao rosto humano do ponto de vista fisiológico e seria, talvez, mais complicado para o referido artista apresentá-la de outra forma.

Hoje a odontécnica com suas várias especialidades permite ao ser racional um riso descontraído, bonito, fascinante, tanto mais que a beleza tem um caráter sugestivo e o entusiasmo suscitado por ela até enfeitiça o homem, que lhe sacrifica tudo.

A linguagem do riso

Há uma linguagem do riso. Há também a linguagem que leva ao mesmo. Como bem observou Cid Marcus, "cada cultura tem, à sua maneira, construções verbais peculiares para provocá-lo, para despertar o risível, usando para tanto vários recursos, como por exemplo, as chamadas expressões idiomáticas, no geral, incompreensíveis se traduzidas literalmente". (1)

É uma arte própria dos bons literatos lavrar textos que provocam nos leitores risos com uma infinidade de nuanças: gáudio, humor, incredulidade, condescendência, ironia, desprezo diante das cenas focalizadas, descritas com sutileza pelo artífice da palavra.

Neste caso o escritor possui muito mais recurso do que os pintores de telas, quando se trata da arte do retrato. Quem percorre os museus percebe que os personagens são retratados sérios, dando uma aura de dignidade especial como se o riso fosse uma característica de fraqueza interior.

Existe, portanto, uma metalinguagem do riso que merece atenção. Este pode, de fato, ser provocado pelas palavras que levam ao sentido de uma determinada situação causando, assim, o modo representativo da mensagem. Está embutido no discurso no qual é enunciado, no momento da representação enunciada. Compreende-se então a força simbólica da linguagem. Com esta o riso provocado pelo texto tem um liame profundo. Aí entra o valor do escritor, pois sem representação viva não há o efeito risível. O conteúdo transmitido ao leitor deve ser concreto, apto a lhe tocar a imaginação.

Eis por que, ao se percorrerem textos que provocam ou evocam o riso, se percebe como, com habilidade, os escritores empregam a metáfora, sobretudo, nas composições poéticas para melhor expressar o humor. É que a metáfora é um tipo especial de representação que associa um termo a outro para traduzir um pensamento mais rico.

Assim, o que faz rir na literatura tem um aspecto importante: a descrição de situações engraçadas pode ser burlesca, mas a própria linguagem pode transformar-se em objeto do riso quando o autor é capaz de explorar as inúmeras possibilidades criativas de manipulação dela.

O escritor e o riso

Apesar destas virtudes literárias, como observa Carlos Leonardo Weber Jorge, "talvez em virtude de sua origem tão geral – e freqüentemente de "baixa estirpe" – o humor tenha escasso atrativo para a crítica literária." (2)

O sério, de fato, se apresenta como um paradigma de sabedoria, o que pode ser uma causa da marginalização do que envolve a hilaridade.

No entanto, há algo existencial no fato do riso que oferece campo imenso para uma análise profunda.

Existe um aspecto fenomenológico que exige muita sutileza para captar a razão do contraste, o que levaria a uma revalorização da literatura de humor, na qual se pode apreender a essência fenomenal do que é hilariante.

Se o riso é um modo existencial e artístico, permitindo descobrir sua dimensão estética, o escritor que o sabe provocar merece ser encomiado, uma vez que com sabedoria penetra neste aspecto antropológico do homem.

O riso é essencialmente humano e de uma grandeza sem limites relativamente aos seres irracionais. Cunhou-se até o dito *rideo, ergo sum* – Eu rio, logo, existo", plagiando o que disse Descartes: *cogito, ergo sum* – Eu penso, logo, êxisto.

Além disto, se ressalte que um bom escritor humorista sabe explorar a finitude de quem é contingente e se envolve por vezes em situações engraçadas. Percebe com acuidade o imprevisto que não é racional numa situação de tensão que a torna cômica.

Esta tensão leva a uma solução inesperada excita uma manifestação de riso, dado que este escritor capta a absurdidade do que ocorre.

A Bíblia e o riso

Os diversos livros da Bíblia abordam os vários aspectos desta manifestação humana. Personagens bíblicos sabiam rir, e em vários trechos inspirados se apreende uma força cômica acentuada. (3)

Símbolo de alegria foram, porém, os risos de Abraão e Sara ao saberem que, apesar de idosos, teriam prole, e Isaac por ser considerado o filho do riso (Gen. 17, 17-19;18,12-15);

A condenação dos ímpios foi registrada no *Eclesiástico*: "A conversação dos insensatos é nauseante e o seu riso é orgia pecaminosa" (27,13). É que "o irresponsável, quando ri, faz grande estrépito, mas o homem sábio ri discretamente" (21,20).

Inúmeras passagens, indiretamente, condenam o riso dos petulantes, dos zombadores e os opõem aos assisados, sobretudo no *Livro dos Provérbios*. Condenação dos que riem por mera ironia diante das desgraças alheias. Trata-se de uma comunicação repleta de perversidade imanente. De fato, os zombadores têm uma maneira peculiar de expressar o seu escárnio, rindo da desventura alheia. São os opostos dos sábios que se manifestam com gáudio perante as circunstâncias afortunadas que envolvem a si e aos outros. O *Eclesiastes*, aliás, mostra que há o tempo certo de rir (3,4). O riso dos bons expressa o alívio da alma repleta das graças divinas, como bem diagnosticou Davi. "Desataram-se então os nossos lábios para o riso e a nossa língua para os cantos de alegria" (Sl 126,2).

Sentenças famosas

Ridentem dicere verum. Quid vetat? Que impede digamos a verdade, a rir? (Horácio, liv.I,sat.I,v. 24). De fato se pode abrandar a verdade com o véu de um gracejo construtivo.

Ridenda imbecillorum superbiloquentia – As fanforronadas são dignas de riso, proclamou Phedro (Epígrafe da fab. VI, liv.II). São as atitudes fora do comum, esdrúxulas, extravagantes que, com seus contrastes, causam espécie em razão da surpresa que provocam.

Risus abundat in ore stultorum – Na boca dos estultos o riso transborda. Falta-lhes, realmente o senso crítico para analisar os episódios, era o que se dizia no latim medieval. Se assim é, quando o sensato ri, sua mensagem merece ser decodificada.

Ride, cum tibi flendus eris – Ri, quando tiveres motivo para chorar, foi o conselho de Ovídio. (*Remedia Amoris* 494].

Ridere concessum est, vituperetur tamen cachinatio – O riso é permitido, mas censure-se a gargalhada, alertou Cícero (*Tusculanae* 4.31), pois a risada ruidosa e prolongada é sinal certo de desequilíbrio interior.

Ridere in stomacho – Rir no estômago, significa rir por dentro, rir à socapa, rir consigo mesmo, tendo sido captado o risível que a outros escapa.

Conclusão

Pode-se concluir que todo ser humano vive de sentimento, do patos, ou seja, do patético expresso na fala ou nos escritos e até na linguagem não-verbal. Por serem racionais, o homem e a mulher experimentam continuamente sensações, reagindo a tudo o que passa em seu derredor. É um fenômeno universal.

Ora, as emoções servem para comunicar e o riso é sempre a expressão de uma emoção.

Uma análise do riso social e cultural oferece assim um campo imenso para considerações sobre o significado do humor, desta disposição de espírito tão plena de significado antropológico.

Cumpre apreender a lógica e o paradoxo do riso num olhar sobre o contexto no qual está a veia cômica; a graça, o estado de alma de cada um, o que o leva a exprimir algo sério ou uma mera estultice.

É uma arte dos bons literatos lavrar textos que despertam nos leitores risos nas mais diversas ocorrências e, neste caso, a crítica literária destes textos merece também o louvor das Academias de Letras.

NOTAS

1 http://cidmarcus.blogspot.com.br/2012/03/divagacoes-sobre-o-riso.htm
2 http://www.letras.ufpr.br/documentos/graduacao/monografias/ss-2009/
3 Bíblia Sagrada, Tradução dos textos originais do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, São Paulo, Paulinas, 1967.

FONTES

BERLO, David K. *O processo da comunicação*. Portugal: Fundo de Cultura, 1970.

BORN, A. Van den et alii. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1977.

ESCALIER, Christine. *Pedagogie et humeur: le rire comme moyen de construction d'un public attentif d'une salle de classe*. Universidade da Madeira, Portugal.

MINOIS, George. *Histoire du rire et de la dérision*. Paris: Gayard, 2000.

GREDT Iosephus. *Elementa Philosophiae*. Friburgi Brisg., Barcinone: Herder, 1953.

LÉON-DUFOUR, XAVIER et alii, *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1972.

MALOUX, Maurice. *Dictionnaire des proverbes, sentences et maximes*. Paris-VI: Larousse,1960.

PAILLAT, Sylvie. *Métaphysique du rire*. Paris: L`Harmattan, 2014.

SILVA, Arthur Vieira de Rezende. *Phrases e Curisidades latinas.* Rio de Janeiro, 1952.

A poesia de Yeda Prates Bernis

*Ângela Vaz Leão**

A leitura de *Entressombras* (2013), a mais nova publicação de poemas de Yeda Prates Bernis, despertou em mim, além da costumeira admiração pela beleza de seus versos, o desejo de reler, ainda uma vez, os seus textos mais antigos. E foi o que fiz: dei um mergulho fundo na profunda poesia de Yeda. Fui percorrendo os dez volumes que precederam *Entressombras,* na ordem de sua publicação. E aí me veio a vontade de escrever um artigo que desse aos possíveis leitores não familiarizados com a poesia de Yeda uma ideia, ainda que superficial, do conjunto de sua obra. Queria que fosse um artigo cheio de citações de poemas, isto é, um artigo em que a bela voz poética de Yeda ocupasse tanto espaço quanto a minha própria voz. Isso, porque a maioria das suas publicações, a não ser a última, deve achar-se esgotada. E o meu propósito seria despertar naqueles possíveis leitores amantes de poesia um certo gosto, ou pelo menos uma certa curiosidade em torno da obra dessa grande Poetisa mineira. Como fazê-lo, senão multiplicando as citações de seus poemas, sem lhes poupar espaço? Pois foi assim que fiz.

★

* Professora Emérita da UFMG. Professora titular na PUC-MG. Publicou diversos livros, artigos e capítulos de livros, com destaque para as obras voltadas à literatura medieval, a estilística e a poesia mineira moderna.

O primeiro livro de Yeda Prates Bernis, *Entre o rosa* e *o azul,* de 1967, vem ilustrado por quatro belos desenhos a bico de pena da saudosa Sara Ávila e apresentado por prefácio de Mário Matos e posfácio de Martins de Oliveira. Fazem ambos o prognóstico da fulgurante carreira poética de Yeda.

Nos poemas dessa primeira coletânea, a voz de Yeda se ouve inteira, sem implícitos, em textos às vezes quase narrativos, embora já cortados, de longe. em longe, por momentos de expressivo silêncio. Os versos são livres, mas isso não impede a existência de algumas composições de medida regular. No poema *Saudade,* que transcrevo abaixo, cada estrofe, do ponto de vista versificatório, é **um** dístico em redondilha maior, enquanto, do ponto de vista sintático-semântico, é uma espécie de definição da saudade em frase completa, porém com elipse do verbo principal. Leiamos o poema:

Saudade

Saudade, flor de ternura
que nasce dentro da gente.

Saudade, lágrima quente
que rola dentro da gente.

Saudade, canto tristonho
que canta dentro da gente.

Saudade, balé de sombras
que dançam dentro da gente.

Saudade, flor de ternura
que morre dentro da gente.

(p.65)

Deixando de lado a concessão feita ao convencionalismo da métrica, *Saudade* é um poema moderno por vários aspectos. Note-se o jogo de oposições entre a primeira e a última estrofes, não obstante sua redação idêntica, apenas quebrada pelo contraste semântico entre os verbos *nascer* na primeira e *morrer* na última estrofe.

> Saudade, flor de ternura
> que nasce dentro da gente.
>
> (...)
>
> Saudade, flor de ternura
> que morre dentro da gente.

Observe-se, também, em todas as estrofes, a reiteração da palavra *Saudade,* e do sintagma final, *dentro da gente.* No todo, é um primor de técnica poética.

Pelos temas tratados, o volume *Entre* o *rosa e* o *azul* se divide em três subconjuntos de poemas, intitulados *Temas de mãe, Temas vários, Temas de amor.* No primeiro deles, seis belos poemas cantam a maternidade, desde a espera até o embalo do filho que nasceu. No segundo, a temática se multiplica: é a poesia que chega, com o vento do outono, com os primeiros cabelos brancos e a premonição de um futuro ignoto. Já no terceiro e último subconjunto, o tema que reina, soberano, é o amor. O destinatário é sempre o mesmo, invocado na segunda pessoa do discurso, como num diálogo em que não se espera resposta. Os poemas são belos exemplares de poesia amorosa, dentre os quais se destaca o metapoema *Oferenda:*

Oferenda

Se eu pudesse fazer um poema
meigo como a brisa das manhãs,
doce como pássaro submisso,
lírico como a flor que desabrocha,

se eu pudesse fazer um poema
onde as palavras perdessem seu sentido
e se transformassem em etéreas formas
em música suave

ou em volátil perfume
que inebriasse,

levar-te-ia, amor,
em oferenda,
este mágico poema.
(p.95)

Oferenda não é apenas um belo exemplar de poema de amor. É também um belo exemplar de poesia auto... referencial, ou, lembrando Jakobson e suas funções da linguagem, é um metapoema: um poema que fala de si próprio, *este mágico poema,* e que é idealmente descrito por quem faz a oferenda.

Sete anos depois, em 1974, vem à luz o segundo livro de Yeda, *Enquanto é noite,* prefaciado por Henriqueta Lisboa. São vinte poemas, também em versos e estrofes irregulares, de métrica pouco convencional, como fora o primeiro livro. Porém, naquele primeiro volume publicado, o conjunto de trinta e cinco poemas se estruturava, como vimos, em apenas três subconjuntos de temas. Já neste segundo, o conjunto de vinte poemas forma uma sucessão de grande diversidade temática. Ainda assim, em meio à variação dos temas e das formas, algumas composições se distinguem pela busca de certa regularidade estrutural. Veja-se, por exemplo, este fragmento de poema:

Fragilidade

Tênue concha
indefesa
sob pés
desavisados.

Pomba voando
inocente,
atirador
à espreita.

Delicada
flor de estufa
sob sol
canicular.
(...) (p.43)

Nos dois primeiros versos dessas três estrofes iniciais, temos seres femininos *concha indefesa..., pomba voando..., flor delicada* – ameaçados, na sua fragilidade, pela violência dos seres masculinos dos dois últimos versos – *pés desavisados..., atirador à espreita..., sol canicular.*

O poeta de tais versos só poderia ser, sem nenhum desdouro, uma poetisa. Aliás, chamá-la de *a poeta, uma boa poeta,* em vez de *a poetisa, uma boa poetisa,* como se tem feito ultimamente, sempre me pareceu um sinal de preconceito: preconceito às avessas, mas preconceito... Yeda Prates Bernis, assim como Henriqueta Lisboa, Cecília Meireles ou Gabriela Mistral, para citar apenas algumas, são grandes poetisas. Mas, só são poetisas porque são poetas, é claro! Ou será que, para ser verdadeiro poeta toma-se necessário renunciar ao feminino? E por que essa restrição de gênero não ocorre na nomenclatura de outras profissões? Convido os leitores a examinar duas frases, possíveis no português de hoje:

Entre os escritores da época, só houve *uma poeta.*
Entre os papas do século, só houve *uma papa.*

Brincadeiras à parte, que acham desses novos femininos? Não ficaria melhor dizer *uma poetisa* e *uma papisa?* Continuo, pois, a dizer que Henriqueta, Gabriela, Cecília e Yeda são grandes poetisas. Um preconceito não pode valer mais do que a gramática de uma língua.

Mas deixemos esse desabafo, talvez extemporâneo, e voltemos ao segundo livro de Yeda. A dor sem revolta, o cantar na ausência, a espera e a desesperança, toda uma gama enfim de sentimentos, sugeridos desde os títulos, se deixam entrever ao longo dos poemas de *Enquanto é noite.* A essa variedade-temática responde a grande diversidade formal, quer na medida dos versos, quer no contorno das estrofes, quer nos constituintes da frase. Com efeito, esses constituintes ora são explícitos até a quase redundância, ora implícitos como num jogo de adivinhações. No poema *Bem-aventurança,* por exemplo, em que todos os seis dísticos são formados por sintagmas nominais, não há um verbo sequer.

Bem-aventurança

Não a estrela mais brilhante
mas o simples vagalume.

Não a pedra mais preciosa
mas o seixo pequenino.

Não a orgulhosa orquídea
mas a modesta violeta.

Não o pensamento sábio
mas o puro, de criança.
Não a força do comando
mas a força da humildade.
Não a coroa de ouro,
mas a mais tosca, de espinhos.

(p. 91)

De um verso para o outro, a conjunção adversativa *mas* contrasta, de um lado, a plenitude, a opulência, o orgulho, e, de outro, a pequenez, a modéstia, a simplicidade. Porém, a ausência do verbo toma obscura a relação entre os dois grupos de seres contrastados. Estaria essa relação suficientemente clara para a Poetisa? Isto é: seriam rejeitados por ela os seres do primeiro grupo, e os do segundo, aqueles de sua preferencia? Ou outra hipótese: o ocultamento do verbo, com certeza intencional, visaria a preservar a multivocidade da linguagem poética e, em conseqüência, a liberdade de interpretação do leitor? Impossível saber ao certo.

★

A terceira coleção de poemas de Yeda publica-se em 1979, sob o título *Palavra ferida.* Como a primeira publicação da Poetisa, esta também vem ilustrada por Sara Ávila, agora em magníficas aquarelas, inspiradas no belo rosto da Autora. Prefácio de Alphonsus de Guimaraens Filho e orelhas de Edgar da Mata Machado conferem ao livro o seu merecido aval.

A diversidade estrutural dos poemas, que veio crescendo desde o primeiro livro, toma-se ainda maior neste terceiro, revestindo-se também de grande originalidade. Encontram-se poemas de forma totalmente inusitada, como *Árvore,* em que a Autora toma a árvore por destinatária. Dirige-se a ela em cada estrofe, iniciada sempre por um verbo no infinitivo, começado pela vogal *a* (como *árvore),* verbo que se explica em seguida por seis versos, todos com a mesma consoante inicial – *p* ou *r* ou *s*. Sintetiza-se o poema por um último infinitivo verbal solitário, em explícita declaração de amor à árvore:

Árvore

Adivinhar-te,
pressentir
por teus
poros a
palpitação de
pássaro
prisioneiro.

Auscultar-te,
rumor de
rio calmo em
ramos e
raízes
– remanso,
refrigério.

Abraçar-te,
sorver em
silêncio o
segredo de tua
sensível e
serena
seiva.

Amar-te (p. 11)

Essa estrofação original nem sempre tem caráter obrigatório: o estro inovador de Yeda não é incompatível com a tradição da quadra, que se faz presente em alguns poemas, em versos brancos. Porém, a adesão a essa estrofe tradicional (e até popular) libera a força poética de Yeda para concentrar-se na ideia: o *que morre no sonho* (...) é esta *luz se desmanchando em sombras,* esta *sombra se esgarçando em nadas.* Leiamos o poema inteiro:

Do sonho

O que escorre, do sonho,
é este líquen de fascínio
e mistério, seiva de cactos
sumo de transcendentes pétalas.
O que vive, no sonho,
é este frêmito de asas
peregrinas, esta música sutil
descortinando auroras.
O que morre, no sonho,
é esta flor deixada no deserto,
esta luz se desmanchando em sombras
esta sombra se esgarçando em nadas.
(p.49)

Uma especificidade estrutural logo chama a atenção neste livro. É uma espécie de epígrafe geral, estranha a princípio e válida para todo o conjunto:

Vocacional estrabismo divergente; um olho na terra. Assim iniciada na página da esquerda, na abertura do livro, antes do primeiro poema que vem na página da direita, aquilo que parecia uma epígrafe geral vai se repetindo ao longo do livro, sempre na página da esquerda, porém com o acréscimo, a cada página, de meio, um, ou dois versos. A pretensa epígrafe vai sendo transformada, assim, pouco a pouco, num longo poema de grande beleza. É o autorretrato de Yeda:

Auto-retrato

Vocacional estrabismo divergente:
um olho na terra, outro no céu.
Nadadora, vai singrando em largas
ou tímidas braçadas
oceanos, rios e lagos de emoção.
Solfeja alguns idiomas
para ler poemas,
cantar canções
e esconder, neles,
sua ternura pela humanidade.
Acredita em sereia, fada
Iemanjá, Saci Pererê e outras coisas
mágicas com que depara, desavisadamente.
Acha o livre arbítrio tão discutível
quanto a verdade,
e o bem e o mal, faces da mesma moeda.
Vive com Vivaldi no coração
e Debussy na ponta dos dedos.
Borda, com fios insólitos do tempo,
pacientes pontos de esperança.
Traz a alma na boca,
abraça e beija muito,
e vive sorrindo
para mostrar atávica
alegria infeliz.

(p.91)

Auto-retrato tão fiel como este só poderia resultar de autoexame muito lúcido. Com efeito, Yeda aí está, inteira, com seu canto emocionado, sua leitura poliglota, sua ternura por todos os seres, suas crenças ingênuas, sua coragem de discutir verdades feitas, seu amor à música e sua fala

transparente, que lhe revela a alma. Ao final, o retrato todo, às vezes contraditório, se resume numa *alegria infeliz,* verdadeiro "oximoro psíquico", se assim se pode dizer, onde sentimentos opostos de uma alma inquieta buscam seu ponto de harmonia.

★

Pêndula é o quarto livro de Yeda, publicado em 1983, com inteligente leitura de Audemaro Taranto Goulart, estampada nas duas orelhas. As páginas não são numeradas, e uma epígrafe tirada do *Eclesiastes* abre a coleção de poemas:

> Para tudo há um tempo.
> Para cada coisa há um momento
> debaixo dos céus.
> *(Eclesiastes, 3:1)*

E depois desse tempo bíblico, marcado para todas as coisas, vêm os tempos de Yeda, marcadores de sua poesia. Assim, dão ensejo a poemas que se estruturam em tempos diversos, adequados a cada hora do viver, como quer o *Eclesiastes.*

Minúsculo e admirável poema, por exemplo, *Violência,* apenas com quatro versos dissilábicos, oito sílabas métricas portanto, nos faz tremer de horror diante da imensurável ameaça da tecnologia moderna:

> *Violência*
>
> Um míssil
> explode
> o rosto
> de Deus.

Crente ou descrente, ninguém fica imune ao poema *Violência,* essa sugestão de fim de mundo que Yeda insere em *Tempo para matar,* uma das partes de *Pêndula.*

No extremo oposto, vem o *Tempo para guardar,* que anuncia o mais longo poema do livro. São nove estrofes desiguais, que evocam as diferentes *Vozes de Minas,* já passadas. E que vozes são essas? Sem declinar o seu dono, Yeda trata de evocá-las. A genial voz barroca que cinzelou o rito dos profetas; a voz pura do mártir ainda a acordar o futuro; a voz mariana do poeta; a fabulosa voz das veredas e sertões; a filosófica voz emiliana; a seresteira porém ciclópica voz juscelina; a sábia e justa voz miltoniana: onde estão essas vozes de Minas? Leiamos a última estrofe do longo poema:

Vozes de Minas,
ganga sonora,
arcaz de grave
lastro do eterno.
Vozes de Minas

onde estais?
Nos quintais,
no coração dos pardais,
nos beirais,
nos ais
do nunca mais.

A melancólica beleza da estrofe final lembra ao leitor que aqueles seres de elite – cantados anonimamente nas outras estrofes – mas que o leitor logo identifica na sequência como o Aleijadinho, Tiradentes, Cláudio Manuel da Costa, Guimarães Rosa, Emílio Moura, Juscelino Kubitschek e Milton Campos – fizeram a história de Minas. E suas vozes, num final melancólico, repercutem *nos ais do nunca mais.* Final melancólico, sim – *nos ais| do nunca mais* – porque a história não se

repete, e *nunca mais* Minas terá seres de elite como esses que fizeram a sua história.

★

Em *Grão de arroz* (1986), a pena de Yeda registra, dócil, a voz de Yeda, que, nesse quinto livro, só canta haicais. Oswaldino Marques, em elogioso prefácio, dá esclarecimentos sobre a natureza dessa espécie poética:

> haicai é a forma mais sucinta da poesia japonesa. (...) Consiste de três versos, o primeiro e último de cinco sílabas e o intermédio de sete. (...) Em que pese à sua brevidade, o haicai é um poema completo em si mesmo. Em seu exíguo espaço, pode projetar uma paisagem ou a subjetividade (p. 13). (...) Posto que Yeda Bernis observe o cânone estético, é livre a estruturação prosódica (p. 16).

O haicai de Yeda é feito à custa de imagens, metáforas, elipses e todas as figuras mais, de que se vale a poesia. Também composto de três versos, não obedece, entretanto, à métrica do haicai tradicional. Foi certamente sua originalidade que levou Oswaldino Marques a denomina-lo *haicayeda.*

Não é fácil, na safra dos *haicayedas,* todos belos, escolher quais os mais belos. Faço uma opção: escolho apenas alguns deles, dando preferência àqueles que tem como tema a água ou os animais:

> Na poça dágua
> o gato lambe
> a gota de lua.
> (p.33)

Neblina sobre o rio,
poeira de água
sobre água.
(p.41)

Cai da folha
a gota dágua. Lá longe
o oceano aguarda.
(p.89)

Pássaros em silêncio
Noturna chave
Tranca o dia
(p.43)

Inútil. A gaiola
nunca aprisiona
as penas do canto.
(p. 57)

Ângelus. Dedos da brisa
nas teclas das folhas
adormecem os pássaros.
(p. 77)

Essa pequena amostra de haicais à maneira de Yeda dá uma pálida ideia da riqueza do livro *Grão de arroz,* título bem achado pela sua adequação: por um lado, a diminuta dimensão do grão de arroz casa bem com a reduzida dimensão do haicai; por outro lado, a cultura do arroz, típica dos povos orientais, nos remete à cultura do haicai como fruto de particular sensibilidade poética, também oriental.

★

Chega 1992 e Yeda publica o seu sexto livro, O *rosto do silêncio;* com prefácio de Lacyr Schettino. São 28 poemas, diversificados pela temática, porém reveladores de algumas constantes da poesia de Yeda.

À primeira leitura, nota-se a contenção estilística, já presente em livros anteriores. O poema *Alquimia,* que com cinco versos abre o livro, é tão conciso que, à custa de algum esforço, poderia comprimir-se em um haicai. Pouco faltaria para isso:

Alquimia

Enterrei meu canarinho
junto à roseira.
Agora, a primeira rosa
vai amanhecer
cantando.
(p. 11)

Depois, em alguns poemas, reaparece uma religiosidade difusa, já presente em outros momentos da obra. É quando, em *Teofania,* entre galáxias e labirintos, *o rosto.de Deus sonha acordado* l *as coisas e seus nomes* (p. 38).

Mas essa impressão distante e diáfana se toma próxima e concreta, quando, em Kioto, um monge medita num jardim, enquanto toda a natureza também se cala em oração. E Yeda tem a certeza de que Deus está ali. Ouçamos a voz, quase prece, da Poetisa:

Junto a um templo

Tardinha.
Jardim em Kioto.
O tempo dormia nas coisas.

A um canto um monge
Zen tranquilo, sorriso de nuvem,
meditava.

Pedras oravam silêncios,
Flores celebravam lago e lótus.
O lago, quase céu.
O lótus, quase lua.
Deus estava lá, descansando.
(p.27)

Mas há um traço especial que distingue O *rosto do silêncio* de todos os outros livros: é a demonstração do amor da Autora pela língua de Racine e Baudelaire. O poema *Chanson pour Guilherme de Figueiredo* [Canção para Guilherme de Figueiredo], em alexandrinos rimados de impecável expressão francesa, traz um agradecimento de Yeda ao poeta e amigo, pela beleza de seus versos a Jean Sablon. As palavras de Guilherme de Figueiredo levam Yeda a recuar até a infância e a reencontrar, através de Sablon, o rio Sena e o ar de Paris. Cito pequenas passagens do original francês, cuja tradução faço em seguida, entre colchetes, em atenção aos leitores que, por desconhecimento dessa língua, poderiam, talvez, perder a beleza dos versos de Yeda:

Merci, mon ami, pour la beauté de tes vers sur Sablon (...)
Je te dois mon enfance éclairée, mon ami,
et ma mémoire des temps qui jamais ne reviennent.
(...) Je retrouve, sans cesse, à travers Jean Sablon
un reflet de soleil, comme un fil de chanson
que je déroule lentement de mon passé (...)
Ah! merci, mon poête, pour me rendre la Seine,
des fleurs, l'air de Paris, tant de rêves (...)
(p.40)

[Obrigada, meu amigo, pela beleza de teus versos sobre Sablon (...)
Eu te devo, meu amigo, minha inf'ancia iluminada
e minha lembrança dos tempos que não voltam mais.
(...) Através de Jean Sablon, eu reencontro, sem cessar,
um reflexo de sol, como o fio de uma canção

que eu desenrolo lentamente de meu passado (...)
Ah! obrigada, meu poeta, por me devolveres o Sena,
as flores, o ar de Paris, tantos sonhos (...).]

Mas não é só aí que Yeda atesta seu amor à língua francesa. Ainda outra vez, em O *rosto do silêncio,* nos versos de *Migração,* a Autora se dirige a um pássaro, que ela vai buscar num poema de Jacques Prévert, poema *impregnado de sortilégios.* Pelas minhas lembranças de antiga professora de francês, o poema de Prévert só pode ser *Pour faire le portrait d'un oiseau* [Para pintar o retrato de um pássaro]. Nem o Poeta francês nem a Poetisa brasileira, nenhum deles declina o nome do pássaro. Para Yeda, entretanto, essa ausência de nomenclatura não tem importância; antes, é adequada ao desenrolar do poema:

Não te batizo
de canário ou pintassilgo:
pouco importa teu nome
se qualquer substantivo pesa sobre tua leveza
de pensamento puro (...)
Viajo em teu enigma,
vislumbro o azul em teus andares,
te alimento com sementes de amplidão,
e te pouso, com cuidado,
na gaiola aberta
deste poema.
(p.37)

O poema de Prévert começa pela pintura de uma gaiola e a espera paciente e silenciosa da entrada do pássaro. E finalmente ele entra. Fechada a porta com o pincel, o pintor apaga, uma a uma, todas as finas grades em tomo da gaiola, tendo o cuidado de não tocar o pássaro com o pincel. Pinta depois uma árvore com a folhagem verde que recebe a

frescura do vento. Escolhe o mais belo dos galhos. Aí pendura a gaiola e espera que o pássaro se decida a cantar. Se ele cantar, diz o Poeta/Pintor, é bom sinal: terminada a pintura, o pintor já pode assinar o seu nome num cantinho do quadro.

Assim, no poema de Prévert, o pássaro é preso e só depois libertado da gaiola, então aberta, ou melhor, apagada, na pintura do quadro. Já nos versos de Yeda, o pássaro jamais foi preso. Nutrido *com sementes de amplidão,* ele é depositado na gaiola já aberta que é o próprio poema. Em ambos, pois, o pássaro está em liberdade. Impossível ler esse poema de Yeda com a sua tácita alusão a Prévert sem lembrar dois outros grandes poetas que cantaram a liberdade: Paul Éluard e Henriqueta Lisboa, por coincidência também um francês e uma brasileira, igualmente cultuados pela nossa Poetisa.

Em *Belo Horizonte bem-querer,* Henriqueta, celebrando o crescimento da cidade – ruas que se traçam, casas que se erguem, palácio que se constrói – celebra também o crescimento, no espírito dos mineiros, do senso de liberdade, estrela-guia da história de Minas. Já Éluard constrói longo poema em discurso direto, *Hymne à la liberté* [Hino à liberdade], evocando as inúmeras situações em que ele, desde a infância até a maturidade, por toda a parte, escrevia essa palavra. Eis o refrão [mal: *J'écris ton nom: LIBERTÉ* [Eu escrevo o teu nome: Liberdade].

★

Em 1994, vem à luz o sétimo livro de Yeda, *À beira do outono,* sem numeração de páginas. Três dezenas de poemas curtos se sucedem, longe de atingir a extensão de uma décima. Alguns têm os versos em distribuição estrófica, outros se alinham em sequência corrida. *À beira do outono* constitui o conjunto homogêneo publicado pela Autora. Nele comparecem alguns traços estilísticos presentes em outras obras de Yeda Prates Bernis. Num deles, a concisão quase tende ao silêncio:

Quase haicai

Do beiral dos dias
cai sobre mim
tênue chuva de estrelas,

estou molhada de luz.

Outra característica da poesia de Yeda em *À beira do outono* é mais complexa, porquanto tríplice: ela associa a composição poética em tercetos ao tratamento do tema da natureza e à presença da música, quando não nos poemas, pelo menos no seu título. Nessa linha, leiamos *Variações em tom maior,* em que o tema da noite vai-se diluindo no da madrugada, enquanto, em tom maior, o sino desperta flores e pássaros:

Variações em tom maior

A noite, trêmula,
com seu fardo de sombras
nos ombros.

Ponteiros invisíveis giram,
esgarçam, pouco a pouco,
um fado de opaca tristeza.

Um galo, voz clarissima,
chameja em prata
espaço entre as trevas.

Borboletas brincam de roda:
sobre um sino,
acordam o silêncio de bronze.

Uma azaleia
molhada de cristal
ensaia voo.

Asas de andorinhas
salpicam no céu
claridades e levezas

Variações em tom maior é o mais longo poema do livro *À beira do outono.*

Nele, enquanto a noite, pouco a pouco, vai se diluindo na madrugada, a natureza animal e vegetal se anima, em consonância com a música de um sino que, em tom maior, desperta o silêncio.

★

Segue-se *Encostada na paisagem,* de 1998, onde poemas de variadas composições alternam com novos haicais, no mesmo estilo dos *haicayedas* de *Grão de arroz.* Leiamos três deles:

Vem o beija-flor
do horizonte
molhado de arco-íris

Neblina.
Papel de seda embrulha
a paisagem.

O estrume do boi
a seiva do lírio:
alquimia.

Coerentemente, o livro se fecha por um poema que é uma curiosa receita poética para se compor um haicai:

Receita para um haicai

Se você quer compor um haicai,
à moda de Bashô,
mesmo imperfeito, verifique primeíro
se já viveu inúmeras vidas.
Comece por despojar-se do supérfluo
das vestes da alma:
paletó de esnobismo,
camisas de inquietude,
agasalhos de orgulho,
meias de apegos.
Deixe o espírito, em síntese, aquietar-se,

desnudo.
Perceba o cintilar da essência de tudo
que o rodeia,
Veja o mundo com o olhar dos anjos,
Faça de seus ouvidos concha de
inocência,
imite o Poeta Francisco.

Aos que aspiram a ser poetas, Yeda deixa aí sábios conselhos, inspirados em dois de seus mestres: o Poeta Franscisco, que na sua Assis do século XIII, cantou o irmão Sol e a irmã Lua, e o Poeta Bashô, que, lá no seu Japão do século XVII, ensinou aos discípulos como fazer haicais. Com ambos ela aprendeu a despojar-se da matéria e a desnudar a alma, condições para captar a essência das coisas.

★

Em 2004, Yeda Prates Bernis publica *Cantata,* com o subtítulo *Antologia poética / Não cronológica.* Os poemas da antologia foram selecionados, a pedido da Autora, por seus amigos e também poetas

Márcio Sampaio e Bartolomeu Campos de Queirós. A este último deve-se também o prefácio, que apresenta o livro como uma parte significativa do trajeto literário de Yeda. O título, *Cantata,* é de origem italiana e designa uma forma musical, composição de conteúdo lírico, relativamente extensa, em que as vozes têm acompanhamento instrumental. Os poemas, nesse livro, se reagrupam em subconjuntos que também recebem títulos em italiano, igualmente designativos de andamentos musicais – *Andante* (p. 29-*37), Tempo giusto* (p. 39-62), *Allegro* (p. 63-83), *Dolce* (p. 87-113).

Fiel ao meu propósito de proporcionar aos leitores o conhecimento (ou reconhecimento) de textos de Yeda Prates Bernis, hoje quase só possível em bibliotecas por estarem esgotados os livros, citarei alguns poemas, tirados de três dos subconjuntos citados.

Do primeiro subconjunto, *Andante,* destaco *Francisco,* nome do poeta e santo que Yeda já havia celebrado em *Receita para um haicai,* citado acima. Vejamos o poema de agora, que, em discurso direto, canta as virtudes do santo de Assis:

Francisco

Teu gesto,
        sagrada
        vitória
        da loucura.
Teus passos,
pegadas
de luz
        pelos tempos.
Teu espírito
        leveza
        de voo
        de teus pássaros.

Teu amor,
reflexo
do olhar
divino.
(p.36)

No subconjunto *Dolce,* vários poemas têm por título o nome de um instrumento musical, como *A flauta* (p. 88), *Solo de oboé* (p. 95), *Violoncelo* (p.106). Outros falam do canto, o que não nos deixa esquecer a exímia musicista e cantora que é Yeda. Vejamos:

Improviso

Dom maior é canto
de arcanjos – semibreve.
No princípio, um jubilato
arrebata aleluias.

Pouco e pouco, a escala
se despeja em decrescendo
de afiados bemóis
e rasga os dias.

Até que o solo de um clarim
– antes novelo de lã,
fio de aço agora –
estrangula o amanhã
(p.89)

O último subconjunto de poemas, o maior de todos, é *Pianissimo,* que se compõe somente de haicais, forma poética por mais de uma vez

cultivada por Yeda. Citemos apenas dois deles que, como muitos outros, falam de animais:

Prece em silêncio,
verde inocência;
louva-a-deus.
(p. 165)

o coração da aranha
se desfaz em geometria
de seda e mandala
(p. 172)

Após a numerosa série de belos haicais, o livro *Cantata* se fecha por uma riquíssima fortuna crítica da obra de Yeda, com nada menos que quatorze páginas, iniciadas por Antonio Candido de Mello e Souza e encerradas por Oswaldino Marques. Seria necessário alguma coisa mais para atestar a qualidade dessa poesia?

★

Passemos ao livro seguinte, *Viandante,* de 2006, que Yeda oferece a seu marido, Ney Octaviani Bernis, falecido havia pouco. O volume é belíssimo, não só pelos textos sentidos, que ecoam saudade, mas também pelos dramáticos recortes de fotos em preto e branco que os acompanham. Os poemas são curtos, com versos que vão de duas a quatro sílabas métricas, na maioria em discurso direto. Yeda se dirige a Ney sem revoltar-se pela separação forçada, numa inesperada aceitação da morte do amado, como quem tem a certeza de um reencontro futuro. Quando? Quando, ela não sabe. Mas sabe que esse reencontro se dará. E espera.

Desse livro, *Viandante,* não me permito fazer citações. Qualquer repetição das palavras de Yeda, quando dirigidas a seu marido que já empreendera a última viagem, me soariam como indiscreta profanação.

Passam-se sete anos. E em 2013, Yeda Prates Bernis publica o seu undécimo livro de poemas, *Entressombras,* com apresentação – *Uma palavra* – de Maria Lúcia Simões e prefácio – O *simbolismo imaginário da água e do tempo* – de Lina Tâmega Peixoto.

A estrutura do livro traz, como sempre, algo de novo em relação aos anteriores. Neste, cerca de uma trintena de poemas, impressos nas páginas da direita, têm sentenças que funcionam, nas páginas da esquerda, como espécies de epígrafes, frases que a autora tomou a pensadores dos mais diversos estilos e línguas. Máximas, definições poéticas, descrições de instantâneos da natureza, todas hauridas em filósofos e poetas os mais variados, de diferentes terras e épocas, assim como em poetas brasileiros do presente – eis a espécie de citações que, quase à guisa de temas explícitos, introduzem os poemas de Yeda. Sirva de exemplo esta definição do tempo, que Yeda busca em Platão:

> o tempo é a imagem móvel
> da eternidade imóvel.
>
> (p.38)

Na página em frente, lê-se um poema de Yeda, que se inspira nessa concepção platoniana do tempo móvel, concretizada, aí, na célebre imagem do rio, de outro filósofo antigo, Herác1ito de Éfeso. Leiamos o poema:

> *O rio de Heráclito*
>
> o rio de Heráclito
> inexiste no mapa.
> Atroz geografia
>
> carrega em seu leito
> tanto flor de laranjeira
> como rastros de sangue
> e corre em artérias

e seivas e nadas.
O rio de Heráclito
navega entre luzes
e sombras e ódios
e amores, impávido.
Inútil a barragem
de sonhos, coragem:
deságua nas águas
do eterno. Sem mágoas.
(p.39)

Como se sabe, o rio de Heráclito não é um acidente geográfico. É simplesmente um fato de linguagem, um ser mental a serviço de uma imagem – a imagem do tempo. Logo, conforme se lê no poema, esse rio *inexiste no mapa.* Mais do que isso: inexiste na natureza. A ideia do filósofo, entretanto, não é gratuita: repousa no fato de que ninguém se banha duas vezes no mesmo rio, já que as suas águas, como o tempo, fluem sem cessar. *Pánta réi,* tudo flui, diz o grego. E, nesse fluir constante, o rio tudo carrega em seu curso – e nos carrega também – até que suas águas, em contínuo movimento, deságuem nas águas do eterno, essas, sim, imóveis e sem limites.

Essa oposição entre o instante que passa e o eterno, entre a transitoriedade e a eternidade, acha-se tematizada em outros poemas de *Entressombras.* Leiamos, por exemplo:

Fluvial

Mítico relógio
não se importa com dezembro ou janeiro.

As horas
deslizam sem apelo
entre flores, pedras, sargaços.

O que foi, passou.
O que virá, incógnita.

Resta navegar nas águas deste Agora
até desaguar na imensidão de um mar.
(p.41)

Pánta réi: tudo flui, tudo passa. Não só os poemas de Yeda expressam essa ideia da transitoriedade de tudo, mas também o fazem algumas das frases em prosa transcritas nas páginas da esquerda do livro e selecionadas por ela para introduzir seus poemas. Só que os poemas o fazem de forma imagética ou alegórica, transformando o *pánta réi* em poesia, enquanto aquelas frases citadas em prosa o fazem, muitas vezes, em linguagem direta, usando as palavras em sentido próprio, sem metáforas. Como fez Boileau, citado pela Poetisa:

Depois que o tempo foge e arrasta-nos consigo, o momento
em que falo já está
longe de mim. (p. 28)

Bom exemplo, este, também para quem quiser mostrar a diferença entre prosa e poesia. É só contrastar essa frase de Boileau com um dos poemas de Yeda sobre o tempo. Ficará patente a distância que há entre o prosaico e o poético.

★

Finalmente, encerro meus comentários sobre *Entressombras* pela leitura do poema *Sabedoria,* que fecha a coletânea. Na página da esquerda, lê-se um verso de Henriqueta Lisboa, *Quero o silêncio perfeito,* que dá o tema da composição, além de servir de epígrafe ao poema de Yeda, que vem na página da direita:

Sabedoria

o sol a lua as estrelas
as montanhas as colinas

a orquídea a rosa a camélia
o jardim a gota d'água
– quietude zen –
aprenderam desde sempre
e mais que os homens
a eloquência do silêncio

(p.85)

A estruturação dos elementos constituintes do poema fazem dele um modelo de ordenação linguística, descendo do infinitamente grande – *o sol, a lua, as estrelas* – ao infinitamente pequeno – *a gota d'água.* Verso a verso, temos, primeiro, os astros nos confins do universo, depois os acidentes da superfície da Terra, em seguida as flores do jardim, e por fim a gota d'água. Desde sempre, em calada meditação, vêm todos ensinando aos homens a eloquência do silêncio.

★

Também para nós vai chegando a hora do silêncio. Lamentamos que tanta coisa tenha ficado por dizer a respeito da obra poética de Yeda Prates Bernis, que é, sem dúvida, exponencial no panorama da poesia brasileira contemporânea.

Se excluirmos *Cantata,* que não é uma nova coleção de poemas, mas sim, uma antologia da obra já publicada até então, *Entressombras* fica sendo a décima obra de Yeda Prates Bernis, Mas que não seja a última, espero eu. Faço votos para que outras ainda venham a público e tenham o êxito que tiveram as anteriores. As letras mineiras, ou melhor, brasileiras, só têm a ganhar com poesia desse quilate. Espero que a

modesta leitura que fiz de alguns poemas de Yeda Prates Bernis possa contribuir para que um ou outro leitor, não satisfeito com as amostras aqui deixadas, mas motivado por elas, vá aos originais. Estará cumprido o meu propósito. Pois nenhuma amostra, seja cópia literal, seja mera paráfrase, substitui a palavra poética de Yeda.

Carvalho Mourão e Martins de Oliveira, os próceres, e outras personagens da Comarca de São João Del-Rei

*Rogério Medeiros Garcia de Lima**

"As cidades, como as pessoas, são um composto de corpo e alma. O corpo é a estrutura externa, visível e palpável da cidade. A alma é a história, a tradição, a vida da cidade e a vida e a atitude das pessoas, que, num determinado período, representam o seu espírito". (Cardeal Dom Lucas Moreira Neves, saudoso são-joanense, no prefácio ao livro *Galeria das Personalidades Notáveis de São João del-Rei*, de Sebastião de Oliveira Cintra).

No final do século XVII, ao se iniciar o declínio do ciclo da cana-de-açúcar, foram descobertos os primeiros veios de ouro em Minas Gerais.

O centro econômico da antiga Colônia portuguesa foi deslocado do Nordeste para as terras mineiras. No lugar dos antigos engenhos, com suas casas-grandes e senzalas, surgiram e prosperaram centros urbanos. Um dos mais prósperos, desde então, é a pujante cidade de São João del-Rei.

Com efeito, no limiar do século XVIII o bandeirante Tomé Portes del-Rei, paulista de Taubaté, acampou às margens do Rio das Mortes, no local chamado "Porto Real da Passagem", onde se atravessava o curso d'água em pequenas embarcações.

---

* Desembargador do Tribunal de Justiça de Minas Gerais.

Assinalou, com a costumeira percuciência, o historiador Antônio Gaio Sobrinho:

"Tomé Portes del-Rei, em fins do século XVII, assentou moradia à margem esquerda do Rio das Mortes, tendo merecido, no ano de 1701, ser designado para o cargo de guarda-mor distrital para a cobrança dos quintos reais devidos a passagem do Rio das Mortes, no Porto Real. A ele coube a dita de assistir à fundação do Arraial Velho de Santo Antônio, em 1702, antes de ser, neste mesmo ano, assassinado por alguns de seus pajens e escravos. De modo que ele pode e deve ser considerado o iniciador do povoamento desta região e o fundador da atual cidade de Tiradentes.

"Quanto ao Arraial Novo, embrião da vila e posterior cidade de São João del-Rei, o certo é que sua fundação ocorreu em 1705, quando era autoridade regional o genro e sucessor de Tomé Portes, Antônio Garcia da Cunha, que, por esta razão, como brilhantemente arrazoou Fábio Nelson Guimarães, pode e deve ser considerado o fundador de São João del-Rei".

O diminuto núcleo nascente prosperou subitamente, quando foram descobertas jazidas de ouro na região do Córrego do Lenheiro.

A cobiça pelo precioso metal provocou a Guerra dos Emboabas, conflito sangrento entre paulistas e portugueses. "Emboaba" – ou "perna cabeluda" – era a designação pejorativa aposta aos reinóis e forasteiros que vieram disputar as minas de ouro.

Em meio aos encarniçados combates ocorreu o legendário episódio do Capão da Traição. Os paulistas, diante da ardilosa promessa de trégua dos "emboabas", depuseram armas às margens do Rio das Mortes. Os portugueses e aliados, escondidos em um matagal (ou capão), abriram fogo contra os paulistas. Inúmeros deles quedaram mortos.

Em 8 de julho de 1713 o arraial foi elevado a vila pelo governador de Minas e São Paulo, D. Braz Baltazar da Silveira.

(Apud BUENO, 2002; FREYRE, 1983; GAlO SOBRINHO, 2013; GARCIA DE LIMA, 2008; SURUAGY e WANDERLEY FILHO, 2000; TORRES, 1980, vol. 1; e': VIEGAS, 1969, *passim*).

II – São João del-Rei na História

Ainda no século XVIII, ganhou fama o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, herói da Inconfidência Mineira foi batizado na Freguesia de Nossa Senhora do Pilar da Vila de São João del-Rei, em 12 de novembro de 1746. O respectivo batistério foi recuperado já no século XX. Os Autos da Devassa registram depoimento no qual o intrépido Tiradentes se qualificou como natural da Comarca de São João del-Rei.

Também foi protagonista da Inconfidência a poetisa sanjoanense Bárbara Heliodora Guilhermina da Silveira. Foi casada com o ouvidor e poeta Inácio José de Alvarenga Peixoto. Demoveu o esposo de delatar aliados inconfidentes. Era preferível a morte à desonra da delação. O marido foi preso e degredado para o continente africano. Sobreveio à altiva heroína drama familiar e ruína financeira. No entanto, a posteridade a entronizou como símbolo da coragem da mulher brasileira.

Em 1808, a Família Real Portuguesa aportou no Rio de Janeiro. Fugia da invasão de Portugal por tropas de Napoleão Bonaparte. Foi aberto o caminho para a independência da colônia. Oliveira Lima considerou D. João VI "o verdadeiro fundador da nacionalidade brasileira".

Passado o terror napoleônico, os portugueses exigiram a volta do monarca à Metrópole. Pior, queriam restabelecer o *status* colonial da emergente Nação brasileira.

Foram os últimos estertores da colonização lusa. O Príncipe D. Pedro, que estava investido na regência da colônia, foi instado a levar a cabo o processo da Independência. Viajou por diversas cidades brasileiras.

Aqui em São João del-Rei, foi recebido com grande regozijo em 3 de abril de 1822. Segundo Augusto Viegas, a calorosa recepção exerceu decisiva influência "no espírito do impulsivo jovem".

Primeiro Imperador da nascente Monarquia Brasileira, D. Pedro I abdicou da Coroa em 1831 e voltou a Portugal, para disputar o trono com o insurgente irmão D. Miguel.

Nesses idos, ocorreu a célebre Sedição Militar de Ouro Preto (Vila Rica). Pugnando pelo retomo de D. Pedro I, restauradores exaltados depuseram o governo da Província de Minas Gerais, em 22 de março de 1833.

A Câmara Municipal de São João del-Rei oficiou ao governador para que aqui instalasse a sede da capital mineira, por breve período, até o restabelecimento da capital em Vila Rica. Belo monumento, conhecido como Chafariz da Legalidade, foi erguido para imortalizar a importante efeméride.

Durante o seu longo reinado, D. Pedro II visitou São João del-Rei. Em 28 de agosto de 1881, veio inaugurar trecho da Companhia Estrada de Ferro Oeste de Minas. Os festejos foram suspensos devido ao súbito falecimento do Conselheiro Manuel Buarque de Macedo, ministro da Agricultura, que se hospedara na casa de D. Maria Teresa Batista Machado. Não obstante o fatídico episódio, o monarca muito apreciou a cidade.

São João del-Rei resistiu à implantação da República. Em 23 de abril de 1889, Silva Jardim foi impedido por populares de discursar da sacada do hotel onde se hospedava. Ainda que exaltemos as virtudes republicanas, não podemos olvidar que a implantação do novo regime, em 15 de novembro de 1889, operou-se por um golpe militar.

De resto, a História contemporânea resgata a nobre figura de D. Pedro II, culto e mais "republicano" do que a maioria dos corrompidos presidentes que se sucedem desde 1889...

Já no século XX e durante a II Guerra Mundial, São João del-Rei registrou a participação heroica do 110º Batalhão de Infantaria (Regimento Tiradentes) na tomada de Montese (Itália).

Por fim, nos anos 1980, em pleno processo de redemocratização, oferecemos ao Brasil a iluminada figura de Tancredo de Almeida Neves.

Dr. Tancredo era um político nato, probo, culto e habilidoso. Ainda jovem deputado, explicava por que apresentou emenda à Constituição Mineira de 1946, da qual resultou a construção da usina hidrelétrica de Itutinga. Foi movido pelas lembranças do passado de estudante e leitor voraz. Frequentemente as leituras noturnas eram interrompidas pela falta de energia na cidade. E concluía:

– Isso é que me levou a entrar na política e só por isto eu estou na política até hoje. Foi para tirar a minha terra das escuras, da escuridão em que ela vivia.

Ao assumir o governo de Minas Gerais, em 1983, discursou da sacada do imponente Palácio da Liberdade: ,"Mineiros, o primeiro compromisso de Minas é com a liberdade. Liberdade é o outro nome de Minas".

Em 1985, proclamava aos brasileiros após sua eleição à presidência da República: "Se todos quisermos, dizia-nos, há quase duzentos anos, Tiradentes, aquele herói enlouquecido de esperança, podemos fazer deste país uma grande Nação. Vamos fazer".

O bravo são-joanense sacrificou a saúde e a vida para realizar o ideal democrático dos seus compatriotas. Foi sepultado no torrão natal, aos pés de São Francisco de Assis, santo da sua devoção. Repousa no panteão dos heróis da Pátria. Sobre sua modesta lápide se inscreve célebre sentença proferida outrora aos conterrâneos:

"Terra minha, amada, aqui terás os meus ossos, como última identificação do meu ser com este rincão abençoado".

(Apud CARVALHO, 2007; DELGADO, 1988; DELGADO, *Estado de Minas*, 27.02.2010; SILVA, 1985; GOMES, 2007; e VIEGAS, 1969, *passim*).

III – A Comarca do Rio das Mortes

Em 1714, foram criadas as primeiras comarcas mineiras: Vila Rica, com sede em Ouro Preto; Rio das Velhas, em Sabará; e Rio das Mortes, em São João del-Rei:

"À Comarca do Rio das Mortes foi nessa divisão, para a cobrança do ouro (..), atribuído o dilatado trecho da capitania que se estende do Ribeirão das Congonhas, nas divisas da comarca de Vila Rica, até a Vila de Guaratinguetá pela Serra da Mantiqueira ao Sul, não lhe assinalando a linha do oeste, por se tratar, como explica Diogo de Vasconcelos, ‹de sertão desconhecido›" (VIEGAS, 1969:33-34).

Sobre a criação da antiga Comarca do Rio das Mortes discorreu Francisco Brant (2009:27,66 e 67):

"Tamanho era o desmando em Minas que o desembargador José Vaz Pinto, nomeado em 1702 pela Coroa para colocar ordem nos arraiais do ouro, acabou expulso pelos paulistas, depois de se enriquecer escandalosamente com ouro contrabandeado. Ele não teve sucessor de imediato (..) porque o próprio Conselho Ultramarino do governo português capitulou. Os Conselheiros admitiram 'ser notória a liberdade' da vida em Minas e recomendaram suspender o envio de novas autoridades, porque não tinham 'coação para administrar justiça' (...).

"Em Geografia do Crime – Violência nas Minas Setecentistas*', a historiadora mineira Carla Maria Junho Anastasia narra diversos casos sobre personagens e crimes cometidos na Comarca do Rio das Mortes. Ela explica que, na comarca, a falta de ação pronta da autoridade - localizada em São João del-Rei e distante, portanto, dos ermos da Mantiqueira – o refúgio de criminosos em esconderijos acobertados; e as disputas em torno de limites entre as capitanias mineira e paulista facilitavam a impunidade e o exercício reiterado do mandonismo bandoleiro.*

"Ainda segundo a historiadora, o que mais estimulava, todavia, o crime era a ausência de autoridade política e administrativa nas áreas 'interditas', a 'terra de ninguém': no caso, as vastas áreas sem lei do antigo Sul de Minas. Do mesmo modo que os sertões do São Francisco, os da Comarca do Rio das Mortes estavam nesta situação".

IV – A atual Comarca de São João del-Rei

Atualmente, a Comarca de São João del-Rei possui as seguintes unidades de jurisdição: Vara de Família e Sucessões, P Vara Cível, 2a Vara Cível, P Vara Criminal e da Infância e da Juventude, 2a Vara Criminal e de Execuções Criminais, Juizado Especial e Turma Recursal do Grupo Jurisdicional de São João del Rei.

Está integrada, além do município-sede, pelos municípios de Conceição da Barra de Minas, Lagoa Dourada, Nazareno, Ritápolis, Santa Cruz de Minas, São Tiago e Tiradentes.

No dia 10 de julho de 2011, com as presenças do governador do estado de Minas Gerais Antonio Anastasia e diversas autoridades, o desembargador Cláudio Costa, presidente do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, inaugurou o novo prédio do Fórum Carvalho Mourão, em São João del-Rei. O governador do estado discursou:

"Obras bem planejadas e executadas, como o novo prédio do fórum, irão oferecer mais conforto e qualidade de atendimento ao jurisdicionado".

Na ocasião, foi prestada justa homenagem ao desembargador e ex-presidente do TJMG José Costa Loures, pelo incansável empenho em prol da edificação do novo prédio (Portal do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, captado em 26.8.2013).

V – Desembargadores

Falarei sobre alguns desembargadores nascidos em São João del-Rei.

O Conselheiro Dr. Lourenço José Ribeiro (1796-1865) foi desembargador da Relação da Corte, Procurador da Coroa, Fazenda e Soberania Nacional e Comendador da Ordem de Cristo. Foi também o primeiro diretor e professor do Curso Jurídico de Olinda, que em 1854 se transferiu para o Recife. O notável jurista Clóvis Bevilacqua escreveu sua biografia (CINTRA, 1994: 202-205).

Luís Antônio de Andrade (1908-1993), filho de Odilon Barrot Martins de Andrade e Maria Botelho de Andrade foi desembargador do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, cuja presidência ocupou no biênio 1976-1977. Exerceu o magistério e publicou diversos livros e artigos jurídicos (CINTRA, *Tribuna Sanjoanense*, 11.2.1994).

Marcelo Santiago Costa (1914-2007) foi juiz de carreira do antigo estado da Guanabara. Promovido a desembargador, foi presidente do Tribunal de Justiça (1977-1978) e do Tribunal Regional Eleitoral do Estado do Rio de Janeiro (1982-1983). Lecionou Direito Internacional Privado na Faculdade de Direito da então Universidade do Estado da

Guanabara, atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ (Portal da Procuradoria-Geral do Estado do Rio de Janeiro, 3.9.2013).

Rogério Medeiros Garcia de Lima, autor deste texto, nascido em 1961, filho de Euc1ydes Garcia de Lima Filho e Laís Medeiros Garcia de Lima, é magistrado de carreira desde 4 de outubro de 1989. Foi empossado como desembargador do Tribunal de Justiça de Minas Gerais em 24 de janeiro de 2008.

Luiz Artur Rocha Hilário, nascido em 1956, filho de Raimundo Hilário – o saudoso "Dinho" Hilário – e Lenir Rocha Hilário, também magistrado de carreira, é desembargador do Tribunal de Justiça de Minas Gerais desde 12 de dezembro de 2011.

Uma curiosidade: o desembargador Luiz Artur e eu atuamos juntos, na década de 1990, como juízes titulares da Comarca de Montes Claros-MG.

Não posso deixar de destacar a figura ímpar do desembargador José Costa Loures (1925-2013), magistrado de carreira e ex-presidente do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (1995). Nascido em Rio Novo-MG, passou a infância e juventude em São João del-Rei, onde também se casou com Lair Rocha Loures. Era, pois, são-joanense adotivo.

O desembargador aposentado do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, Luis Carlos Biasutti, natural de Santa Teresa-ES, é também filho adotivo de nossa terra, por laço matrimonial com Maria Marta Costa Biasutti.

Relaciono, enfim, ex-juízes de direito da Comarca de São João del-Rei promovidos ao cargo de desembargador do Tribunal de Justiça de nosso estado: Cândido Martins de Oliveira Júnior, Enéas Guimarães Mendonça, Odilon Ferreira da Silva, Antônio de Pádua Oliveira, Marcílio Eustáquio dos Santos, Jayme Silvestre Corrêa Camargo e Paulo Carvalho Balbino.

VI – Dr. Odilon Andrade

Natural de Andrelândia-MG, Odilon Barrot Martins de Andrade foi promotor de justiça e juiz de direito em São João del-Rei, entre 1898 e

1909. Foi eleito presidente da Câmara e agente executivo de nossa cidade, por duas legislaturas (1912-1919). No mesmo período, foi eleito à Assembleia Mineira, cuja presidência ocupou até 1915. Foi eleito deputado da Câmara Federal e se transferiu para o Rio de Janeiro em 1922, onde também lecionou na Faculdade de Direito (VIEGAS, 1969:219-220).

Seu filho Luís Antônio de Andrade, referido acima, foi desembargador do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro.

VII – Ministério Público

Na Comarca de São João del-Rei sempre atuaram notáveis promotores de justiça.

Destaco o Dr. Tobias Rodrigues de Mendonça Chaves, nascido na vizinha cidade de Coronel Xavier Chaves. Foi promotor de justiça da Comarca entre 1935 e 1955 (VIEGAS, 1969:39). Transferido para Belo Horizonte, exerceu a chefia do Ministério Público Estadual, no cargo de Procurador-Geral de Justiça.

O Dr. Epaminondas Fulgêncio Neto, promotor de justiça da Comarca entre 1986 e 1988, também ocupou, na década de 1990, o cargo de Procurador-Geral de Justiça do Estado de Minas Gerais. É procurador de justiça em atividade e leciona na Faculdade de Direito Milton Campos, em Belo Horizonte.

Luiz Fernando Mendes Salomon foi promotor de justiça da Comarca nas décadas de 1960-1970. Era muito estimado na cidade. Com sua esposa, a saudosa Dona Maria Cândida, foi grande amigo de minha família. Presidiu a Associação Mineira do Ministério Público (1981-1983). Já falecido, aposentou-se no cargo de procurador de justiça.

Natural de São João del-Rei, o Dr. Luiz Alberto de Almeida Magalhães fez carreira no Ministério Público do Estado de Minas Gerais, onde hoje ocupa o cargo de procurador de justiça.

Aristides Junqueira Alvarenga ocupou, entre 1989 e 1995, a chefia do Ministério Público Federal, como Procurador-Geral da República. Nasceu

em São João del-Rei, em 2 de março de 1942, filho de Luiz de Melo Alvarenga e Alice Junqueira Alvarenga (Portal Ministério Público Federal, 23.8.2013). Aposentado na carreira pública, advoga hoje em Brasília.

O autor deste artigo integrou o Ministério Público mineiro entre 1986 e 1989, a partir de quando ingressou na carreira da magistratura estadual.

Entre 1932 e 1935, o presidente Tancredo de Almeida Neves (1910-1985) exerceu a promotoria na terra natal (VIEGAS, 1969:39).

O jornalista Sebastião Nery, exímio narrador do folclore político brasileiro, descreve saborosa passagem dessa fase da vida do futuro presidente da República (NERY, Folclore Político).

Em 1946, Dr. Tancredo fazia campanha para a eleição de deputado estadual. Em viagem à cidade de Andrelândia-MG, o político são-joanense dirigiu-se a uma barbearia.

– O senhor é o Dr. Tancredo? – perguntou o barbeiro, enquanto afiava a navalha. Nesse instante, o candidato reconheceu o réu a quem, nove anos antes, em São João del-Rei, acusara pelo assassinato da esposa. O acusado, chamado Jésus, fora condenado a dezoito anos de prisão.

– Cumpri nove anos e estou aqui com a navalha e o senhor aí, com a barba por fazer...

Tancredo ficou mudo, em pânico. Jésus filosofava, enquanto escanhoava o rosto do cliente:

– Que coisa bonita é um júri, hein, Dr. Tancredo?

Findo o serviço, o importante freguês, que escapara ileso, agraciou o barbeiro com vultosa gorjeta.

VIII – Serventuários de justiça

Para simbolizar os serventuários de justiça, que serviram e servem com denodo à Comarca de São João del-Rei, cito o Dr. José Caetano de Carvalho, o Dr. Francisco de Almeida Magalhães – ambos já falecidos – e a Sra. Maria de Lourdes Baccarini Viegas, a Dona Lula, querida e admirada por todos nós.

IX – Figura folclórica

Evoco, com imensa saudade, meu amigo Luiz Antônio de Carvalho Mauro (1946-2010), Oficial do Registro de Títulos, Documentos e Pessoas Jurídicas de São João del-Rei.

Por ocasião de seu falecimento, publiquei crônica na *Gazeta de São João del-Rei* (edição de 4.12.2010), cujo teor transcrevo:

> o amigo partiu
> Rogério Medeiros Garcia de lima
>
> Ulysses Guimarães foi um político brasileiro notável. Exerceu corajosa oposição ao regime militar e liderou a inesquecível campanha "Diretas Já". Septuagenário, presidiu como um jovem dinâmico a Assembleia Nacional Constituinte, da qual resultou a democrática Constituição de 1988. Amava a vida e declarou a um repórter da revista *Veja: – Se um dia você vir* o *meu cortejo fúnebre, pode dizer: ali vai um sujeito contrariado.*
>
> O "Senhor Diretas", após acidente de helicóptero, desapareceu no mar de Angra dos Reis, sem cortejo fúnebre. Mas sua frase, gravada na memória, faz lembrar o lamentado falecimento do meu amigo Luiz Antônio de Carvalho Mauro, o "Totonho". Também era conhecido pelo estrambótico apelido de "Demônio", embora seus amigos soubéssemos que era um anjo de bondade. Coração mole, que não resistiu a anos seguidos de vida levada como uma festa sem fim.
>
> Devoto de Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora das Mercês, rezava diariamente, pela manhã e ao final de seu expediente no cartório. Acompanhava procissões. Certa feita, numa entrevista descontraída, Tancredo Neves brincou: – *Minha terra, São João del-Rei, é muito exótica: o "Demônio" acompanha procissão...*
>
> Era bastante organizado nos seus afazeres de Oficial do Registro de Títulos, Documentos e Pessoas Jurídicas. O cartório, defronte ao Fórum Carvalho Mourão, era impecável. Frequen-

tavam-no muitos amigos, desde autoridades gradas ao mais humilde dos seus variados "despachantes". Gostava de ajudar os necessitados e de se fazer acompanhar por eles nas "sessões" – como saborosamente se referia às idas aos botequins.

Venerava o Exército Brasileiro, ao qual serviu, como recruta, na década de 1960. Sua alma era verde-oliva e foi amigo de sucessivos comandantes do glorioso 11º Batalhão de Infantaria de Montanha, o nosso Regimento Tiradentes. Montanha!

Domingo, 28 de novembro, recebi a triste notícia do falecimento do Totonho. Estava na Praça de Esportes do Athletic Clube, onde alguém me perguntou:

– Quantos anos tinha o "Demônio"?

– 64 – respondi – mas pode botar 128 anos nisso aí, ele vivia o dobro da gente...

Luiz Antônio era primoroso *causeur*. Seus casos eram engraçadíssimos. Intercalava a rica e exagerada prosódia com dramática gesticulação. Na sua prosa cênica, por exemplo, discursava Mozart Novais e desfilava o Regimento Tiradentes. Nessas "paradas", ele era, a um só tempo, comandante, tropa e banda. Que número!

– Totonho, qual o seu caso mais engraçado? – perguntei uma tarde, no Bar do Horácio.

- Foi com o "Asa" (o saudoso amigo Robson). Ele tinha um Escort antigo e fomos tomar umas biritas em boteco de beira de estrada. Bebemos muito. Noite alta, retornaríamos à cidade. "Asa" me falou: "Demônio, tenho medo de carreta. Vou apagar o farol, você olha do seu lado e eu olho do meu". Apagou os faróis. Eu disse: "Daqui não vem nada, Asa". Ele engatou a primeira, acelerou o possante, esqueceu de acender os faróis, não enxergava (*****) nenhuma, atravessamos o asfalto e o carro desceu saltitante o desbarrancado poeirento adiante. Não machucamos. Um caminhoneiro rebocou o Escort com uma corda. Cheguei em casa, alta madrugada, com a calça e sapatos brancos imundos de poeira. No dia seguinte, disse pra Vera que fui a um churrasco, teve uma pelada e eu era o goleiro...

Esse era o Totonho, menino travesso, sem tirar nem pôr. Fará falta nesse mundo de escravizados da internet, discursos "politicamente corretos" e valorização de "abobrinhas". Ele era um tipo autêntico, que não seguia modelos estereotipados e conveniências. Era muito família, ao seu jeito, e amigo de uma incrível lealdade.

Imagino uma cena. Ricardinho Mauro recebe o filho de braços abertos, no páramo celestial:

– Pai, que saudade! Cumpri minha promessa. Visitei sua sepultura todas as manhãs, no Carmo, com chuva ou sol.

– Que bom que você chegou, Luiz Antônio. Eu também senti muita saudade! O Artur Nogueira te espera aflito numa mesinha branca, pros lados daquele bosque.

- Cadê, cadê, cadê?

- É ali adiante, filho. Mas vá com calma! Você viveu sempre muito depressa! Tempo é coisa que não conta aqui. Estamos na dimensão da eternidade ..

Ah, sim! Tive o privilégio de, noites seguidas, usufruir a companhia de Arthur e Totonho na Cantina do Ítalo. Privilégio que agora passou a se chamar saudade.

X - Advocacia

A 37ª Subseção da Ordem dos Advogados do Brasil/Minas Gerais, sediada em São João del Rei/MG, foi criada em 18 de dezembro de 1938, numa reunião realizada no Salão Nobre da Prefeitura Municipal. Estavam presentes os advogados Augusto das Chagas Viegas, Mário de Castro Cunha, Tancredo de Almeida Neves, Belisário Leite de Andrade Netto, José Rodrigues Viegas, Matheus Salomé de Oliveira, José Albertino Guimarães, Tobias Rodrigues de Mendonça Chaves, José Luiz de Campos, além do Dr. Tomáz Volney de Almeida, juiz de direito da Comarca. É o atual presidente da subseção o advogado Victor Alessandro Agostini Carvalho (Portal da Ordem dos Advogados do Brasil, 37ª Subseção São João del-Rei/MG, 26.08.2013).

XI - Curso jurídico em São João deI-Rei

Suprindo uma lacuna histórica, a Portaria n° 2.065, do Ministério da Educação e Cultura, publicada no Diário Oficial da União, 26.12.2000, criou a Faculdade de Direito do Instituto de Ensino Superior Presidente Tancredo Neves – IPTAN (Portal do Instituto de Ensino Superior Presidente Tancredo Neves, 26.08.2013).

XII - Carvalho Mourão e Martins de Oliveira: próceres da Comarca de São João del-Rei

Na epígrafe deste texto, citei frase do saudoso Cardeal são-joanerise Dom Lucas Moreira Neves:

> *"As cidades, como as pessoas, são um composto de corpo e alma. O corpo é a estrutura externa, visível e palpável da cidade. A alma é a história, a tradição, a vida da cidade e a vida e a atitude das pessoas, que, num determinado período, representam o seu espírito"* (CINTRA, 1994, prefácio).

Podemos dizer que, como as cidades, as comarcas possuem corpo e alma. O corpo se constitui das edificações do Fórum, do Ministério Público, da advocacia e dos serviços extrajudiciais. A alma é composta pela história, tradição e atitude das pessoas que nelas atuam e atuaram.

Sem desmerecer as inúmeras personagens que, ao longo de trezentos anos, conferiram e conferem brilho à Comarca de São João del-Rei, peço licença para destacar neste artigo dois vultos notáveis: Carvalho Mourão e Martins de Oliveira.

O prédio do Fórum local recebeu o nome de "Carvalho Mourão". Foi o único são-joanense a ocupar o cargo de ministro do Supremo Tribunal Federal.

João Martins de Carvalho Mourão nasceu em nossa cidade, no dia 2 de junho de 1872. Era filho do Dr. Aureliano Martins de Carvalho Mourão

(advogado e deputado-geral, no regime monárquico) e de D. Ana Izabel de Castro Mourão.

Formou-se, com distinção, na Faculdade de Direito de São Paulo (1891).

Advogou algum tempo em São João del-Rei, para acompanhar a mãe enferma. Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se consagrou em conceituada banca de advocacia. Foi advogado do Banco do Brasil, numa fase crítica para a instituição (1900 a 1905). Era professor de Direito Civil e Direito Penal da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, da qual também foi diretor. Ocupou o cargo de reitor da Universidade do Rio de Janeiro. Publicou várias obras jurídicas.

Em 1931, foi nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal, onde se aposentou em 1940.

Faleceu em 24 de dezembro de 1951, na cidade do Rio de Janeiro.

Registro uma curiosidade. Heráclito Fontoura Sobral Pinto foi um dos maiores advogados que o Brasil conheceu. Defendeu, ao longo de sua longeva existência, perseguidos políticos do Estado Novo (1937) e do Regime Militar (1964). Minha geração vibrou com o nonagenário Sobral Pinto, em 1984, ao discursar no palanque da Candelária, Rio de Janeiro, durante memorável comício da campanha "Diretas Já".

O norte-americano John Dulles, biógrafo de Sobral Pinto, narrou que o biografado foi aluno de Carvalho Mourão na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro:

> *"Heráclito especializou-se em Direito Criminal, matéria lecionada pelo professor João Martins de Carvalho Mourão. Anos depois, este tornou-se juiz do Supremo Tribunal Federal, e Heráclito, então, lhe apresentava seus casos"* (DULLES, 2001:25).

Sobre Cândido Martins de Oliveira Júnior discorreu o inesquecível Desembargador Antonio Pedro Braga, ex-presidente do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (1986:140-142):

"Cândido Martins nasceu a 26 de junho de 1896, em Furtado de Campos [município de Rio Novo], transferindo-se, com sua família, ainda criança, para a cidade de Ubá onde fez o curso primário e o curso secundário. Em Ouro Preto estudou Farmácia, diplomando-se em 1919. A seguir transferiu-se para o Rio de Janeiro onde fez o curso de Direito. Foi estudante de brilho invulgar, obtendo sempre as melhores classificações nos vários estágios escolares.

"Segundo nos informa Danilo Gomes em seu excelente livro sobre a vida de Cândido Martins, antes mesmo de formado foi nomeado Promotor de Justiça da Comarca de Rio Casca, não tendo, todavia, tomado posse à falta de diploma, que ainda não recebera. De 1926 a 1928 exerceu o cargo de Promotor de Justiça da comarca de Visconde do Rio Branco, época em que, para felicidade minha, travei com ele relações de amizade sincera que haveria de durar a vida inteira. Em Rio Branco desdobrou-se em atividade intelectual, iniciando-se na tribuna do Júri e ampliando, consideravelmente, os seus conhecimentos de Direito, sobretudo de Direito Penal em que era mestre consumado. Ao mesmo tempo, continuava a fazer literatura, preocupação que jamais o abandonou e que se constituía no traço dominante da sua existência. Em 4 de fevereiro de 1931 entrou em exercício como Juiz de Direito da comarca de Patrocínio para o qual fora nomeado em 23 do mês anterior. Em 17 de abril de 1936 foi removido, a pedido, para a comarca de Rio Pomba onde esteve até 4 de março de 1948, quando, por merecimento, foi promovido para a comarca de Varginha. Em 29 de abril de 1950, também por merecimento, foi promovido para a comarca de São João dei-Rei onde permaneceu, como Juiz, até 5 de agosto de 1953. De São João dei-Rei, graças aos seus altos méritos de magistrado culto, dedicado e íntegro, veio direto para o Tribunal de Justiça, sem passar pelas Varas da comarca da Capital como sempre aconteceu. No Tribunal, onde se empossou em 16 do mesmo mês ocupou a vaga deixada pelo eminente Desembargador Lopes da

Costa que, até então, fora o único Juiz a vir diretamente do interior para o ápice da carreira. Foi com imensa alegria que o recebi no Tribunal a que eu já servia, como Desembargador, desde 17 de março de 1952. Daí por diante, funcionando na mesma câmara, as nossas relações se estreitaram ainda mais, convocados que ali estávamos para a prestação jurisdicional.

"Distribuir Justiça, como todos sabemos, é tarefa da maior seriedade, é desafio dos mais difíceis que ao magistrado se comete, é missão das mais árduas que se apresentam à pessoa que se traça uma linha de conduta compatível com a dignidade.

"A Magistratura não é, como já disse, uma profissão! É, antes, um sacerdócio de cujo exercício aquele que o executa com austeridade, isenção, critério, serenidade, somente espera como prêmio, a satisfação do dever cumprido. Um processo judicial não é apenas um ajuntamento frio de papéis.

"Há nele, dentro dele, anseios que palpitam, sofrimentos e angústias escondidos em suas páginas, apelos por reparação de injustiças, reivindicações de direitos violados. (...)

"Cândido Martins esteve no Tribunal até 1956 quando se aposentou para, num nobre gesto seu, dar lugar a seu irmão João Martins, também grande juiz, uma vez que os dois não podiam pertencer, concomitantemente, àquela E. Corte. (...)

"(...) Em 5 de fevereiro de 1975, faleceu repentinamente, sendo sepultado, no dia seguinte na cidade de São João dei-Rei. O seu desaparecimento, como não podia deixar de ser, repercutiu intensamente nos meios sociais, intelectuais e jurídicos do Estado".

Curioso registro histórico diz respeito ao elevado nível intelectual dos juízes mineiros no Brasil colonial. Exemplo célebre foi Tomás Antônio Gonzaga. Nascido na cidade portuguesa do Porto (1744), era filho do magistrado brasileiro João Bernardo Gonzaga, que fora ouvidor-geral de Pernambuco. Colou grau de bacharel em Coimbra (1768), onde elaborou tese sobre *Direito Natural.* Era ouvidor – assim se designava o juiz de

direito na época – da Comarca de Vila Rica. Foi um dos próceres da Inconfidência Mineira. Escreveu as obras literárias *Marília de Dirceu* e *Cartas Chilenas* (PAES e MASSAUD, 1967:110-111).

O também jurista e poeta lnácio José de Alvarenga Peixoto foi ouvidor na Comarca de São João del-Rei. Era casado com a são-joanense Bárbara Heliodora Guilhermina da Silveira, heroína da *Inconfidência Mineira* (VIEGAS, 1969: 149-150).

Martins de Oliveira aqui aportou em 1950. Possuía vasta erudição e publicou várias obras jurídicas e literárias. Fincou sólidas raízes familiares em nossa cidade: suas duas filhas, Marília e Mariza, casaram-se, respectivamente, com Tarcísio Ferreira Neves e Roberto Simões Coelho.

Mudou-se para Belo Horizonte, onde exerceu o cargo de desembargador do Tribunal de Justiça de Minas Gerais e lecionou nas Faculdades de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais e da Pontificia Universidade Católica. Presidiu, em sucessivos mandatos, a Academia Mineira de Letras.

Vivaldi Moreira, sucessor do Dr. Cândido na presidência da Arcádia Mineira, registrou:

> *"Martins de Oliveira se doou à Academia. Tudo fez por ela. Sua longa estrada de pertinaz servidor do espírito está pontilhada de êxitos insuperáveis na república das letras. Conhecia-lhe o segredo e o manejava com sutileza e garbo. Daí o prestígio de sua figura em todos os meios. Primoroso escritor e inspirado vate, enriqueceu a história literária de Minas pela beleza de suas composições e a precisão de seus ensinamentos. (...)*
>
> *"A sabedoria no trato em Martins de Oliveira não se esgotava no tom amável, que é uma exigência da civilização. Sua urbanidade possuía raízes profundas na alma cristalina que foi. (...)*
>
> *"Doador integral na pujança de sua inquieta chama interior, sem nenhuma figura, preciso afirmar que Martins de Oliveira buscou a perfeição, foi dela um denodado cavaleiro. Jurista, poeta, romancista, ensaísta, em sua extensa bibliografia o que se torna logo visível é o afã da perfeição. Aspirou, no início de sua*

> *caminhada terrena, combater o combate a que todos nós estamos convocados: o combate pela expressão. E foi um vencedor"* (MOREIRA, 1991:250-252; grifos no original).

Abro espaço para um depoimento sentimental. Em razão de fortes vínculos de amizade, convivo há anos com a família do Dr. Cândido. Era menino e o idoso desembargador aposentado, quando vinha a São João del-Rei, conversava comigo como se fôssemos dois adultos.

Eu era colega, no curso ginasial, do seu neto Emanuel Martins Simões Coelho ("Nel"). Certa tarde, reuniu-se um grupo de alunos na casa do "Nel". Ao estudarmos História do Brasil, Dr. Cândido, hospedado com a filha Mariza, pôs a meninada para ler os quatro volumes da árida obra do historiador Pedro Calmon.

Alguns anos depois, ingressei na Faculdade de Direito. Dona Dolores, já viúva, presenteou-me com uma espátula prateada, onde está gravado o nome do falecido esposo "Desembargador Martins de Oliveira":

– *Cândido gostava muito de você e ficaria feliz por vê-lo ingressar no curso de Direito.*

Premonição da boa senhora. Sob inspiração de tão notáveis figuras, ocupo hoje o cargo de Desembargador no mesmo Tribunal de Justiça de Minas Gerais, que Dr. Cândido tanto engrandeceu.

Saudades de vovô Candinho e vovó Dolores!

XIII - Conclusão

Desde a criação da vetusta Comarca do Rio das Mortes até os tempos atuais, a histórica cidade de São João del-Rei experimentou notável progresso urbanístico e econômico, refletido também nas dimensões atuais da comarca e na modernidade das instalações do Fórum "Carvalho Mourão".

O Poder Judiciário, com a promulgação da Constituição Federal .de 1988 (artigo 99), adquiriu autonomia administrativa e financeira. A secular tradição de colocar a administração da justiça ao lado da ação administrativa governamental foi substituída pela total autonomia

administrativa e financeira de cada um dos Poderes Públicos. Com isso se concretizam a *doutrina da separação dos poderes e a possibilidade efetiva – não apenas formal – de um controle recíproco entre eles* (GOMES, 1997:83-84).

Todavia, mergulhada em crise crônica,· a Justiça brasileira não contribui com soluções para minimizar a angústia e o sofrimento do povo brasileiro. A magistratura deverá apressar-se, porque o Brasil clama por mudanças. Não podemos mais viver com velhas estruturas. Não podemos mais estar presos a soluções que nada têm a ver com o povo. Como na canção de Milton Nascimento, a Justiça tem de ir aonde o povo está (GARCIA DE LIMA, *Jurisprudência Mineira, 151:46).*

Os magistrados, promotores de justiça, advogados e servidores de justiça, atuantes na Comarca de São João del-Rei, estão à altura desse enorme desafio do século 21.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Antonio Pedro. *Presença no Tribunal de Justiça - Perfis - Discursos.* Belo Horizonte: 1986.

BRANT, Francisco de Assis Alves. *São João del-Rei: ouro, guerra e fé no Rio das Mortes.* Belo Horizonte: Editora do Autor, 2009.

BUENO, Eduardo. *Brasil: Uma História - A Incrível Saga de um País.* São Paulo: Ática, 2002.

CALMON, Pedro. *História do Brasil.* Rio de Janeiro: José Olympio, 4 vols., 1959.

CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro 11.* São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CINTRA, Sebastião de Oliveira Cintra. *Desembargador Luís Antônio de Andrade - Sanjoanense que engrandeceu a Magistratura Brasileira,* jornal *Tribuna Sanjoanense,* edição de 11.02.1994, p. 2.

Galeria das Personalidades Notáveis de São João del-Rei. São João del-Rei: F APEC, 1994.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves (organizadora). *Tancredo Neves: Sua Palavra na História.* Belo Horizonte: Fundação Tancredo Neves, 1988.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *Homem de ideias e convicções,* jornal *Estado de Minas,* caderno *Pensar,* Belo Horizonte, edição de 27.02.2010, pp. 6-7.

DULLES, John W. F. *Sobral Pinto: A Consciência do Brasil.* Rio de Janeiro:

Nova Fronteira, trad. Flávia Mendonça Araripe, 2001.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala.* Rio de Janeiro: José Olympio, 22ª ed.,1983.

GAIO SOBRINHO, Antônio. *Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar do Rio das Mortes.* São João del-Rei, 2013.

GARCIA DE LIMA, Rogério Medeiros. *Discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei,* 06 de abril de 2008.

_____ . *Notas sobre a Justiça em São João del-Rei.* São João del-Rei-MG: Revista da Academia de Letras de São João del-Rei, edição comemorativa "São João del-Rei 300 anos", 2013.

_____ . O *amigo partiu,* jornal *Gazeta de São João del-Rei,* edição de 04.12.2010, p. 4.

_____ . O *Poder Judiciário no Terceiro Milênio,* monografia premiada com a primeira colocação, no concurso de monografias do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, 1999. Belo Horizonte: Revista *Jurisprudência Mineira,* Tribunal de Justiça-MG, vol. 151, janeiro-março de 2000.

GOMES, Laurentino. *1808 - Como uma Rainha Louca, um Príncipe Medroso e uma Corte Corrupta Enganaram Napoleão e Mudaram a História de Portugal e do Brasil.* São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

GOMES, Luiz Flávio. *A Dimensão da Magistratura no Estado Constitucional e Democrático de Direito.* São Paulo: Editora RT, 1997.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. *História da Inconfidência de Minas Gerais.* Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 3ª ed., 1968.

MOREIRA, Vivaldi. *Glossário das Gerais.* Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991.

NERY, Sebastião, *Folclore Político,* disponível em http://www.sebastiaonery.com.br/visualizar.jsp?id=1584. captado em 25.08.2013.

PAES, José Paulo e MASSAUD, Moisés (organizadores). *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira.* São Paulo: Cultrix, 1967.

Portal da Associação Mineira do Ministério Público, http://www.ammp.org.br/institucional/diretorias-anteriores/ descricao/Diretorias+ Anteriores, captado em **09.03.2014.**

Portal da Ordem dos Advogados do Brasil, 37ª Subseção São João del-Rei/MG, disponível em http://www.oabsaojoaodelrei.org.br/crbst_6.html. captado em 26.08.2013.

Portal da Procuradoria-Geral do Estado do Rio de Janeiro, disponível em http://www.rj.gov.br/web/pge/exibeconteudo?article-id=1036043, 03.09.2013.

Portal do Instituto de Ensino Superior Presidente Tancredo Neves, disponível em http://www.iptan.edu.br/curso_direito.php. captado em 26.08.2013.

Portal do Ministério Público Federal, disponível em http://www.pgr.mpf.mp.br/conheca-o-mpf/procurador-geral-da-republica/ galeria/biografia-de-aristides-junqueira-alvarenga, captado em 23.08.2013.

Portal do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, disponível em http://www.tjmg.jus.br/portal/imprensa/noticias/tj-inaugura-forum-em-sao-joao-del-rei.htm, captado em 26.08.2013.

Portal do Supremo Tribunal Federal, disponível em http://www.stf.jus.br/portal/ministro. captado em 19.10.2009.

SILVA, Vera Alice Cardoso da e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *Tancredo Neves: A Trajetória de um Liberal.* Petrópolis: Vozes, 1985.

SURUAGY, Divaldo e W ANDERLEY FILHO, Ruben. *História de A lagoas.* São Paulo: Catavento, 2ª ed., 2000.

TORRES, João Camilo de Oliveira. *História de Minas Gerais.* Belo Horizonte: Editora Lemi, vols. 1 e 2, 3ª ed., 1980.

VIEGAS, Augusto. *Notícia de São João dei-Rei.* Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1969.

José Agostinho Baptista: com desalento, escrevo as novas elegias

*Edgar Pereira**

Nascido em Funchal, Madeira, em 1948, José Agostinho Baptista vai ainda jovem para Lisboa, surge como poeta no final dos anos 70, mas só alcança visibilidade efetiva no princípio dos anos 80, com a coletânea *O último romântico* (1981). Publicou duas dezenas de livros de poesia, entre os quais: *Morrer no sul* (1983), *O centro do universo* (1989), *Canções da terra distante* (1994), *Agora e na hora da nossa morte* (1998), *Biografia* (2000), *Anjos Caídos* (2003, Prêmio PEN de Poesia), *Esta voz é quase o vento* (2004, Grande Prêmio APE/CTT de Poesia), *Quatro luas* (2006), *Filho pródigo* (2008) e *Caminharei pelo vale da sombra* (2011), sobre o qual me detenho, na tentativa de um esboço. Tem desenvolvido em todos esses anos uma obra consistente e de reconhecida unidade, em sua quase totalidade caudatária de vertentes e expedientes próprios do Romantismo, com especial relevo ao estatuto da canção. O motivo da viagem, a projeção narcísica, a exaltação do feminino, o senso do mistério, a cisão interior/exterior, o retorno ao passado, a noturnidade, um ou outro sinal esotérico, a melancolia finissecular formam uma constelação de recorrências e tópicos de extração neorromântica, presentes em estilos posteriores (Simbolismo e o Surrealismo) que se mostram

* Professor de Literatura Portuguesa da UFMG, escritor e ensaísta.

bastante produtivos em sua poética. Como nos seus melhores momentos, também neste *Caminharei pelo vale das sombras*, extenso e laborioso poema com mais de duzentas páginas, um sujeito mergulha por inteiro no passado, em versos longos, espraiados e emotivos, de ritmo intenso e vertiginoso:

> Como procurar-te agora, na eternidade das cinzas,
> entre as raízes que ainda sangram.
> Como ver-te,
> como ver-te, uma vez mais,
> reencarnada em jovem noiva traída pelo mar, junto
> às mulheres de luto (p. 9).

O título, num livro em que a memória desempenha um papel importante, enuncia não uma atividade mental, contemplativa, mas um investimento numa instância deambulatória, nômade e dinâmica (*caminharei*), a ser cumprida num espaço obscuro, de esgarçada nitidez (*vale da sombra*). O suposto futuro revela-se uma fraude, visto que o objeto do investimento, a busca das origens, da dimensão futura apenas resguarda o tom de profecia, de que se reveste a amarga e desiludida voz poética: "Para que forçar o cadeado,/ se os portões não se abrem?,/ se há um mistério sem fim em toda a matéria opaca./ E se encontrar a chave não encontrarei a verdade,/ pois esse é o destino que me aguarda:/ anotações,/ epitáfios, bolor, utensílios mortais,/ sobre um sarcófago" (p. 80). Sentindo-se dividido num tempo presente inóspito, pelo que representa de ruptura com uma experiência anterior, num plano temporal distante, o sujeito recolhe vestígios, resíduos de uma época idealizada, a que não são estranhas as ressonâncias bíblicas: "Contorces-te, quando me aproximo,/ e benditos sãos os frutos do teu ventre, no oásis onde/ amadurecem" (p.134). Fernando Pinto do Amaral, em análise à poesia do autor, afirma a esse aspecto: "Distinguir com acerto o *passado* e o *futuro*, a imaginária recordação da não menos imaginária profecia, revela-se impossível ao acompanhar esta escrita" (AMARAL, 1991, p.149). Processo universal de recuperação do vivido, a memória presta-se, no

caso, à partilha desesperada de um universo subjetivo, em que a figura materna, confluência do rol interminável de evocações, síntese maior de todas as perdas, delineia-se como eixo do conhecimento primordial do mundo:

> Minha mãe,
> é contigo que falo,
> depois de ponderadas as distâncias que vão de um
> berço a uma lápide,
> depois de ouvir os pássaros,
> chamando por mim,
> interrompendo-se bruscamente,
> quando a minha respiração os sobressaltava,
> sem saberem que no meu peito já pouco ar o
> percorria (p. 10).

Se a matéria evocada, através da recuperação afetiva do passado, vem excessivamente tocada pela conformação subjetiva, nem por isso deixa de participar da herança universal, pelo teor de contingência que caracteriza os eventos humanos. A memória é individual, mas a contingência dos acontecimentos é realidade para todos: "Então, em cada verso que fiz e atirei ao mar,/ gravei, com magoada tinta azul,/ os lamentos de uma aldeia,/ e fui a mão escrevendo o destino dos órfãos,/ nos aposentos iluminados de uma cidade impura," (p.38). A evocação delicada da infância, matizada por uma natureza diáfana, pequenos incidentes e tradições, é entrecortada por lamentos e queixumes, motivados por golpes do destino e forças adversas. Matéria privilegiada de enunciação, o passado revisitado descortina forte componente melancólico, na medida em que os seres e lugares selecionados pela memória se revestem de sinais de devastação e morte: "Por isso,/ não me reencontro noutras paragens sem este espectro/ de erosões e perdas,/ e vou para trás, através de ti, como quem vai por um/ beco sem saída" (p.53-54).

O fôlego privilegiado para canto e voo estendidos, de emoções sempre renovadas, no estertor de metáforas altissonantes e algum léxico precioso,

no ritmo frenético de aliterações, por vezes beirando o delírio, aproxima-o da grandiloquência do nosso Castro Alves: "Sim, eu fui o vento, e ao subir as penhas,/ vi uma águia" (p.107); "(...) talvez a música seja isto,/ um martelo nos tímpanos,/ um país distante onde alisam as penas dois albatrozes,/ indecisos, perplexos,/ sem outra razão que não seja um veloz esvoaçar,/ rasgando a nuvem,/ para que Deus saiba quando é íngreme a sua obra." (p. 116). Se o arroubo solene e a sensibilidade desenfreada traem alguma nuance passadista, trata-se, porém, de recurso enganoso, uma vez que, nesse canto magoado que não se cansa de imitar os acordes fundos da elegia, o sujeito poético não se exila para paraísos artificiais nem reduz as notas de desencanto em face do mundo real:

> E tu, leitor que não me amas,
> habitante das trevas,
> do país sem alma, para que a alma seja um panteão de
> cal destroçada,
> um cais de colunas e detritos, a nudez de uma praça de
> comércios e ignomínia,
> oh, leitor,
> fecha de vez este livro cujas palavras queimarão os
> teus dedos,
> desabituados da essência e da beleza,
> seja de pedra ou de vento,
> ou de lírios perplexos num vaso de argila (p.210).

BAPTISTA, José Agostinho. *Caminharei pelo vale da sombra.* Lisboa: Assírio & Alvim, 2011. Os números de páginas entre parênteses, após as citações poéticas, referem-se a esta edição.

AMARAL, Fernando Pinto do. *O mosaico fluido.* Modernidade e pós-modernidade na poesia portuguesa mais recente. Lisboa: Assírio & Alvim, 1991.

Academias de Letras – Origens

*Paulo Fernando Silveira**

A palavra 'Academia' provém do grego. Originalmente, designava um lugar na cidade de Atenas. Para uns, referia-se ao jardim do herói Academos[1]. Para outros, significava os jardins públicos localizados na periferia, conhecidos por 'academe' ou 'academia'. Foi ali, naquele local, que o filósofo ateniense Platão (428-347 a.C) inaugurou sua escola, que ficou conhecida como 'A Academia'. Por isso, equivocadamente, no Brasil, algumas pessoas têm dito que as academias de letras tiveram sua origem naquele estabelecimento de ensino. No entanto, a história revela os fatos diferentemente, como se pode ver a seguir.

Deixando a corte de Dionísio I, em Siracusa, onde havia sido resgatado por amigos, já que havia sido posto à venda, no mercado, como escravo, por ter divergido do tirano, sendo atingido por sua ira, Platão retornou a Atenas. Ali, a exemplo de Sócrates (470-399 a.C), de quem tinha sido discípulo, ele reuniu um grupo de jovens inteligentes e, escolhendo um ginásio como local para suas aulas, fundou a Academia.

Depois, no ano de 387 a.C., nos arredores de Atenas, num local perto de Colonus, ele fundou e administrou sua própria escola, a que deu o nome de 'A Academia', o protótipo da moderna universidade.

---

* Membro da Academia de Letras do Triângulo Mineiro-ALTM. Ocupa a cadeira nº 20.

[1] Grande Enciclopédia Larousse Cultural, vol.1, pg.32 –Nova Cultural, 1998.

Platão instalou esse curso superior (daí a palavra 'acadêmico') em sua própria moradia, perto dos jardins públicos chamados *Academe* e, por um tipo de ironia, a escola privada, em virtude de sua fé e trabalhos, veio a ser conhecida como 'A Academia'.Na realidade, como se viu, esse educandário constituiu o germe e modelo das atuais universidades, já que ali se estudavam e debatiam diversas áreas do conhecimento humano, notadamente filosofia (ética, política e lógica), matemática, legislação, poesia e música. Sobre o pórtico do edifício, estava escrito o único requisito para admissão do pretendente: "*Não entrará quem não sabe geometria*".

Seguindo suas pegadas, depois da morte de Platão, o seu pupilo Aristóteles (384-322 a.C), também inaugurou, em 335 a.C., sua própria escola, o Liceu. O nome deriva de *Lyceum* (um parque público fora da cidade, perto do Rio Ilissus). Seus alunos receberam o apelido de peripatéticos, pois conversavam e discutiam os assuntos enquanto caminhavam pelos passeios cobertos (*peripatos*) dos jardins do ginásio.

Aristóteles era natural de Stagira, uma cidade da colônia grega situada na Eubeia, uma ilha no mar da Trácia. Por isso, é chamado de 'Estagirita'. Era considerado um estrangeiro – sem cidadania –, um bárbaro, em Atenas. No entanto, anos mais tarde, ele serviu na corte de Felipe II, rei dos macedônios, como preceptor do jovem príncipe Alexandre. Este, em breve, se tornaria não só o rei de seu povo, mas dominaria com suas falanges todo o mundo civilizado da época: Grécia e Pérsia. Depois das conquistas, o incansável e imbatível guerreiro passou para a história – em virtude de suas brilhantes vitórias e, principalmente, pela helenização do oriente próximo – como Alexandre, O Grande (356 – 323 a.C). Após sua morte, Aristóteles foi hostilizado e perseguido em Atenas. Acusado de impiedade, partiu às pressas para sua terra natal, a fim de não ser julgado em praça pública. Justificou sua fuga declarando que – referindo-se à anterior condenação à morte de Sócrates, que foi obrigado a beber cicuta, perecendo em decorrência desse veneno no ano de 399 a.C – era para impedir que "os atenienses pecassem, por duas vezes, contra a filosofia" ou, em outras palavras, para "evitar que Atenas tivesse outra oportunidade de cometer um crime contra a filosofia." Não obstante, Aristóteles, em

virtude das inúmeras obras que produziu, abrangendo os diversos campos do conhecimento humano, é considerado, por unanimidade, um dos maiores filósofos que já surgiu em todos os tempos.

Evidentemente, nenhum desses estabelecimentos de ensino (a Academia de Platão e o Liceu de Aristóteles) tem relação – fora o nome do primeiro – direta ou reflexamente com qualquer academia de letras. Constituíram sim, sem dúvida, as primícias de nossas atuais universidades.

Mil anos depois, a palavra "academia" começou a ser empregada em meados do século XV na Itália (Academia Platônica de Florença, em 1440). No século posterior continuou na Itália (Academia dela Crusca, de Veneza, em 1582) e floresceu na França. Designava as reuniões de intelectuais humanistas e sábios proeminentes. Frequentemente, essas academias se contrapunham às universidades. Arvoravam-se como centro da vanguarda filosófica, literária, linguística, científica e artística.[2] Pretendiam, precipuamente, preservar a beleza da língua e da poesia de suas respectivas pátrias.

A mais famosa delas, legalmente organizada, e que perdura até os dias de hoje, surgiu na França no início do século XVII, ou seja, a Academia Francesa. Ela foi oficialmente reconhecida como sociedade literária e linguística no ano de 1635. O número de sócios era limitado a 40. Todos efetivos e vitalícios. Eram chamados de "imortais". Seu quadro incluía tanto eminentes personalidades públicas quanto reconhecidas figuras literárias. Por isso, ao longo da história, tem sido criticada por eleger indivíduos politicamente influentes, em detrimento daqueles que realmente têm mérito nas letras. Por exemplo, Molière (nome artístico de Jean-Baptiste Poquelin, reconhecido como o maior cômico dramático da França, famoso por suas sátiras sobre a hipocrisia) e Émile Zola (novelista e fundador do Naturalismo) nunca foram admitidos. A academia francesa tem produzido o *Dictionnaire*, considerado o árbitro oficial da língua francesa.

---

[2] Grande Enciclopédia Larousse Cultural, vol.1, pg.32.

No Brasil, a Academia Brasileira de Letras foi fundada em 1897, tendo como modelo a Academia Francesa. Somente no fim do século XIX, algumas pessoas manifestaram a ideia de sua criação. Porém, o projeto foi concretizado por Machado de Assis, que foi o seu primeiro presidente. A ABL edita e atualiza, de acordo com as novas regras, o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (5ª ed., 2009).

Um outono de esperanças e graças

*José Maria Couto Moreira**

A devoção e o culto a Nossa Senhora das Graças é um patrimônio religioso de valor incalculável para quem queira viver sob a luz e contar com o que todos almejam, proteção e saúde.

A Europa é um santuário de cultos e devoções às Madonas, e cada país possui várias expressões de fé. A começar, em Portugal, o país rejubila-se com a história radiosa e emocionante da Senhora de Fátima, que nomeou a cidade onde está seu nicho de celebração. Já no extremo oriente europeu reina soberba Nossa Senhora de Kazan, ícone e socorro permanente de milhões de pessoas de todas as Rússias. Há cultos a Nossa Senhora que atravessam os oceanos, instalando-se em várias nações.

Dia 18 de julho é data anual justificadamente festejada pela comunidade católica mundial. Trata-se da comemoração mais que centenária da aparição de Nossa Senhora à hoje Santa Catarina Labouré, humilde filha de França, escolhida como mensageira da Mãe de Cristo para transmitir a todos os homens as bem-aventuranças derramadas sobre seus filhos de boa vontade, isto é, aqueles que, seguindo os preceitos da moral cristã, sejam merecedores de graças que os levarão à eternidade. A consagração da francesinha resultou na criação da Medalha Milagrosa,

---

* Advogado e estudioso da Roma antiga.

venerada por milhões de almas, inspirada pela Virgem também a efígie representativa do acontecimento, que exibe então Nossa Senhora das Graças lançando raios de bênçãos sobre o mundo e esmagando a serpente, símbolo de nossas imensas culpas. A memória de Santa Catarina Labouré é recontada na Rue de Bac, em Paris, antiga sede da irmandade Filhas da Caridade, a que pertencia a santa e onde se encontra seu corpo incorrupto, local onde se reúnem em admirável contrição os devotos da Virgem das Graças.

A primeira aparição se deu na noite de 18 de julho de 1830, marca que escolhe a penitente Catarina para receber a mensagem mariana e revelá-la aos homens.

A devoção a esta Senhora das Graças manifesta para todos uma primavera de esperanças e bênçãos, e nesta hora em que a violência se multiplica em formas e recrudesce em agressões de sangue, precisamos de algo mais que a nem sempre presente proteção institucional, por vezes prometida, mas rendida às surpresas que defrontamos no quotidiano. O conforto que exprime a crença absoluta na Medalha Milagrosa, consagrada por Nossa Senhora das Graças, por ela própria garantida como um escudo invulnerável às crueldades de nosso próximo, se estende – a mensagem é clara – a nossas prementes e constantes necessidades de uma consciência iluminada, de uma permanente proteção à vida e de constantes saúde e paz. Tais apelos, tão somente, nos conduzem à sua veneração. Prosseguindo Santa Catarina em seus encontros com a Virgem, eis que, na noite de 27 de novembro de 1830 ela, novamente, aparece e manifesta a sua dileta filha a efígie que deve prevalecer na Medalha Milagrosa, que Irmã Catarina recebe com a santa incumbência de propagar ao mundo.

Cultos fervorosos não são citados para comprovar a equívoca afirmativa que a religião é o ópio do povo. Não. São manifestações de pura fé, de palpitante escolha da crença em Deus e em sua doutrina como única alternativa para se alcançar a imortalidade, decorrendo daí as provas de milagres que nos impressionam e nos comovem, mas, por tal natureza, completamente inexplicáveis à luz da razão humana.

É certo, também, que o homem, desde a mais remota antiguidade, está sujeito a crises pessoais, assim como numa nação pode seu povo

sentir-se ameaçado, o que provoca reação de segurança e defesa. A reação do homem, autonomamente, não lhe garante a integridade. Diante mesmo da falibilidade de homens e instituições é que se busca a proteção Daquele que tudo pode.

A sucessão de milagres contados pela história de devoção a Nossa Senhora das Graças é de tal ordem que seus incansáveis devotos se permitem a publicidade deles, não somente pelo gosto da revelação de um acontecimento admirável, mas para que todos conheçam o poder da Santa e Gloriosa Senhora das Graças, a suplicante máxima da humanidade, e passem a partilhar das poderosas bênçãos de uma protetora que, indistintamente, ama a todos.

A propagação da devoção a Nossa Senhora das Graças e à Medalha Milagrosa é atitude subsequente como agradecimento e expectativa de desejadas bênçãos.

Há controvérsias

Prosa-elegia pro Chico Cabral

*Ronaldo Werneck**

"Perdemos nosso amigo. Cabruxa partiu há meia hora". Vindo do Rio, o telefonema da última quarta-feira, 20 de agosto, era da poeta Lina Tâmega Peixoto, e a notícia – embora esperada, mas não tão cedo – me deixou a nocaute. Cabruxa era como Lina denominava o seu, o nosso grande amigo, o poeta Francisco Marcelo Cabral, que eu aprendi desde a juventude a chamar de Chico-Chiquinho Cabral. Eu estivera no Rio até a véspera, gravando uma entrevista para tv e, naquele momento, já me encontrava em Cataguases, envolvido com um projeto que precisava enviar para Belo Horizonte até sexta-feira. Parei tudo. Minha mulher, a Patrícia, encontrava-se em uma audiência no Fórum. Esperei que ela voltasse, ainda meio sem saber o que fazer. Já era final de tarde, eu ainda meio a nocaute. Patrícia sugeriu que seguíssemos logo para o Rio.

Noite alta – e, por ironia, "céu risonho" – fomos estrada afora, eu me lembrando de meu amigo maior. E veio o fragmento de um de seus primeiros poemas: É hora de sol/ lá fora/ e noite, no coração./ Milhares de estrelas,/ borrões/ que as nuvens carregarão. E outro, de seu mais que admirável livro *Inexílio*: Amar menos/ é morrer/ como o rio sendo freado pela areia/ como tirar os óculos, desligar o telefone,/ guardar a máquina

---

* Jornalista e poeta, nascido em Cataguases, autor de vários livros, inclusive *Há controvérsias*.

de escrever e sair de casa/ para nada. E logo outro, vindo lá de 1949, de seu primeiro livro, *O Centauro*, editado em Cataguases: Me matei de sombra/ Me pintei de roxo/ Fiz um metro, um canto// Para o meu amor./ Que lucrei?/ Um verso./ Que fazer? cantar./ Mas se há dor? que importa!/ A dor é só instrumento.

Cidade Interior

O carro corria na noite e me lembrei de um bilhete que mandei pro Chiquinho, quando ele lançou *Cidade Interior* (Rio, 2007): "O seu despojamento, essa sua dicção absolutamente particular – que não consigo identificar em nenhum dos poetas que conheço – esses seus "poemeus" de antitergi/versar que me comovem, que me locomovem a cada vez que os releio, meu caro Chico Marcelo, e que pro seu universo (re)torno – mesmo "que" com todos esses "quês" –, para essa sua Cidade Interior. E confesso ser cada vez mais tomado pela alta tensão de sua "escritura" (merci bien et voilà, M´sieu Derrida), esses poemas que tanto me tocavam a cada releitura, e que hoje guardo e guardarei sempre: é onde às noites os medos /.../ cortam as luzes das ruas /.../ as pisadas no tambor dos pesadelos /.../ (e onde os mortos rumorejam pelas grotas) /.../ uma cidade para sempre estacionada/ no poema/ – falsa e inesquecivel".

Esses poemas – escrevia eu naquela ocasião – sobre os quais não sei ainda o que dizer agora, numa primeira e rápida e mais que prazerosa leitura. A não ser o óbvio, aquilo que sempre digo: além de tudo, do grande poeta, você é também "il miglior fabbro da Dr. Sobral" (a rua de Cataguases onde nascemos). E aquele poema então, aquele *insight*, coisa de poeta maior:

Todo poema é celebração
mesmo não lido.
Todo poema é de amor
mesmo perdido.
Todo poema fica por aí
mesmo esquecido.

Não, não ficam. Não os desta *Cidade Interior*, não se poemas como aqui, nesta em si clari/cidade: antes que o sol mergulhe e se apague no mar". Daqui, poema nenhum, nenhum sol será apagado.

Campo Marcado

Em abril de 2008, abri a apresentação que escrevi para seu livro *Campo Marcado* (Rio, 2010) com um pequeno poema que Manuel Bandeira lhe dedicou.

Ao poeta de Cataguases,
Autor do belo Centauro,
O Poeta Manuel Bandeira
Envia um ramo de lauro,
Saudando-o desta maneira
Ás futuro entre outros ases!

"O poemeto de Bandeira é de 1949, ano da publicação de *O Centauro*, o livro de estreia do jovem poeta Francisco Marcelo Cabral, então com 19 anos. São na verdade "antenados" os poetas, mesmo aqueles que se dizem "menores", enquanto grafam na maior, e com maiúscula, o seu epíteto.

Ás futuro entre outros ases! – saúda um muito do exclamante Bandeira, antecipando a rica trajetória de FMC nas próximas seis décadas. Poucos livros publicou o poeta desde então, mas todos definitivos. E eles o colocaram ombro a ombro com os melhores poetas desta e de outras praças e, claro, no pódio dos ases de Cataguases, aqueles rapazes que fizeram a *Revista Verde* e marcaram a história da cidade.

O "ramo de lauro" de Bandeira foi devidamente assentado na cabeça de Francisco Marcelo Cabral, que o ostenta com toda a dignidade do poeta singular, poeta maior que é. Poucas vezes – nenhuma! – vi gente tão culta, de tão grande sensibilidade e inteligência como Francisco Marcelo Cabral. Brinco de chamar o poeta de brilhante, mas brilhante é pouco quando se trata dele.

Brinco também de chamá-lo de "meu guru" (e não é?) desde que – lá se vão quantos anos? – ele me levou, no Rio, à casa de Alexandre Eulálio, então leitor oficial da Biblioteca de Veneza, para que eu conhecesse "uma das pessoas mais cultas do Brasil". Pois é, Alexandre e eu ficamos arrebatados por aquela noite inteira a ouvir o poeta que sabia de tudo um muito mais que tudo.

Francisco Marcelo Cabral é um poeta-perguntador e por isso mesmo capaz de articular respostas essenciais, de nos propor descobertas: as palavras são portas de saída mas não de entrada. A emoção ou conceito, presentes num texto, são de quem o lê e não mais apenas de quem o escreveu.

Que o diga agora este *Campo Marcado*. Melhor, que nele possamos (re)ler e (re)assumir a emoção que ressurge a cada poema:

> A luz e o silêncio em mim sabem a vida
> e quando respiro
> tudo o que não entendo faz sentido.

Com seus metapoemas mais que luminosos, com sua grande intensidade, Chico Cabral faz de *Campo Marcado* pedra de grande quilate, que há de rolar sempre entre seus (muitos) fiéis leitores. "Escrevo a língua do meu avô/ sem permissão. Ora, por quem sois, meu poeta! Vosmicê tem mais que toda permissão!".

No Rio de meados da década de 1960, Chiquinho Cabral e eu erámos redatores de um escritório de planejamento econômico, Leone e Associados (um dos associados era o próprio poeta, sem controvérsias o "cérebro" do escritório). Um dia, chegou um projeto de cemitério vertical e ele, como numa premonição, foi seu maior defensor. No Rio, na manhã da última quarta-feira, o corpo do poeta foi colocado – ao lado de seus irmãos, Edvar e Pedrinho – numa das gavetas do Memorial do Carmo, aquele mesmo cemitério cuja verticalidade tanto defendia o redator Francisco Marcelo Cabral. Estava lá Chiquinho Cabral, com a fisionomia tranquila, como se voasse após meses de sofrimento.

Alguém leu um poema de seu *Livro dos Poemas* (Rio, 2003), um de seu cantos para o Maharaji: Meu mestre dança como os pássaros./ E canta com os claros tímpanos da aurora./ Ele caminha como a brisa sobre as rosas./ E eu sou a almofada sob seus pés quando repousa. A seguir, o ritual fúnebre, mesmo não sendo católico o poeta. Foi quando mais uma vez, como em todos os muitos velórios a que já fui, voltei a assustar-me – talvez por "ler" errado – com aquele trecho da Ave Maria: "E agora e na hora de nossa morte, amém". A poesia vem do susto, do espanto:

O leitor se assenta.
O poeta puxa a cadeira
a poesia é o tombo.
O leitor se enleva
o poeta o empurra no abismo
a poesia é o voo.

Voando, me vou

Logo depois da cerimônia, eu e Patrícia voltamos para Cataguases. Um dia belíssimo, de sol e céu azul, que me fez lembrar um mês de maio de não sei quando em que eu e Chiquinho Cabral viajávamos por essa mesma estrada. Estava contente e alegre como sempre o meu poeta, que dizia preferir, entre todas, as manhãs de maio e céu azul. Tinha razão: mesmo de sol e céu azul, costumam ser traiçoeiras as manhãs de agosto.

Quando essa respiração vem
com renovada força de vida
não perguntes nada
simplesmente a recebe e aceita
e gratidão seja a música de tua alegria.

Já em Cataguases, debrucei-me sobre o famigerado projeto, que consegui enviar a tempo para Belo Horizonte. Mas por todo o período em que escrevia, a presença de Chiquinho Cabral permanecia em mim – e os

poemas de Francisco Marcelo Cabral assomavam, saltavam de meu ser, como se voassem:

Temo jamais ter merecido
as asas dos meus versos.
Às vezes eu as desprendo – é noite, é Minas –

E como quem espreguiça
num largo espasmo
alço-as e me vou, ou sou levado
voando, me vou.

Lobato acima das tolices

*Anderson Braga Horta**

Menino ainda, na veneranda cidade de Goiás, para onde nos mudáramos em 1942, foi que me iniciei na leitura como fonte de prazer e, logo, como hábito. Considerado que esse hábito, se não exagero – pelo menos o da leitura de livros, revistas e jornais – vai se tornando distante do dia-a-dia de nossa infância e juventude, dizê-lo e repeti-lo pode parecer mania de grandeza, vontade de aparecer... Mas não é nada disso. Brincava de pique, arregalava os olhos para guloseimas, brigava na rua, como qualquer garoto; adorava ouvir histórias inventadas por minha mãe, ao cair da noite, para o pequeno auditório formado por mim e por meus irmãos. Não tínhamos rádio, televisão ainda não havia; cinema, só nos fins de semana, nas matinês de Charlestarrete (Charles Starrett), Biliote (Bill Elliot), Jôni Mac Bron (Johnny Mac Brown), Ropalong Cassídi (Hopalong Cassidy) e dos seriados com o Besouro Verde ou Dick Tracy. (De quando em quando, uma transgressão como Gunga Din ou filmes com Dorothy Lamour, John Wayne, Paulette Goddard, Ray Milland...) Celular? vídeos? jogos eletrônicos? Ainda escondidos no futuro. Sobrava tempo para ler.

Poetas e professores, meus pais, direta e indiretamente, incutiram-me desde cedo o gosto da literatura. Havia livros em nossa casa, e eu os lia sem discriminação de gênero ou de faixa etária. Alguns seriam até menos

---

* Poeta, contista e ensaista. Reside em Brasília, DF.

convenientes para um menino, devido a sua complexidade ou temática. Mas nunca me impuseram restrições, e eu lia o que estivesse ao alcance de meus olhos e de minhas mãos.

Lá pelos dez, onze anos, já em Goiânia, meu olhar de leitor se expandiu: comprava e lia todas as revistas em quadrinhos que podia – e eram muitas. Embora preferisse as de heróis de capa e punhos, à maneira do Super-Homem ou do Capitão Marvel, lia-as todas, e com tal fervor que, no Ginásio, passei a desenhar figurinhas assemelhadas na poeira do pátio. Mais tarde, de volta a Minas, cheguei a compor uma historinha (balões e quadrinhos), e certa vez levei um zero em Matemática por desenhar enquanto o professor se perdia em números.

Foi em Goiânia que meus pais, atentos ao interesse filial, me presentearam com os livros infanto-juvenis de Monteiro Lobato. Não vou dar sobre esse Lobato das crianças uma opinião de adulto metido a besta. Dou a de maior autoridade no assunto: a do menino que fui. Nunca houve, para ele (nem para mim), autor desse gênero que se lhe comparasse, fosse daqui ou de além-mar. Suas páginas povoaram de superiores maravilhas meu pequeno cérebro infantil.

A leitura de Lobato não me fez preconceituoso. Nem ateu. Nenhum de meus defeitos vem daí. Ao contrário, saía dessa leitura mais rico em imaginação, em reflexão, em capacidade de maravilhamento, em poesia. E ainda no conhecimento precoce de grandes temas e grandes nomes da cultura mundial, a exemplo do Quixote, que Lobato habilmente apresenta à curiosidade infantil.

Eis senão quando, vejo pender sobre a fama do escritor a espada da Censura, por pregação ateísta, comunista, sei lá mais o quê. Em verdade, a origem desses ataques vem de décadas; mas há um recente recrudescimento deles. Vá longe a veleidade de esgotar o elenco das reprovações. Há um viés ideológico no hábito de tentar fisgar escorregões nos grandes escritores, e os "achados" dos censores nem sempre são aceitáveis; ou exageram ou fogem totalmente da razoabilidade, e é raro o balizamento da crítica pelas circunstâncias de meio e tempo do autor que fazem assentar no banco dos réus. A esteira de Lobato é pródiga em exemplos, mas prefiro me limitar a dois casos que me acodem com mais

frequência. Um deles é a imputação de racismo ao criador de Tia Nastácia, por dizer que a negra velha trepava às árvores como uma macaca. Ora, atribuir a pessoas qualidades simiescas de agilidade, mobilidade, malícia, esperteza não é atitude que tenha por objeto exclusivo esta ou aquela cor ou etnia. Dir-se-ia que a maldade está antes, no caso, em quem critica...

Cedo aqui à tentação de passear por territórios adjacentes do reino da Censura. Num deles, pontificam os que pretendem se extirpem dos léxicos termos como judiar e sentidos pejorativos com que empregam alguns a palavra judeu; o que, além de irrealista e anticientífico, não resolveria nada – o preconceito está arraigado na vida, o dicionário apenas o registra. Em judiar, o nexo socioetimológico se esvaneceu; mas o dogmatismo impermeável dos novos catões lhes dá antolhos para em tudo verem delito, nódoa, preconceito. E a palavra mulato? Na formação há de ter sido pejorativa; mas hoje, entre nós, notadamente no feminino, tem conotações fortemente positivas – no âmbito fisiossexual – resgatado o pecado de origem.

Voltemos a Lobato: os grossos beiços de Tia Nastácia... Beiço é o mesmo que lábio, mas, embora já tenha emulado com este vocábulo em formas literárias, noutros contextos espaciotemporais, acabou perdendo para ele; permanece entretanto em expressões como lamber os beiços ou fazer beicinho, de aplicação indiferente a considerações étnicas. Razões espaciotemporais e o contexto lingüístico em que se insere a palavra é que lhe dão, eventualmente, caráter pejorativo; e é muito fácil, conforme as circunstâncias, resvalar, em seu entendimento, do realismo para o prejuízo. Grossos beiços podem significar um traço étnico; são um traço físico da simpática Anastácia. Penso que a celeuma em torno disso é sinal de má vontade, e esta má vontade pode implicar preconceito...

Desgraças que tais, infelizmente, vêm sempre acompanhadas. Têm par, estas, na "simplificação" de Machado de Assis, crime idiotizante a que se acumplicia o Estado brasileiro; ou nesse acordo ortográfico absurdo e contraditório que nos impingem, com o argumento, aqui também, de uma suposta simplificação, e com o objetivo de padronização forçada; e no crime hediondo de leso-idioma que seria abolir a dicotomia supostamente maniqueísta certo/errado, preciso/confuso, elegante/tosco

para os diversos níveis lingüístico-sociais de expressão. Este é, ao cabo, além de delito contra a língua – e contra a cultura, que por meio dela se expressa – crime contra os menos validos: em vez de considerá-los acima de qualquer crítica, temos a obrigação social de lhes facultar os meios de aperfeiçoar o instrumento lingüístico, sem o que lhes fica essencialmente prejudicada a possibilidade de ascensão cultural e social.

Tolices, enfim, como as que se irrogam ao grande Lobato mereceriam ser objeto de entrevistas com alguns de seus personagens. Fora interessantíssimo especular sobre o que diriam a respeito a irreverência da boneca Emília, o arrebitamento de Narizinho, a curiosidade aventureira de Pedrinho e a sabedoria do Visconde.

Zebu

Adriles Ulhoa Filho

Madrinha Sinhá é muito boa pra mim... Ela me dá comida, arruma roupas para eu vestir além de reservar um quartinho aqui perto da cozinha onde durmo e, vez em quando, troco de roupa. Tenho uma cama com colchão de palha, um travesseiro recheado de retalhos e duas cobertas. A cama é um pouco alta para a minha baixa estatura e tenho certa dificuldade ao deitar por causa das minhas entrevadas pernas. Não são totalmente entrevadas as minhas pernas, pois ainda consigo caminhar arrastando-as pelo chão. Não tenho nenhum sapato ou chinelo e meus pés estão sempre inchados. Às vezes pego um bicho-de-pé que coça muito. Por não conseguir dobrar a coluna e alcançar o pé, tenho que arranjar um caridoso para tirar o bicho pra mim. Também para tomar banho tenho que recorrer a uma velha lata de querosene onde esquento a água em uma trempe de duas pedras. A lata fica sempre no quintal junto à porta da cozinha, e eu a levo para o quartinho de guardar lenha quando vou me banhar. Junto a ela deixo sempre um velho copo de folha de flandres, que serve para jogar a água sobre minha cabeça. Água para o banho e para beber eu retiro da cisterna. Aliás, tirar água do poço é uma das poucas atividades que ainda consigo fazer. Desço a lata atada em uma corda enrolada no sarilho, espero que ela se encha depois de tombar de lado por uma pedra atada justamente para esse propósito. Em seguida recolho a corda girando o sarilho no sentido contrário. Difícil para mim é puxar a lata cheia para

---

* Bancário aposentado. Membro da Academia de Letras do Noroeste de Minas – Paracatu, MG.

fora da boca do poço, mas com paciência consigo. Às vezes sobe um sapo junto com a água... Um daqueles *mochés* bobos que durante a noite, procurando água, acabam caindo lá dentro do poço. Apesar dos sapos, a água do poço é usada para cozinhar, lavar vasilhas e para as pessoas tomarem banho. Eu bebo é dela, pois o pote d'água que fica na varandinha antes da cozinha está colocado em altura elevada que não consigo alcançar. Tem lá outro copo para tirar água, de borda serrilhada, que é para a meninada – os netos da madrinha Sinhá – não beber nele. A água desse pote vem de cacimbas lá da praia, trazidas pelo Crispim ou pela Cipriana. A casa da madrinha é muito grande e quase toda assoalhada. Tábuas largas que também ajudo passar pano para tirar a poeira que vem da rua trazida pelo vento e pelos muitos pés que transitam pela casa. Durmo cedo e tenho uma lamparina de querosene que acendo ao escurecer e que apago logo que me ajeito para dormir. Para acendê-la pego fogo de um tição no fogão, pois a madrinha não me deixa uma caixa de fósforos. Acho que ela tem medo que eu bote fogo na casa, dadas as minhas dificuldades de movimento. Dizem que ronco muito quando durmo e que isto é por causa do meu papo. Eu não importo quando os netos mais novos ficam pegando no meu papo puxando pra cá e pra lá como se fosse um brinquedo. Se a madrinha Sinhá os vê fazendo isso ela ralha com os meninos. Ela não gosta que eles me chamem de Zebu: – *o nome dele é apenas Zé* – como me batizou no dia que aqui cheguei. Eu não importo, pois Zé ou Zebu pra mim é a mesma coisa. Não sei bem como foi que vim morar aqui... Lembro que ainda era moço e que comecei guardando uma lenha que um carro de boi despejou junto ao portão aqui no beco e ela me pediu para guardar – *pois vem chuva*, ela disse. Em troca, ela me deu uma velha camisa do marido e comida. Com as tripas cheias, dormi aquela noite ali mesmo no quartinho de lenha, numas palhas no chão. E fui ficando... Agora já se passaram vários anos e fico ajudando numa coisinha ou outra, como cortar um assa-peixe para varrer o forno de assar biscoitos, arear forminhas de bolo, puxar água do poço, ou arrancar um mato no quintal. Naquele tempo eu não tinha as pernas tão entrevadas como estão agora... Acho que é reumatismo por tomar muita friagem e andar descalço.

Os meninos – os netos da madrinha – são muitos, e alguns *encapetados* que gostam de bulir comigo. Finjo de bravo, mas sou incapaz de machucar qualquer um deles. Xingar, eu xingo! Mas, nem consigo correr atrás para assustá-los... Tem uma, já *maiorzinha*, muito bonita e de olhos verdes, que é das mais endiabradas. Por isso, adotei agora uma maneira de deixá-la com raiva: toda vez que vou xingar um deles aproveito e xingo ela também. Assim: *puta que pariu procê e Haydée.* Ela fica furiosa!

O marido da madrinha, Sô João, já está também bem velho e surdo. Anda como eu, arrastando os pés calçados por um chinelo macio, e encapotado mesmo que faça pouco frio, pigarreando e fumando um fedorento cigarro. Morro de rir quando o vejo dar piparotes nas orelhas dos netos, ou se aproximando de um grupo com o cigarro aceso e, fingindo distração, encostar a brasa nas pernas de um dos moleques. Malvadeza! Mas isso o diverte muito, e a mim também. Todos os dias, pela manhã, ele confere as horas do relógio de parede com outro de bolso, que sempre carrega. Sobe às vezes em uma cadeira – em tempo de cair – para dar corda no relógio de parede. Após acertar, dá uma balançada no pêndulo, que fica vários dias num vai-e-vem ininterrupto pra lá, pra cá! Raramente ele vai ao quintal examinar os pés de ata próximos da porta, ao lado do poço, mas não mais se arrisca subir até a parte mais alta do terreno, a não ser quando precisa ir até a latrina, na casinha um pouco acima da pitangueira que fica ao lado do abacateiro. Eu também nem vou mais lá, pois faço minhas necessidades aqui mesmo: detrás da parede da casa de lenha.

A cozinha tem um negro fogão de lenha e um forno de barro. Por isso, o seu teto está recoberto de picumã, que enegrece até o velho armário onde a madrinha guarda panelas e pratos. Muitos ratos passeiam à noite pela cozinha em busca de restos de alimento. Sobre a chapa do fogão um bule de cor verde, também já enegrecido, mantém quase que fervendo o café que Sô João toma antes de cada cigarro.

Aos domingos a casa fica cheia quase que o dia todo. E o meu papo muito sofre... Mas está tudo bem, pois tenho cama e alimentação garantida até que meus dias se findem e eu possa retornar à terra – mesmo que num bastantão – e meu espírito aguarde uma nova e melhor oportunidade.

Falta alguém no panteão dos heróis nacionais

*Zanoni Neves**

A história do Brasil está repleta de heróis, muitos dos quais merecedores de tal honraria. Não custa lembrar alguns nomes: Tiradentes, Zumbi dos Palmares, Frei Caneca, Pedro Ivo e muitos outros. Nos dias atuais, Chico Mendes é um bom exemplo.

Quando os heróis formam um grupo social, uma classe, uma etnia, perdidos nos desvãos da História, é muito difícil identificar nomes e escrever biografias, mas é possível descrever seus feitos, explicitar sua contribuição, seja à história da sociedade, seja à trajetória de grupos étnicos pelo reconhecimento de sua identidade, de seu trabalho e de sua cultura. Basta que tenhamos à mão o relato, o documento histórico, a entrevista.

Os remeiros do rio São Francisco devem ser incluídos nessa categoria dos heróis anônimos.

Da primeira metade do século XVIII aos anos 1950, os remeiros navegaram nos 1.371 km do Médio São Francisco e em seus principais afluentes, empunhando pesados remos e varas. A jusante do povoado (depois, cidade) de Juazeiro – BA até às proximidades das grandes

* Associado efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, mestre em Antropologia Social.

cachoeiras, pequenas barcas impulsionadas pelos remeiros também faziam o transporte de cargas e o comércio ambulante. Portanto, Minas, Bahia e Pernambuco mantiveram um intercâmbio intenso que só foi possível graças ao trabalho dos remeiros.

Fotografia: Comissário Joaquim Sereno (1939)

Vale lembrar uma viagem célebre, presente nos anais da história: a de Frei Manuel da Cruz, primeiro Bispo de Mariana. Acompanhado de sua comitiva, Frei Manuel singrou as águas dos Rios Grande, São Francisco e Velhas em duas barcas, na primeira metade do século XVIII. (Ávila, 1967, v. 2, p. 371-379). É possível inferir que a tripulação era constituída de um mestre (piloto) e vários remeiros.

Ao longo de duzentos anos, operou-se a integração socioeconômica e cultural das comunidades ribeirinhas. De cidade em cidade, de fazenda em fazenda, às margens do rio, aqueles navegantes – lembrados também por suas belas toadas – levavam nas barcas as mercadorias e produtos regionais que seus patrões vendiam e compravam na ribeira: foi um

trabalho ingente e admirável – uma verdadeira epopeia! – ao longo de um período histórico em que a navegação a vapor não existia no Médio São Francisco ou era insuficiente para atender às necessidades do povo ribeirinho. É importante lembrar que o "Saldanha Marinho", o primeiro vapor introduzido naquela região, só alcançaria as águas do São Francisco em 1871; logo em seguida, foi a vez do "Presidente Dantas". Mas somente na última década do século XIX é que a navegação a vapor experimentou maior desenvolvimento com a introdução de outras embarcações no curso médio do grande rio.

Nos meados da década de 1930, Orlando Carvalho, um jovem que se tornaria um grande educador, surpreendeu-se ao constatar as condições de trabalho nas barcas de figura do Rio São Francisco:

> "...o varejão no princípio faz uma chaga enorme no peito do remeiro. Ele pega, então, um pouco de toucinho quente e o derrama sobre a carne viva. Formam-se ali calos pretos e horríveis, que são como duas condecorações no peito desses infelizes. Às vezes, como eu vi, o calo se racha e a gente enxerga em baixo a carne viva latejando." (Carvalho, 1937, p. 87).

Frente a essa tarefa titânica dos remeiros é que os ribeirinhos do Vale do São Francisco devem manifestar sua admiração e gratidão, reconhecendo que aquela estirpe de homens rudes – a maioria, negros – contribuiu para erigir o substrato da economia e da cultura regional.

No texto de Carvalho, a nosso ver, deve-se relativizar o termo "infelizes" tendo em vista que os remeiros trabalhavam cantando toadas no tom das vogas. Também improvisavam versos conforme relatos de técnicos e cronistas que tiveram a oportunidade de viajar nas barcas. (Burton, 1977, p. 173). As entrevistas o confirmam. (Neves, 2011, p. 218-221)

Mas não se deve perder de vista a superexploração do trabalho. Nas barcas, as jornadas diárias duravam até quatorze horas.

Em nossa opinião, os remeiros – também conhecidos como "moços de barca" – foram verdadeiros heróis! Portanto, falta alguém no panteão

dos heróis nacionais; ou melhor, faltam centenas de nomes... Mas vale reverenciar a classe social como um todo.

Para outras informações sobre os remeiros, sugerimos consultar a bibliografia abaixo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁVILA, Afonso (Org.). *Resíduos seiscentistas em Minas*. Belo Horizonte: UFMG/Centro de Estudos Mineiros, 1967, v. 2: *Áureo Trono Episcopal*.

BURTON, Richard. *Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico*. Tradução de David Jardim Jr. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1977 (Coleção Reconquista do Brasil).

CARVALHO, Orlando M. *O rio da unidade nacional: O São Francisco*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1937.

NEVES, Zanoni. *Navegantes da integração – Os remeiros do Rio São Francisco*. 2ª. edição: Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011 (Coleção Humanitas).

NEVES, Zanoni. "Os heróis da integração". In: *Cariris* – Revista de Arte, Cultura e Turismo. Pirapora/Belo Horizonte: Interativa Design & Comunicação, Ano l, nº. 4, julho de 2001.

NEVES, Zanoni. *Os remeiros do Rio São Francisco*. São Paulo: Editora Saraiva, 2004 (Coleção Que história é esta?).

Paul Schrader, um marginal na indústria de Hollwyood

*Marcelo Miranda**

Há elementos muito mais complexos em *The Canyons* (2013), filme mais recente do cineasta norte-americano Paul Schrader, do que ele ter sido financiado por um sistema de crowdfunding, ou de a atriz Lindsay Lohan ter quase enlouquecido a produção, ou de um dos protagonistas, James Deen, ser ator de filmes pornográficos, ou qualquer outra informação comezinha e sensacionalista que insiste em estar vinculada a quase toda pesquisa que se faça sobre o longa-metragem. A oportuna ironia é que, já nos créditos iniciais, o cineasta lamenta o atual estado das coisas no mundo do cinema. Em imagens tão melancólicas quanto paradas, como se estivéssemos a ver uma série de anticartões postais de Hollywood, surgem fachadas e interiores de salas de exibição largadas ao abandono e à decadência, envoltas numa névoa de vazio e solidão, que parecem gritar aos olhos que o cinema com o qual realmente nos relacionamos (ou deveríamos nos relacionar) está deixado às traças,

* Jornalista, professor e crítico de cinema.

enquanto as atenções e cuidados estão voltados para outro lado, para o *glamour*, os holofotes, as luzes falseadas de uma Los Angeles que apenas existe nas páginas de revista, nos programas de celebridades e no culto ao *star system* que insiste em perdurar ainda no século 21.

A câmera de Schrader, assim como as de colegas de geração como Martin Scorsese, Brian DePalma, William Friedkin, John Schlensinger e Peter Bogdanovich fizeram em princípios dos anos 1960, está apontada para fora. Ela olha a marginalidade, a sujeira e a solidão provocadas por uma urbanidade que devora a figura humana e expele prédios, mansões, carros, poluição e "limpeza". Experiente e ambicioso, Schrader sabe que os tempos, hoje, são outros. *The Canyons* é, em si, objeto fílmico de uma nova configuração pautada pelo brilho da imagem e pela visibilidade extrema proporcionada pelas cores e luzes. A escolha do digital, aqui, se deve não apenas ao barateamento de custos, mas especialmente à possibilidade de revestir o filme numa camada de limpidez que a todo instante está em conflito com seu conteúdo, provocando um choque de apreensão. O ápice está na cena da orgia, na qual o colorido dos globos fosforescentes se confunde com as curvas e tons de pele dos corpos dos quatro atores, num fluxo de abstração tão expressivo quanto cafona.

Da geração conhecida como Nova Hollywood, mais ativa entre final dos anos 1960 e meados dos anos 1970, Schrader é como um "patinho feio", mesmo tendo escrito alguns dos trabalhos mais emblemáticos do período. Briguento e sistemático, desentendeu-se constantemente com amigos, atores, atrizes, produtores e até com o irmão, Leonard, corroteirista de Operação Yakuza (*The Yakuza*, Sydney Pollack, 1974) e *Vivendo na Corda Bamba* (Blue Collar, 1978), que marcou sua estreia na direção. Persistiu numa filmografia constante em meio a vários fracassos, seguindo sempre na margem da margem, em alguns casos sendo abertamente repreendido e rejeitado: *Dominion: Prequel to "The Exorcist"* foi lançado por conta própria em 2005, depois de o estúdio não ter gostado de sua versão e contratado outro diretor para finalizar o projeto. Seus filmes, atualmente, repercutem muito menos do que no passado e parecem cruelmente negados por um sistema que já lhe proporcionou tanta consagração.

Para expor a gangrena dessa estrutura (não apenas a de Hollywood, mas de toda uma busca pelo sucesso e fama alimentada numa engrenagem cuja recompensa é "dar certo" – ou seja, é de valores humanos que *The Canyons* trata), Schrader se vale das armas do inimigo. Ele não faz exatamente como o antigo parceiro, Scorsese, que, nas estripulias visuais e narrativas travestidas de provocação (vide *O Lobo de Wall Street*, lançado em 2013, para ficar no mais recente), virou figurinha garantida nas castas oscarizáveis da indústria. Schrader está mais vinculado a DePalma, Friedkin ou Abel Ferrara, animais selvagens que insistem em morder quem cruza seus caminhos. Não porque isso necessariamente lhes dê prazer (não apenas), mas porque é da mordida que eles se alimentam, é pelo sangue jorrado que seus instintos permanecem ativos, e é do tombamento das vítimas que eles reagem para seguirem adiante em lutas aparentemente desiguais – cá estamos falando respectivamente dos realizadores de *A Marca da Pantera* (Cat People, 1982), *Passion* (2013), *Killer Joe* (2011) e *Go Go Tales* (2007), afinal. Sobre Ferrara, inclusive, a crítica francesa Nicole Brenez escreveu palavras perfeitamente aplicáveis ao modo como o cinema de Paul Schrader pode ser apreendido e que aparece fortemente em *The Canyons*: "Trata-se de exumar a violência latente em uma imagem padrão (a vida cotidiana), com a intenção de reconstruir as suas determinações mais obscuras e menos aceitáveis (…) a serviço de um projeto radical e crítico".

Schrader utiliza o digital em *The Canyons*, portanto, para filtrar a imagem suja daquilo que ele filma sem por isso torná-la mais palatável. Ao optar por uma maioria de cenas de interiores, o cineasta isola os personagens em pequenos grupos, raramente ultrapassando três pessoas interagir. A sarabanda de Schrader se constrói nas alcovas hollywoodianas, disfarçadas de casas luxuosas, escritórios de negócios, cafés, restaurantes e estúdios de filmagem. Por estes ambientes circula Christian (James Deen), figura mefistofélica cujo nome ("cristão") é outra ironia com seu papel numa intrincada trama na qual o ponto nevrálgico está na essência de toda a obra de Paul Schrader: o poder exercido através do controle.

Na verdade, o que permeia seus filmes, sejam apenas escritos ou também dirigidos por Schrader, nem é tanto o poder pelo controle, mas especialmente a perda do poder como consequência do descontrole. Seja nas ruas imundas das grandes metrópoles (*Taxi Driver*, Martin Scorsese, 1976; *Hardcore – No Submundo do Sexo*, 1979; *O Dono da Noite*, Light Sleeper, 1992) ou em idílios amorosos abalados por elementos externos de cunho inexplicável (*Trágica Obsessão*, Obsession, Brian De Palma/1976; *Uma Estranha Passagem em Veneza*, The Comfort of Strangers, 1990); nas fábricas automotivas onde o homem se vê diminuído à condição de máquina (*Vivendo na Corda Bamba*), nos campos de extermínio nazista (*Adam – Memórias de uma Guerra*, Adam Resurrected, 2008) ou nas ruas de neve de uma pequena cidade do interior (*Temporada de Caça*, Affliction, 1997): em todos estes, o que desestabiliza a estrutura (e também as imagens) é o fato de que os personagens centrais não mais conseguem dar conta das responsabilidades assumidas diante de alguma autoridade superior. Responsabilidades, é bom esclarecer, nem sempre recebidas de bom grado, mas muitas vezes forçadas pela mesma autoridade que cobra um posicionamento de resultados. Ora, estamos aqui a falar do mesmo princípio que rege a fé cristã ("Amar a Deus sobre todas as coisas"). Pela crença, se o mandamento não for seguido, configura-se o pecado; para expurgar o pecado, chegamos ao castigo, muitas vezes às portas do inferno. De criação rigorosa e conservadoramente calvinista, Paul Schrader filma essencialmente o inferno, aquele embutido nele desde criança e que se tornou sua gramática artística.

"Cinemas são, à sua maneira, templos (…) Filmes são, em certa medida, milagres que transformam o implausível em plausível", escreveu o crítico Inácio Araujo em 2003, num texto sobre *Hardcore* que relaciona diretamente a obra de Schrader a uma espécie de profissão de fé. No olhar de Inácio para os filmes do realizador norte-americano, "Deus concede a graça a quem melhor lhe apraz. Não basta ter fé. É preciso ainda que Deus não nos dê as costas". É importante compreender que não se trata de um cinema propriamente religioso, ainda que Schrader tenha escrito o roteiro de *A Última Tentação de Cristo* (1988), de Martin

Scorsese. Se tanto, lidamos aqui com um cineasta no limite da espiritualidade, do contato com um elemento cósmico que conecta os personagens a alguma energia além-mundo e além da crença – como também são, nas suas diferenças, os cinemas de Roberto Rossellini e Abel Ferrara. A figura do pai (biológico ou simbólico) é essencial no desenvolvimento do caráter dos protagonistas de Schrader, muitas vezes levando-os ao declínio e ao sofrimento, mas também a alguma ascese não plenamente absorvida de imediato, porque apresentada através da dor. Não existem regras: às vezes tem-se alguma redenção; em outras, nem isso.

Christian, nosso "cristão" em *The Canyons*, dá as regras e exige obediência. Ele se coloca como um "pai" superior. Seu maior trunfo é circular com desenvoltura nas rodinhas de Hollywood, mesmo apenas como produtor de filmes B – no que temos aqui um diálogo inesperado e um tanto surpreendente com outro filme de "decadência audiovisual", *Caminho para o Nada* (2010), de Monte Hellman. Filmando a namorada Tara (Lindsay Lohan) a fazer sexo com outros homens, encontrados em constantes pesquisas na internet, Christian detém, sob variados aspectos, o poder da imagem. Essas imagens não lhe servem para chantagem nem coerção, e sim como manifestações inorgânicas pertencentes a ele. Tara se deixa filmar porque só assim conseguirá as benesses de uma vida com Christian, ainda que sacrifique o amor pelo ex-namorado, Ryan (Nolan Funk). "Quem falou sobre ser feliz?", provoca ela, não sem amargor. Pois Tara, na condição de subjugada, tem consciência ampla das consequências do que a move. A ela, é melhor ser joguete de um produtor rico do que ser companheira de um garçom que vende o corpo ao dono do bar para se manter no emprego.

O roteiro de Bret Easton Ellis, escritor que trabalha com a iconografia dos romances *pulp* em livros como *Psicopata Americano* (1991), reconfigura para esta Hollywood tão iluminada quanto carnívora o clássico *As Ligações Perigosas*, romance de Choderlos de Laclos publicado pela primeira vez em 1782 e do qual o próprio Ellis já tinha feito sua releitura em *As Regras da Atração* (1987). As intrigas se

parecem com dramas de amor, mas são, na prática, tramoias de interesse. No registro de Paul Schrader, o filme segue linhas de uma narrativa da evidência, em que arroubos de modernidade surgem na forma como a câmera escruta os espaços e deixa-os existir concretamente antes mesmo de serem ocupados pelos corpos dos atores. De planos de ligação de ruas e esquinas a lentos *travellings* de um ponto a outro do mesmo plano, *The Canyons* constrói a geografia autônoma de lugares amplamente notórios e se apropria do imaginário utilizado em infindáveis outras criações que já inclusive batizaram trabalhos do passado (*Sunset Boulevard*, ou Crepúsculo dos Deuses, Billy Wilder, 1950; *Mulholland Dr*., ou Cidade dos Sonhos, David Lynch, 2001).

No caso de *The Canyons,* a geografia de Hollywood aparece novamente num título, desta vez não com nomes de ruas ou rodovias, mas do fenômeno geológico cuja origem está num longo processo de erosão do solo provocado pelo curso das águas de um rio. Os "desfiladeiros" ou "cânions" referenciados no título estão presentes tanto na localização da mansão de Christian quanto especialmente na atmosfera criada por Schrader em seu inferno cristão, onde são castigados Tara, Ryan, Gina (Amanda Brooks) e Cynthia (Tenille Houston) e no qual o símbolo maior é o fim do cinema – ou ao menos o fim de um tipo de cinema. O aspecto um tanto apocalíptico e igualmente desiludido da visão do cineasta aparece na tessitura de *The Canyons*, pois se trata, aqui, de um filme sobre um filme que nunca será feito. Christian está em processo de produção, empregando Ryan por insistência de Tara. Gina é sua assistente, e Cynthia, a amante, secretamente envolvida com Ryan no passado (assim como Tara). Todo o carrossel de relações desemboca no tal filme em andamento, a ser sabotado pelas mentiras e intrigas das relações pessoais.

Paul Schrader filma um cinema impossível, pois impossível é, para Christian, não ter o controle sobre cada elemento do jogo. "Normalmente sou eu quem dirige as cenas", diz ele ao terapeuta (interpretado, aliás, por Gus van Sant, um diretor de cinema). Na noite anterior, Christian fora controlado pela namorada durante uma orgia, agindo a partir das vontades

dela. "Isso me fez sentir um ator, mais ou menos como me sinto quando estou aqui. Somos todos atores, não somos?". Este homem acostumado ao controle questiona sua própria posição ao ser controlado através de um dos elementos de que ele mesmo mais se utiliza (o sexo) e não admite a nova configuração de ser aquele que chegou depois. Existiu, afinal, uma teia anterior de envolvimentos (formada por Tara, Ryan e Cynthia) da qual Christian não participou, o que exatamente por isso o está prejudicando. Como o protagonista de *Disque M para Matar* (Alfred Hitchcock, 1954), ele articula um cenário através do qual elimina as peças defeituosas e reativa o *status quo*, algo apenas possível através de violência e sangue. Christian é um tipo de *alter ego* de Schrader, a contraparte sádica que compreende os movimentos do tabuleiro por onde circula e tem em Tara a cúmplice perfeita (ainda que infeliz, condição para a existência dela).

Diferente de outros personagens escritos por Schrader, Christian não está em busca de redenção nem é, por si mesmo, alguma figura trágica. Ele é o demônio adaptável às circunstâncias, que age e se movimenta como um felino a espreitar cada presa. A tragédia de *The Canyons* está, de fato, em Tara e Ryan, separados e ligados ao mesmo tempo, ora por um encontro fortuito, ora pela vigilância de uma amiga em comum, situação à qual aparentemente estarão condenados para sempre. Esse destino inexorável é explicitado pelo olhar frontal de Ryan à câmera, no plano final: assim como Christian fazia no passado, agora é ele quem bisbilhota a vida e os interesses de Tara. Só que ele não quer poder nem controle. Ele busca a luz – dos holofotes, de preferência. Tara é a subtração com a qual Ryan deve aprender a conviver. Ao encarar o espectador, ele faz um desafio similar ao de Harriet Andersson em *Monika e o Desejo* (Ingmar Bergman, 1952), exemplo eterno de extravasamento do ponto de vista: "Me julguem".

Tela preta posta, entram os créditos finais, acompanhados de mais anticartões postais de Hollywood. Desta vez, o leque de imagens é maior: além das fachadas e interiores vazios, mostram-se películas empoeiradas no chão, projetores obsoletos e largados, telas destruídas, máquinas de

pipoca abandonadas. É como se, entre o começo e o fim de *The Canyons*, o cinema e seu imaginário tivessem apodrecido um tantinho mais, devido à devastação moral e afetiva testemunhada pelo espectador nos 100 minutos anteriores.

PS: *The Canyons* foi lançado apenas em alguns cinemas dos EUA e também em plataformas virtuais. Deve permanecer inédito no circuito comercial brasileiro, podendo ser encontrado apenas na internet ou em espaços virtuais de compartilhamento.

Milton DaCosta – uma pintura espartana

*Carlos Perktold**

Apesar da consagração de muitos artistas, a vida de quase todos aqueles nascidos em meados do século 19 até a metade do século 20 foi dura do ponto de vista financeiro. Houve exceções, naturalmente, mas não foi somente o sempre lembrado Van Gogh quem vendeu apenas um quadro durante seus dez anos de produção imortal. As biografias de Modigliani e de Pollock foram trágicas sob todos os aspectos. E nem foram apenas os três. Vários pintores e escultores morreram cedo e pobres. Parece haver uma troca divina entre a imortalidade e as dificuldades terrenas, porque é passando pelas vicissitudes da vida e permanecendo no caminho em que os deuses os colocaram, que esses bravos guerreiros da arte vão superando os obstáculos, os impedimentos, a inveja e os estorvos, seguindo em frente até se transformarem, com frequência na velhice, em artistas celebrados. Muitos deles pararam no acostamento desta vereda e ali ficaram a ver os colegas mais aguerridos

* Crítico de arte, integrante da Associação Internacional dos críticos de Arte (ABCA-ASCA).

passarem com a paleta cheia de cores na mão. Aqueles são bons também, mas como no poema de Brechet, os que seguem em frente são imprescindíveis. Para piorar ainda mais a vida dos artistas andarilhos seguidores daquele caminho difícil, havia poucos colecionadores naquelas décadas, vendia-se pouco, muito pouco, em especial no Brasil.

Raríssimas pessoas valorizavam a pintura como algo capaz de trazer benefícios intelectuais a quem olhasse diariamente para as paredes de seus lares cheias de quadros, desenvolvendo o olhar e a sensibilidade dos integrantes da casa, ou sequer pensavam nela como investimento financeiro de longo prazo. Além disso, alguns trabalhos eram caros para um Brasil que vivia ainda no estado de necessidade e a realização de desejo na arte não fazia parte do cardápio familiar, mesmo dos ricos.

Mondrian e Picasso vendiam nos anos 1920/30 um quadro por trezentos dólares norte-americanos, preço de um automóvel na época. Guignard tentava vender em Belo Horizonte, em 1958, cada quadro pelo preço equivalente hoje a um terno masculino.

Afirmei, em artigo anterior publicado nesta revista, que é uma ilusão o colecionador ou o grande público, vendo os preços dos trabalhos de Cézanne, Manet, Monet, Pissaro – para citar apenas os franceses – ou os de Guignard, Di Cavalcanti, Portinari – para citar os nacionais, tão valorizados artística e comercialmente, crer que se pudesse voltar no tempo compraria vários trabalhos deles, garantindo-lhes um futuro tranquilo com a potencial venda das pinturas pelos preços atuais. Engana-se quem pensa assim, ninguém as compraria.

O leitor apaixonado por artes plásticas, em especial pela pintura, sabe desses infortúnios e sabe também que grandes artistas começam suas carreiras pintando paisagens ou figurativos. Alguns saem dessa fase e, com os anos, vão à simplificação representada pelo abstrato, parte deste encontrável habitualmente nos detalhes em fundos das telas dos trabalhos iniciais. Outros acabam voltando para o figurativo, como foi o caso do nosso saudoso Inimá. Muitos jamais abrem mão do figurativo, paisagem, retratos e autorretratos e os seguem até o final da vida. E há por fim aqueles que, percorrendo sua trajetória, terminam sempre na mais completa simplificação do que foi iniciado no passado remoto de suas

carreiras. Exemplos do primeiro caso, os já citados Portinari, Di Cavalcanti e Guignard, para falar apenas de parte dos gigantes brasileiros. Do segundo grupo, falamos de Arcângelo Ianelli, Aldir Mendes, Mabe, Flexor, Fukushima, Wakabayashi e muitos outros. Mas há ainda aqueles que, ao nosso primeiro olhar sobre sua obra, pensamos serem de certa escola para em seguida achamos que é de outra, e mais um pouco mudamos de opinião novamente. Neste último caso está, sobretudo, Milton Rodrigues da Costa (1915-1988) ou Milton da Costa que, simplificando sua assinatura como a sua pintura, assinava DaCosta nos seus trabalhos.

DaCosta é, para colecionadores e críticos, um dos mais geniais pintores brasileiros do século 20. Infelizmente ele ainda é pouco conhecido do grande público, se comparado a coevos seus. Isso não é uma surpresa, pois o grande público é sempre retardatário nas suas escolhas. Se o leitor folhear qualquer um dos diversos livros dedicados à vida dele e aos seus trabalhos, verá que ele iniciou sua caminhada muito cedo, começando com paisagens, retratos e autorretratos psicológicos, passou por marinhas, seguiu simplificando figuras humanas cheias de linhas cubistas, formando, ao mesmo tempo, imagem frontal e de perfil, como se a sua bela pintura fosse também um primoroso desenho. Depois, fluiu na mais completa espontaneidade das linhas horizontais e ortogonais, pintando naturezas-mortas que nos intrigam ao primeiro olhar e nos deixam apaixonados ao segundo. Para chegar a essa espartana e desconcertante simplicidade, que começa em torno do início da década de 1940, adere ao cubismo. Entre 1953 e 1956, nomeava suas obras com a cor que colocaria no fundo do suporte. Assim, em azul, em marrom ou em vermelho designa o fundo da tela, seguido daquelas simples linhas com os volumes cheios de cores, escrevendo poesia com o pincel, definindo objetos e naturezas-mortas que nos encantam pela enganosa simplicidade. Sim, enganosa. Quem as olha pela primeira vez não imagina a trajetória intelectual e pictórica que há atrás de cada composição. Mais adiante, elas nos lembram projetos ou maquetes de encantadoras construções arquitetônicas que, se edificados, fariam seus moradores felizes assim como fazem hoje o espectador delas sorrir com os olhos.

DaCosta e Oscar Niemeyer são irmãos siameses da arquitetura moderna brasileira: um no cavalete e outro na prancheta. Amílcar de Castro é outro irmão na medida em que ambos terminam fazendo a "mesma" composição: um na tela e outro na chapa de aço, sem que os dois jamais tivessem mencionado entre si o que faziam naqueles anos. Em qualquer das pinturas, construções, retratos, paisagens, Vênus, naturezas-mortas, marinhas de DaCosta há um sempre profundo silêncio, registrando um humanismo que se espera de todo artista executor de pintura universal. Nada nele é regional.

Com o seu casamento com a não menos brilhante pintora Maria Leontina nasceu-lhes o único filho do casal, Alexandre. Tão logo seu rebento fica de pé, surge-lhe a fase "Alexandrina", na qual o personagem principal e recorrente é o filho em pé ou apenas a sua cabeça, quadros hoje mal denominados e conhecidos como "Cabeçudos". A mesma simplificação ocorrida com suas linhas formadoras de belas imagens é repassada para a nova fase e o filho é imortalizado em pinturas de pequenos e grandes formatos. Aliás, pequenos formados são a preferência na maioria de seus trabalhos, que sempre apresentam leve textura de quem procura o desenho nas cores. Mas o leitor não imagine que ele era melhor nas pequenas superfícies, daí sua preferência. Ele pintava quadros de grandes portes e elas são insuperáveis obras-primas.

DaCosta foi premiado com viagem ao estrangeiro em 1944, na Divisão Moderna do Salão Nacional de Belas-Artes, raro privilégio de poucos artistas, e ficou nos Estados Unidos e em Paris, onde foi amigo de Cícero Dias, que o apresentou a Picasso, Braque e a todos os bravos criadores do cubismo e da Escola de Paris, e de lá Milton voltou mudado. De ninguém com seus neurônios completos poderíamos esperar algo diferente. Paris mudava qualquer pessoa sensível naquela época, assim como hoje permanecer um ano na Cidade Luz e voltar colocando-se no mundo como se nada tivesse acontecido é prova de que lhe faltam sensibilidade, inteligência e bom gosto. Foi a partir desses contatos tão importantes quanto produtivos que DaCosta compôs seus trabalhos cubistas.

Nos anos 1950, com o construtivismo em alta, aderiu a ele e pintou telas, guaches e desenhos com régua e esquadro, demonstrando a mesma

preocupação com o equilíbrio dessas composições e com o número de ouro, criando Arte, com letra maiúscula. Arte é esta senhora que anda perdida pelos salões de sua casa, como se fosse uma intrusa, desorientada pelos rincões da contemporaneidade, sem se lembrar que é a anfitriã de suas festas e deveria receber o tratamento de Grande Senhora de outrora.

Quando quer, Milton da Costa rompe com a regra de ouro e coloca a figura no centro do quadro, criando a grandiosa singeleza de quem chegou sabendo do seu lugar de amigo da velha senhora.

E sua pintura e prêmios não ficaram apenas no de 1944. Em 1955, ele foi premiado na Bienal de São Paulo, época de fase produtiva e da mais completa maturidade artística. Tinha então 40 anos de idade e sabia de seu talento e de que era artista que ficaria registrado nos anais brasileiros. DaCosta hoje é nome singular nas artes da América Portuguesa do século 20. Basta olhar para suas criações ao longo de sua carreira ou folhear um dos diversos livros editados com suas obras para sabermos que o que é sedimentado na beleza fica no mundo para sempre.

A influência mineira para o advento da bossa nova

*Wander Conceição**

Em 1990, a editora Companhia das Letras lançou no mercado brasileiro o livro *Chega de Saudade – a história e as histórias da Bossa Nova*, autoria do jornalista Ruy Castro. Considerado a bíblia do mais expressivo movimento musical do Brasil reconhecido pelo mundo, o livro foi traduzido para vários idiomas e se tornou um *best-seller*. Nas páginas 146 e 147, o autor fez alusão à passagem de João Gilberto por Diamantina em meados da década de 1950 e informou que, naquele período, o músico baiano se comportou como um sujeito anacoreta excêntrico, trancafiado num banheiro, para desenvolver o ritmo que revolucionou a música popular brasileira e encantou o planeta.

Há que ponderar que o referido período diamantinense não foi objeto de pesquisa do jornalista Ruy Castro que, cumprindo o propósito de somente citá-lo, registrou em seu livro as informações a ele repassadas por terceiros. Contudo, a forma como se referiu a Diamantina propende a criar, facilmente, no imaginário do leitor que não conhece sua história, a idéia preconcebida de uma cidade desconhecida e inexpressiva, perdida entre as montanhas do interior do Brasil. Ao contrário, Diamantina é um

---

* Pesquisador, poeta, graduado em Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina; autor de *Caminhos do Desenvolvimento*, *La Mezza Notte* e *A Terra, o Pão, a Justiça Social*.

referencial histórico, cultural e político da nação brasileira. Ofereceu contribuição singular para a formação, aprimoramento e evolução do Brasil, fator preponderante que justificou seu reconhecimento pela UNESCO, em 1º de dezembro de 1999, como cidade Patrimônio Cultural da Humanidade.

De mais a mais, a contribuição de Diamantina para o desenvolvimento da música brasileira vai muito além do fato de a cidade ter oferecido sossego e reclusão para João Gilberto realizar suas experiências. A bossa nova foi o resultado de um movimento de ruptura com os paradigmas que delineavam as canções populares do país. Em meados da década de 1950, consolidaram-se a renovação da linguagem, a renovação harmônico-melódica e a renovação do ritmo da música popular brasileira, cujos atores principais foram Vinicius de Moraes, Antônio Carlos Jobim e João Gilberto, respectivamente.

O enlace desses três elementos renovados gerou a bossa nova. Ao se considerar que essa fusão ocorreu, efetivamente, em 1958, emerge a figura do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, que havia feito a opção pelo estado democrático como prerrogativa de governo. No mesmo dia em que tomou posse na presidência da República, 31 de janeiro de 1956, JK suspendeu a censura à imprensa, às rádios e televisões, e encaminhou uma mensagem ao Congresso, abolindo o estado de sítio, decretado pelo seu antecessor, Nereu Ramos. A democracia aparece como o quarto elemento que interferiu na concepção da bossa nova, visto que suscita um imponderável: será que a reboque de um regime político autoritário e repressor, com a imprensa amordaçada, as artes em geral teriam avançado naquele tempo, da forma como avançaram no governo democrático de JK?

Imponderável à parte, a verdade é que em seu governo evolveram as letras, a arquitetura, o urbanismo, a pintura, a informação, a pesquisa em diversos campos da ciência. Explodiu o cinema novo. Ocorreu um desenvolvimento que impulsionou a produção de riquezas nacionais. No esporte, Adhemar Ferreira da Silva Pudger conquistou a medalha de ouro do salto triplo, nos jogos olímpicos de Melbourne, Austrália, em 1956. O futebol brasileiro sagrou-se campeão mundial em 1958, na copa da

Suécia. Maria Esther Andion Bueno alcançou o posto de tenista nº 1 do mundo, na conquista dos torneios de Wimbledon em 1959 e 1960, e a U. S. Championships em 1959. Éder Jofre conquistou o título mundial de boxe, na categoria peso-galo, no mês de agosto de 1960. Exatamente nesse cenário de esperança, entusiasmo e alegria, e sobretudo de credibilidade nas potencialidades nacionais, emergiu a bossa nova.

Entrementes, a preocupação de JK pelo estado democrático no Brasil não se deu de forma instantânea, como um clique repentino espocado no primeiro dia de seu mandato presidencial. Em depoimento concedido a Maria Victoria de Mesquita Benevides, para o projeto de história oral do Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea do Brasil – CPDOC, JK afirmou que seu senso democrático foi adquirido desde tenra idade, em conseqüência de sua origem modesta, situação que o ajudou a desenvolver, ainda muito jovem, os sentimentos de eqüidade e de justiça. Além desse motivo, citou o sistema administrativo repressivo instituído em Diamantina desde os tempos coloniais, construído sobre uma legislação impositiva, cuja rigidez terminou encorajando o povo diamantinense a desenvolver um apurado sentimento de independência e de liberdade, atributos tão inerentes à democracia. Concluiu sua explanação com a seguinte afirmativa:

– Assim, quando perguntam por que desenvolvi esse sentimento democrático: eu bebi isso no leite, no café, no ar de Diamantina, nas serenatas da minha terra. Eu aprendi esse sentimento de liberdade e guardei com tanta força que, quando a providência, o destino me trouxe ao palco...[1]

No mês de maio de 1956, o Brasil já convivia com o estado democrático, quando os elementos constitutivos da bossa nova começaram a se entrelaçar. Vinicius de Moraes necessitava de um compositor que lhe escrevesse a música para sua peça *Orfeu da Conceição*, com o mesmo espírito modernizador que ele empreendera na adaptação feita na

---

[1] OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek de. *Juscelino Kubitschek* I (depoimento 1974). Rio de Janeiro: CPDOC. 1979. p. 5.

linguagem da peça original. O poeta havia convertido a lenda de Orfeu, uma tragédia grega, em uma representação teatral, exibindo uma tragédia carioca. Orfeu, um semi-deus grego, virou um sambista negro da favela e foi inserido na agitação do carnaval do Rio de Janeiro. Diplomata, recém-chegado de Paris, Vinícius trouxera o livreto, com versos adaptados à sua versão, todo pronto. Faltavam as canções, nas quais o poeta colocaria as letras. Foi apresentado ao músico Antônio Carlos Jobim por Lúcio Rangel, no bar Villarino no Rio de Janeiro. Esse momento marcou o encontro da música e da poesia renovadas, que passaram a caminhar lado a lado com a perspectiva de modernidade que tanto se perseguia no país.

Na vanguarda do movimento modernizador da música nacional, Vinicius foi quem se destacou como o grande revitalizador das letras para as canções populares. O feito de impacto que complementou o processo de renovação da linguagem foi sua decisão em introduzir elementos característicos da poesia culta nos versos construídos para a música popular. Diversos críticos musicais, dentre os quais Tárik de Souza, creditam ao poeta Vinicius de Moraes o mérito da popularização da poesia culta, por intermédio de sua utilização na composição de letras para a música de massa.

Todavia, tal e qual o processo de opção pelo estado democrático ocorrido com JK, Vinicius de Moraes não tomou a decisão de popularizar a poesia culta, assim, num repente. Ao se recorrer à biografia do poeta, constata-se que sua formação tomou por base a tradição das famílias nobres do Rio de Janeiro. Recebeu educação conservadora desde os tempos de infância, estudando no Colégio Santo Inácio, de influência jesuíta. Agraciado com uma bolsa do Conselho Britânico, seguiu em 1938 para a Inglaterra, onde estudou língua e literatura inglesas na Universidade de Oxford. Um escritor de formação genuinamente clássica não se encaminharia de maneira repentina para o universo da cultura popular, sem antes ter sofrido influências que contribuíssem para essa aproximação. Posteriormente, inclusive, Vinicius de Moraes chegou mesmo a se intitular “o branco mais preto do Brasil”, depois de estabelecer relações com o candomblé.

Corrobora o raciocínio anterior afirmativa do próprio Vinicius, em entrevista concedida a Zuza Homem de Mello, na qual o poeta relata que, após escrever algumas letras para canções populares, num período bastante curto de sua adolescência, afastou-se inteiramente desse estilo de composição, em decorrência de sua afirmação como poeta clássico no cenário nacional:

– Bom, a partir daí, por ter-me tornado poeta no sentido mais clássico da palavra, abandonei totalmente a composição de música popular por me parecer na ocasião uma arte menor. Eu lembro que quando tirei o prêmio Felipe de Oliveira – um prêmio nacional de poesia – eu era muito moço ainda, tinha 21 para 22 anos e aquilo me subiu um pouco à cabeça. Fiquei me achando uma espécie de gênio nacional. Depois verifiquei que não era nada disso. Mas, talvez por ser um poeta conhecido e com livros publicados, deixei de lado a composição da música popular por muito tempo.[2]

Portanto, a inclinação para escrever uma poesia renovada para a música popular brasileira foi-se desenvolvendo em Vinicius de Moraes por intermédio de um conjunto de influências recebidas ao longo de sua vida, como aquelas inerentes ao ambiente boêmio e popular do Rio de Janeiro, com as quais o poeta conviveu. Dentre as influências recebidas, há que levar em consideração o seu relacionamento com vários agentes do movimento folclorista deflagrado na década de 1930, num país continental, com fronteiras internas permeáveis. A organização do estudo do folclore no Brasil somente se consolidou após a criação da UNESCO em 1945, que recomendou aos países membros um esforço no sentido de criar organismos voltados para o conhecimento de suas culturas populares. Era consenso entre os folcloristas que o conhecimento da sabedoria popular e sua interpretação coletiva são ferramentas de vital importância para a compreensão e manutenção da identidade nacional.

---

[2] MORAES, Marcus Vinícius da Cruz de Mello. In. MELLO, Zuza Homem de. *Eis aqui os Bossa-Nova*. São Paulo: WMF Martins Fontes: 2008. p. 228.

Esse movimento se organizou no seio do Palácio Itamaraty, exatamente a instituição à qual Vinicius estava vinculado, exercendo a função de diplomata. Os intelectuais brasileiros perceberam, na recomendação da UNESCO, a grande chance de realizarem um velho sonho, de modo que, logo depois, articularam o Movimento Folclórico Brasileiro. Contudo, a desilusão com experiências anteriores obrigou-os a reconhecer que sua antiga intenção de registrar e proteger as manifestações folclóricas somente poderia ser alcançada se o órgão destinado a essa tarefa tivesse algum prestígio junto ao centro de poder. Assim, para dar visibilidade ao movimento, a ordenação para viabilizar esses estudos foi promovida, estrategicamente, no interior do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura – IBECC, órgão sucursal da UNESCO, com sede no Palácio Itamaraty, do Ministério das Relações Exteriores. Por se tratar de uma instituição de prestígio, o Itamaraty seria o canal mais apropriado para se atrair visibilidade junto ao poder central do país, o caminho ideal para atingir o reconhecimento do estudo do folclore no Brasil.

Por intermédio do professor Renato Almeida, folclorista e também diplomata, criou-se a Comissão Nacional do Folclore em 1947, anexa ao IBECC. Para ampliar e ramificar suas ações em todas as unidades da federação, instalaram-se comissões estaduais, filiadas à Nacional. O estado de Minas Gerais foi o primeiro a instituir sua comissão, escolhendo o diamantinense, filólogo e folclorista, professor Augusto Aires da Mata Machado Filho para presidi-la. Junto com grandes estudiosos do folclore nacional, dentre os quais, Luís da Câmara Cascudo e Dante de Laytano, o professor Aires e a Comissão Mineira de Folclore ajudaram a deflagrar um grande movimento de organização do folclore no Brasil, que culminou com as Semanas Nacionais do Folclore realizadas em 1948, 1949 e 1950, nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, respectivamente. Depois vieram os Congressos Brasileiros de Folclore, no Rio de Janeiro em 1951 e em Curitiba em 1953. Por fim, o Congresso Internacional de Folclore, realizado em São Paulo, em 1954. Esses certames influenciaram toda a intelectualidade brasileira, e Minas Gerais se fez representar em todos eles, levando sua imensa contribuição.

Acrescente-se a esses fatos a visita do músico mineiro Ary Barroso a Belo Horizonte, em fevereiro de 1943, onde realizou apresentações no Cassino da Pampulha e no Cine Teatro Brasil. Justificou aquela viagem, do Rio de Janeiro para o seu estado, pela necessidade de "voltar a sua atenção para as riquezas inesgotáveis do folclore mineiro, anunciando visitar as mais históricas e tradicionais cidades de Minas Gerais". A primeira cidade histórica mineira que Ary Barroso visitou foi Diamantina, a convite de JK, então prefeito de Belo Horizonte. Permaneceu uma semana na cidade, onde ofereceu dois concertos artísticos em companhia da cantora Dolores Bragança, intérprete consagrada das canções folclóricas brasileiras. Naquela semana, Ary Barroso conviveu com as tradições locais e coligiu elementos do folclore diamantinense, cumprindo o objetivo de sua visita. Diga-se de passagem, Ary Barroso foi um dos mais importantes precursores da bossa nova, juntamente com Johnny Alf e João Donato, dentre outros.

Foi um Vinicius de Moraes seduzido por essas influências e despido de conceitos padronizados que encontrou Tom Jobim em maio de 1956, quando o Brasil terminara de fazer a opção pelo estado democrático. Ao discorrer sobre a evolução por que passou a cultura brasileira durante o governo JK, o jornalista Cláudio Bojunga fez uma digressão à mitologia grega, para destacar a situação privilegiada do Rio de Janeiro, ponto de convergência das diversas culturas regionais brasileiras. Em sua afirmativa, utilizou a figura de Prometeu, representante do trabalho, da produtividade, do progresso e do desempenho, aliada à figura de Orfeu, representante da alegria, da satisfação e do prazer:

E então, no Rio, nos últimos anos em que a cidade foi capital, Orfeu se aliou a Prometeu numa onda renovadora nas produções do espírito. Não foi fenômeno carioca, mas brasileiro: o Rio foi apenas o ponto de encontro de paulistas, baianos, maranhenses, mineiros, capixabas, piauienses, paraibanos, pernambucanos etc. Nessa forja surge uma nova poesia, uma nova pintura, um cinema novo, um novo samba, um jornal novo.[3]

---

[3] BOJUNGA, Cláudio. *JK – O Artista do Impossível*. Rio de Janeiro: Objetiva. 2010. Ed. de bolso. p. 624.

Quando Lúcio Rangel optou por apresentar Tom Jobim ao poeta Vinicius de Moraes, tinha consciência de que estava indicando um músico diferenciado e, principalmente, ousado que, naquela altura, já introduzira elementos peculiares à música erudita no universo da música popular. Por essa razão, seria o músico ideal para compor as melodias das canções para a peça *Orfeu da Conceição*. Tom Jobim utilizava acordes dissonantes com maestria, costume que ainda não era habitual no acompanhamento das canções populares tradicionais. Havia desenvolvido também a habilidade de empregar o processo de inversão da posição basilar dos acordes, recurso que ajuda o acompanhamento sobressair, ao gerar uma sensação de dissonância naquilo que era consoante na essência. Tradicionalmente, no acompanhamento da música popular brasileira, sempre se utilizavam os acordes em sua configuração básica.

Há que se destacar, entretanto, que, quando essas experiências de inserção de elementos novos na construção, na harmonização e no acompanhamento das músicas populares foram efetuadas, Tom Jobim já vivenciava, no Rio de Janeiro, uma atmosfera totalmente propícia a novos experimentos, paulatinamente construída, ao longo de um processo gradativo de evolução da musicalidade brasileira. Não obstante sua genialidade indubitável, o Rio era a capital federal, além de ostentar o *status* de cartão postal do Brasil, para onde convergiam, e ainda convergem, todas as influências, tanto exteriores ao país, quanto as interiores originadas de suas mais variadas regiões. Portanto, são muitas as influências que possibilitaram estabelecer-se no Rio de Janeiro, na década de 1950, um ambiente musical propício ao surgimento de uma "onda renovadora", neste aspecto enriquecida, de forma notável, pelo talento de Tom Jobim. Ao estudar a musicologia brasileira, o musicólogo alemão Francisco Curt Lange se opôs às teorias que insistiam em isolar a música que se desenvolveu no Rio de Janeiro do fenômeno musical ocorrido em Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX, por meio da seguinte advertência:

– Onde se têm visto, na História da Humanidade, elevar-se num deserto musical um gênio, quando o gênio é produto dum desenvolvimento prévio e dum ambiente favorável às suas condições excepcionais? Jamais

existiram ilhas culturais isoladas, autônomas, que não recebessem influências de outros centros, que não as tomassem para si por necessidade de se superarem. As teorias do surto de genialidades solitárias e de movimentos autônomos são apenas conseqüências dos credos chauvinistas, ignorados completamente na Europa dos neerlandeses em Veneza e da Ópera italiana em São Petersburgo, Dresden, Munique e Viena, de Händel na Inglaterra, e dos músicos espanhóis ao serviço de Teodósio II, em Vila Viçosa.[4]

De acordo com as pesquisas publicadas por Curt Lange, cada associação religiosa leiga criada em Minas Gerais promovia, anualmente, uma festa dedicada ao seu santo ou santa de devoção. Além dessas festas, com suas procissões, o calendário litúrgico era vasto, pois se realizavam, ao longo do ano, ladainhas, novenas, terços, tríduos, trezenas, missas cantadas, culto das almas, ofício de Trevas etc. Havia, ainda, as procissões maiores como os cortejos do santo padroeiro do lugar, da Semana Santa, Corpus Christi e Santíssimo Sacramento, como também as necessidades musicais particulares da sociedade civil. Em todas essas ocasiões, encomendavam-se músicas aos mestres. Remunerados pelas associações religiosas, os músicos mineiros desempenhavam seu ofício de forma estritamente profissional. Desse modo, no século XVIII, desenvolveu-se em Minas Gerais uma atividade musical de excepcional qualidade, sem precedentes na formação de todo o continente americano, conforme avaliou Curt Lange.

Essa expressividade musical deixou legado riquíssimo no estado, perpetuando-se pelos séculos seguintes. Contudo, sistematicamente, desde o século XVIII, uma avalanche de músicos mineiros se transferiu para o Rio de Janeiro, ajudando a alterar, de forma substancial, o ambiente musical fluminense. As crises ocorridas na mineração em Minas Gerais, que reduziram drasticamente a capacidade financeira das associações religiosas, foram determinantes para essa migração. Em Diamantina,

---

[4] LANGE, Francisco Curt. *Os Compositores na Capitania Geral das Minas Gerais*. Marília: Separata da revista *Estudos Históricos*, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Marília. 1965. nº. 3 e 4. pp. 85-86.

especificamente, houve a segunda crise dos diamantes, na virada do século XIX para o XX, somada, no mesmo período, ao processo de romanização da Igreja Católica, que retirou a autonomia e independência das associações religiosas, subordinando-as à autoridade dos bispados.

Nesse contexto, Diamantina também exportou diversos músicos para o Rio de Janeiro, dentre eles dois expoentes de primeira grandeza: José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita, considerado um dos mais importantes músicos pré-clássicos das Américas, e o maestro Francisco Nunes Júnior, fundador da Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro, juntamente com o maestro Francisco Braga, compositor do *Hino à Bandeira*.

Tom Jobim bebeu na fonte de um ambiente musical revigorado por todas essas contribuições para produzir uma renovação harmônico-melódica que, embora se aliasse a uma renovação na linguagem para produção do musical da peça *Orfeu da Conceição*, necessitava de um preparo glutinoso que fundisse essa união inovadora de forma hermética. Esse terceiro elemento foi desenvolvido em Diamantina por João Gilberto.

Ao se colocar em prática o binômio "Energia e Transporte", que norteou o programa de JK à frente do governo de Minas Gerais, quatorze estradas-tronco estaduais foram abertas para ligar Belo Horizonte a todos os quadrantes do estado. A principal, com pouco mais de 900 km, foi a rodovia Belo Horizonte-Salto da Divisa, passando pela região nordeste de Minas e desembocando na rodovia federal Rio-Bahia. Diversas empreiteiras foram contratadas, respondendo pelo serviço em trechos específicos da rodovia. Para o trecho de Diamantina até seu distrito de Mendanha, foi contratada a empreiteira Companhia Mineira de Obras, cujo engenheiro responsável pelo serviço era Péricles Rocha de Sá, casado com Maria da Conceição Oliveira Sá, conhecida por Dadainha, irmã de João Gilberto.

Afastando-se do Rio de Janeiro com o intuito de aliviar o processo depressivo de que padecia, João Gilberto passou duas temporadas morando com sua irmã Dadainha, em Diamantina. A primeira fase foi de setembro de 1955 a junho de 1956, data em que a Companhia Mineira de Obras suspendeu seus trabalhos na variante da Serra de São Francisco e o

Dr. Péricles pôde viajar com a família para a Bahia. Ao se confrontarem algumas informações orais, com registros efetuados em fontes primárias, torna-se possível afirmar, categoricamente, que João Gilberto passou outra fase em Diamantina, possivelmente, de setembro de 1956 a maio de 1957. Desta feita, entretanto, seguiu para o Rio de Janeiro ao deixar a cidade, levando consigo um ritmo renovado para o acompanhamento da música popular, desenvolvido por meio de um processo contínuo e exaustivo de treinamento obsessivo no violão.

A modificação que João Gilberto introduziu no acompanhamento das músicas populares foi a utilização sucessiva de síncopes para produzir o ritmo. A marcação do ritmo passou a não se apoiar no tempo de repouso naturalmente esperado, desvinculando-se da forma de sustentação tradicional em que o acompanhamento se apoiava habitualmente. Em linhas gerais, pode-se dizer que o acorde passou a ser atacado em um momento de transição entre os tempos basilares da pulsação do compasso musical, evitando-se sua emissão no tempo basilar seguinte, para ser atacado novamente num momento de transição. De acordo com o jornalista e crítico musical Zuza Homem de Melo, esse artifício "provoca uma tensão, uma sensação de que é preciso seguir adiante". Ao se realçar o momento de transição, "cria-se o impulso rítmico, a leveza, o balanço, o molho, o *swing*. Quanto mais tensão, mais *swing* e mais leveza".

João Gilberto conviveu com inúmeras pessoas em Diamantina, mas que não participavam, necessariamente, do mesmo grupo social na cidade. Duas situações mais específicas proporcionavam sua aproximação com essas pessoas: quando podia trocar experiências musicais sem ser incomodado e quando lhe transmitiam a confiança de poder expressar-se com seu modo inteiramente filosófico. Assim, há relatos que destacam João Gilberto visitando pessoas que possuíam piano em casa, como também, em situações raras, exaltando a poesia vanguardista do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade.

Em linhas gerais, as pessoas que conviveram com João Gilberto se recordam de um homem extremamente calado e reservado, mas que, quando se expressava, era de uma inteligência incomum, filosófico e de fino trato. Aqueles que conviveram de forma um pouco mais íntima com

ele relatam que era um homem à frente de seu tempo, por isso incompreendido de maneira geral, situação que lhe rendeu a qualificação de "meio doido" por alguns. A maioria dos músicos da cidade com quem ele dividiu momentos musicais, principalmente alguns seresteiros, não conseguiu assimilar de imediato a batida que ele estava desenvolvendo, afirmando que sentiam a sensação de que João Gilberto fazia um "acompanhamento desafinado e desencontrado". Houve, entretanto, um número reduzido de pessoas com uma sensibilidade musical mais apurada que viam naquela experiência um fenômeno extraordinário.

Embora cada pessoa que testemunhou o processo de elaboração do novo ritmo o tenha assimilado conforme suas próprias convicções, três situações podem ser asseveradas como verdade absoluta. Primeiramente, há que desmistificar a questão do banheiro. Não era aquele espaço o principal local de treinamento de João Gilberto, onde o músico passava a maior parte do tempo tocando violão, mas sim o seu pequeno quarto, localizado na parte do fundo do pavimento inferior do sobrado onde morava. Quando possível, o banheiro era utilizado como se fosse uma caixa acústica, cumprindo a função de um laboratório, no interior do qual o som do violão e de sua voz refletiam nos azulejos e reverberavam, possibilitando ao músico escutar a si próprio. A única pessoa a quem João Gilberto permitiu dividir consigo esse momento íntimo foi seu amigo Búbi que, ao descrever os ensaios no interior do banheiro, cita que o violonista beijava uma pequena imagem de Santa Terezinha, antes de começar a tocar.

Depois, considerando-se que várias pessoas, dispersas por diferentes cidades, e sem nunca terem-se encontrado após se mudarem de Diamantina, tenham feito o mesmo relato sobre a convicção com que João Gilberto afirmava que seria sucesso nacional, ao desenvolver a nova batida do violão, pode-se inferir que o músico sabia perfeitamente o que estava fazendo e aonde queria chegar. Por fim, deve ser ressaltado que a primeira cantora, possuidora de voz de rara beleza, acompanhada por João Gilberto ao violão, com o ritmo inédito da bossa nova já formatado, foi a diamantinense Terezinha Mariúcha Cruz.

Ao chegar com esse novo ritmo ao Rio de Janeiro, João Gilberto conseguiu selar, de forma contundente, os elementos constitutivos da bossa nova, que explodiu logo depois no Brasil, levada a efeito pela insatisfação de diversos músicos e compositores com a produção musical construída de forma convencional, atraídos, naquele momento, pela modernidade que se apresentava a um país que, definitivamente, havia feito a opção pelo afastamento de sua condição de nação subdesenvolvida.

Liberdade, essência de Minas

*Eugênio Ferraz**

É recheada de momentos marcantes a história de Minas Gerais. A cada dia 21 de abril revive-se essa glória, honra maior para quem nasceu nestas Minas ou aqui edificou a sua vida. A Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, em sua missão originária de preservar a memória e a cultura do Estado, lançou nas comemorações maiores dos 225 anos da Inconfidência, em Ouro Preto, especial moldura do cenário-mor de nossas origens, um livro que perpetua alguns dos momentos mais marcantes da trajetória mineira, com textos, fotos e imagens de seus personagens mais importantes, como Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, que deixaram seu exemplo de vida ao estado e ao país.

Batizado de *Liberdade, essência de Minas*, o livro aborda, de forma detalhada e esmiuçada, o período da Inconfidência Mineira e da vida dos Inconfidentes, dedicando especial atenção ao desenrolar daquele antigo, mas sempre presente e atual movimento, e seus desmembramentos, como o processo instaurado no Rio de Janeiro, o julgamento, as penas e o exílio de vários dos revoltosos. A vida dos Inconfidentes exilados também foi fruto de exaustiva pesquisa, chegando ao processo de repatriamento dos restos mortais dos Inconfidentes e a criação do Museu da Inconfidência, onde muitos deles estão hoje enterrados.

---

* Diretor Geral da Imprensa Oficial de Minas Gerais.

Muitas novidades sobre o marcante movimento são reveladas no livro, que aborda também a vida de personagens paralelas contemporâneas daquela histórica época, como a jovem ouropretana Maria Dorothea Joaquina de Seixas, que entrou para a literatura nacional como Marília de Dirceu, a personagem inspiradora de Tomás Antônio Gonzaga, desde sempre considerada a grande musa nacional. No livro há uma detalhada pesquisa sobre a personagem, revelando dados de seu curto, porém intenso, convívio com o poeta.

Dando sequência em destacar a singular história desta Minas quase nação, a obra se debruça sobre outro enigmático personagem, Teófilo Otoni, que saiu do Serro do Frio para revolucionar o Rio de Janeiro e guerrear na cidade histórica de Santa Luzia, no distante ano de 1842. Vencido, foi capturado e levado, a pé, para Ouro Preto.

Adentrando passado mais recente, nos deparamos com o *Manifesto dos Mineiros* de 1943 e seu momento emblemático, quando de Minas partiu o brado pioneiro contra o autoritarismo de Vargas e seus desmandos que silenciavam toda a nação. Vale lembrar que o *Manifesto dos Mineiros* recebeu a assinatura dos nomes mais destacados de Minas e do Brasil, chegando a 92 signatários, dando um exemplo de independência política e ideológica do estado e de sua elite intelectual e política.

Depois, por união dos mineiros, o apoio providencial ao movimento das "Diretas Já", que ganhou as ruas, os corações dos brasileiros e o Congresso Nacional, levando o país a repensar seu futuro político. Esta edição, além de comemorar os 30 anos das "Diretas Já", evoca, também, os 25 anos da Constituição Mineira de 1989, considerada a mais cidadã entre todas.

Para o povo das Minas, sua história é a maior glória e sua memória é a comprovação de que este estado, síntese do Brasil, não pode esquecer seus principais instantes vividos e passados. E a melhor maneira de mantê-los vivos, de manter a velha chama acesa, é rememorá-la, republicá-la, revivendo, assim, em seus melhores momentos, atos e fatos de uma história recheada de grandes líderes, justas revoltas e sábios sonhos.

O Tribunal de Justiça de Minas Gerais, o Ministério Público de Minas Gerais e a Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais se unem para

prestar as suas homenagens àqueles que, no passado, também se uniram em defesa de seus ideais de liberdade, expressos de maneira tão eloquente e altruísta na obra perpetuada como *Manifesto dos Mineiros*, tão bem representada pela frase síntese do documento:

"Em verdade, Minas não seria fiel a si mesma se abandonasse sua instintiva inclinação para sentir e realizar os interesses fundamentais de toda a nação."

Minas legou ao Brasil mais uma demonstração de sua vocação libertária, consolidada desde Tiradentes, na Inconfidência Mineira, que disse: "Se mil vidas eu tivesse, mil vidas eu daria", e ainda por Teófilo Otoni, na revolução liberal, que encarnou o espírito e a independência moral e ideológica desta Minas quase nação.

"De Minas, tudo é possível... só que o mineiro não se move de graça. Ele permanece e conserva. Espia, escuta, indaga, protela ou palia, se sopita, tolera, remancheia, perrengueia, sorri, escapole, se retarda, faz véspera, tempera, cala a boca, matuta, destorce, engambela, pauteia, se prepara. Mas sendo a vez, sendo a hora, Minas entende, atende, toma tento, avança, peleja e faz. Sempre assim foi. Ares e modos. Assim seja."

Aos 92 signatários do Manifesto dos Mineiros, a nossa eterna gratidão pela obra, septuagenária e, ao mesmo tempo, tão contemporânea. Sobre este importante legado, disse o ex-governador Antonio Augusto Anastasia.

"...O Manifesto não é apenas testemunha das quadras de seu tempo, mas verdadeiro programa do pensamento político mineiro, fundado no civismo, na autonomia, na federação, na têmpera, no constitucionalismo e, sobretudo, na Liberdade. O senso de gravidade e a força das palavras hão de ser celebrados por todos, no presente, com olhos postos no futuro."

Nunca é demais repetir trechos do *Manifesto*:

...Para que a democracia produza frutos, é necessário que o homem da rua e o das classes dirigentes possuam o mesmo apurado sentido de bem comum e a mesma ardente e abnegada ambição de servir...

"...Pedimos a todos os mineiros de boa vontade, sem nenhum compromisso de solidariedade partidária, que meditem sobre a organização política e administrativa que, à luz da experiência dos melhores homens e

de sua atilada prudência, possam evitar os males do passado e os equívocos do presente e assegurar a ordem e a prosperidade do país...

"Num tom de conversação em família – família numerosa, porém unida e solidária – queremos recordar aos mineiros que o patrimônio moral como o espiritual não sobrevive ao desleixo. Os bons materiais arruínam-se e se perdem quando a diligência do dono não se detém sobre eles. As conquistas espirituais também se perdem quando o homem as negligencia, por lhe parecer assegurada a sua posse."

Lucindo Filho: trajetória intelectual

*Marcelo Monteiro dos Santos**

A quem melhor cabe relembrar os mortos senão aos contemporâneos que os conheceram e amaram? E é bom e grato e piedoso relembrá-los. Os mortos, por mais ilustres que hajam sido, têm sempre diante de si uma eternidade inteira para ficarem de todo esquecidos.

Raimundo Correia[1]

Lucindo Pereira dos Passos Filho morreu em 1896. Sim, começaremos esse bosquejo biográfico pelo fim da vida do biografado. Vamos partir das informações contidas no seu inventário *post mortem* para descobrir o que a morte pode revelar acerca da vida de um homem. Morto em Vassouras, município do Vale do Paraíba fluminense, em primeiro de julho, seu inventário foi aberto pela segunda esposa, Amélia Pereira dos Passos, em 1897, decorrido o tempo tradicional de luto.

---

* Doutorando da PPGH – UERJ.

1 CORREIA, Raimundo. *Poesia Completa e Prosa*. Lucindo Filho. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1961, p. 468.

Família numerosa, dos nove filhos de Lucindo seis ainda eram menores e Virgílio, homenagem ao poeta latino, tinha apenas alguns meses. Aberto o inventário iniciava-se o arrolamento dos bens, a busca pelos possíveis credores e devedores e, por fim, a repartição da herança. Mas a história foi outra. Na abertura do inventário declarou-se que: "Com os bens sujeitos a inventário constam de livros, alguns móveis e a Tipografia do Vassourense".[2] Não havia joias, imóveis, apólices de seguros, títulos da dívida. Bens tão comuns aos homens que fizeram riqueza com o café alguns anos antes na mesma cidade. Havia livros, muitos livros. Da avaliação do monte mor realizada pelos designados do juiz local constavam:

Três mil e dez livros encadernados diversos [...]; setecentos e trinta e nove ditos brochados [...]; vinte estantes diversas de madeira e de ferro [...]; uma mobília austríaca composta de dois aparadores, um sofá e doze cadeiras pequenas [...]; uma *chaise longue* austríaca em mau estado [...]; uma mobília incompleta composta de dois dunquerques, dois aparadores, um sofá, três cadeiras de braços e quatro ditas pequenas [...]; um sofá e uma cadeira de couro em mau estado [...]; um relógio para cima de mesa, de mármore preto, parado e desconcertado [...].[3]

A descrição dos bens acima revela claramente uma biblioteca. Livros, estantes, sofás e cadeiras. Podemos imaginar um ambiente espaçoso e muito utilizado, isso talvez pela descrição de móveis velhos, gastos, incompletos. Lucindo possuía seguramente uma das maiores bibliotecas de Vassouras, menor apenas que a biblioteca pública, para onde, vale lembrar, frequentemente doava livros. Nosso personagem era um homem letrado. Na morte, nada tinha além de livros; e algo mais: uma tipografia, a "Typographia do Vassourense".

Uma tipografia composta de um prelo manual para impressão, uma prensa pequena, também para impressão, uma prensa muito estragada, uma máquina para cortar papel, um pequeno aparelho para numerar, seis

---

[2] Inventário *post mortem*. *Lucindo Pereira dos Passos Filho*. Centro de Documentação Histórica – Universidade Severino Sombra, Vassouras. Documento 104664646001, fl. 2v.

[3] *Idem*, *ibidem*, fl. 16.

mesas diversas, cinquenta e sete pares de caixas, um armário com porta de vidro, um relógio de parede (velho) e um armário grande de madeira [...].[4]

Estes eram os bens do falecido. Os avaliadores, Ernesto Augusto e Argemiro Daniel, não se furtaram em frisar o quanto algumas peças eram "velhas" e "estragadas", denunciavam uso por muitos anos. A tipografia descrita funcionava desde 1882 em imóvel alugado na rua do Barão de Vassouras, número 6. Nesse local foram impressos jornais, livros e uma gama de outros textos. Dali saiu semanalmente o *Vassourense*, cuja epígrafe trazia a alcunha de "imparcial, noticioso e literário". Lucindo foi proprietário e redator do periódico por catorze anos.

A morte revelara sua preciosa biblioteca, que valeu o pedido de um vereador da Câmara Municipal para que fosse comprada e incorporada à Biblioteca Municipal dada a sua dimensão e valor das obras.[5] Infelizmente isso não ocorreu. A biblioteca foi a leilão. Hoje nada se sabe dela. Figura pública na cidade, Lucindo aglutinava certa elite letrada local e mantinha intenso contato com intelectuais que circulavam pelo país. Aqui deixamos claro como compreendemos essa figura: intelectual que contribuiu para o estabelecimento de uma opinião pública com sua atividade jornalística, cuja erudição inspirava a muitos. Sua casa, e biblioteca, eram lugares de atração para jovens escritores.

Lucindo Filho chegara a Vassouras entre 1871 e 1873, ainda não é possível precisar. Após retornar da Guerra do Paraguai (1865-1870), onde serviu junto ao corpo de médicos, voltou ao exterior em uma missão no Uruguai, ao que parece de forma voluntária. Tinha terminado seus estudos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, para onde o pai havia se mudado para acompanhá-lo. Estudou antes disso no Colégio D. Pedro II, estabelecimento de ensino que formava, no século XIX, os quadros para a política e a burocracia do país. Lucindo escolhera seguir a profissão do pai, que também havia-se formado no Rio de Janeiro. Ainda nessa quadra da formação acadêmica vale salientar algo: Lucindo era

---

[4] *Ibidem*, fl. 16

[5] RAPOSO, Ignácio. *História de Vassouras*. Niterói: SEEC, 1978, p. 154.

pardo, filho de pai negro que fora prestigiado advogado na cidade mineira de Mariana na primeira metade do século.

Nenhum espanto para os dias de hoje, mas vale a nota ao tomarmos o contexto social e histórico brasileiro no período em questão. Lucindo Filho vinha de uma família de pessoas negras e mestiças que, todavia, pelo menos havia algumas gerações, passavam longe da condição escrava. Seu avô paterno era advogado e proprietário de terras na região de Diamantina, Minas Gerais. O pai tornou-se médico e depois professor de latim no mesmo colégio onde o filho estudou, o D. Pedro II, em 1865. Aposentou-se em 1889, vindo falecer dois anos depois na casa do primogênito, em Vassouras.

Não objetivamos nesse ensaio escrever páginas laudatórias a esses personagens. Passou o tempo no qual as biografias compunham-se em extensos elogios vazios de crítica. Contudo, a história mostra que esses homens foram singulares, todos são é bem verdade, mas esses, especialmente, pela dimensão que assumem a partir de sua atividade intelectual no contexto analisado. Mas voltemos ao nosso biografado.

Em 1871, servindo no Uruguai, Lucindo Filho, ao que parece, trabalhava na contenção de uma epidemia. Dos arquivos garimpados até o momento surgem vestígios incompletos, desconexos e parciais. Na laboriosa e agradável tarefa do historiador de "colar cacos" de passado vamos recompondo a trajetória desse personagem histórico. Em carta de Dias da Cruz (1826-1878), enviada em abril de 1871 lemos o seguinte:

[...] Ilmo. amigo e colega Sr. Lucindo Filho.

Acabo de receber o seu bilhete / de despedida acompanhado de / sua apreciável tese – agradeço / uma e outra, e não podendo / provavelmente ir dar-lhe um / abraço, por meio desta dou / -lhe os parabéns pela honrosa / decisão que tomou de ir cocorrer os nossos irmãos que sofrem.

Faço votos à Providência, para / que seja bem sucedido em tão / nobre empresa, e para / nesse povo estrangeiro dê novo lustre ao nome brasileiro [...].[6]

---

[6] Carta ao Dr. Lucindo Filho com votos de boa sorte e apresentando o enfermeiro Antônio José Henriques. Biblioteca Nacional. I-09,06,093. Fl. 1.

Das poucas cartas endereçadas a Lucindo na década de 1870, esta demonstra que o jovem médico tinha aspirações humanitárias. Os biógrafos de Lucindo Filho, ou melhor, as notas que foram escritas até hoje, ressaltam sempre a disposição em servir ao próximo. Entretanto, é sempre prudente desconfiar desse já citado tom laudatório no melhor estilo Romântico que marca as biografias a época. As cartas nos ajudam a pisar em solo firme para compreender o personagem e fazer afirmações mais consistentes sobre sua vida.

Ainda sobre o assunto da carta acima há dois bilhetes na correspondência de Lucindo, escritos em Montevidéu, sem data e remetidos por Francisco Otaviano. Em um deles lemos: "[...] Sou amigo de seu pai e estou / as suas ordens. Escreva me dizendo / em que posso ser útil [...]".[7] Nos parece dessa forma que o jovem médico podia contar com as redes de conhecidos e influência para se estabelecer e cumprir sua missão no Uruguai.

Não vamos perscrutar por que Lucindo veio morar em Vassouras após regressar do exterior. Pergunta insolúvel talvez. O que importa é que veio. E logo se estabeleceu. A cidade oferecia a quem chegasse a vista de um centro urbano próspero, graças ao cultivo do café. Rubiácea plantada em vastas propriedades rurais, cuidada pelas mãos negras dos escravos, trouxe luxo e riqueza para alguns e mudou, para o bem ou para o mal, a vida de muitos. Transformada em vila em 1833, elevada a município em 1857, na década de 1870 Vassouras vivia o auge da produção cafeeira. Com a construção da estrada de ferro D. Pedro II, a cidade ficou a apenas a três horas da Corte. Enquanto na área rural o cenário era dominado pelas fazendas, na área urbana brotaram ricos casarões, praças, ruas calçadas e todo o tipo de serviço que uma cidade à altura de Vassouras podia oferecer.

Mas algo faltava a Vassouras. Tinha lojas, modistas, oficinas, cervejaria, teatro, biblioteca pública, vendedores de todo tipo, saraus e bailes para animar a "boa sociedade". Mas a cidade não tinha um jornal.

---

[7] Bilhete a Lucindo Filho. Biblioteca Nacional. I-02,20,083. Fl.1.

Não havia imprensa local. Uma folha sequer. Um município com quarenta mil habitantes, ainda que a metade na condição de escravos, não dispunha de um periódico ao menos.

Corria a lenda, segundo o historiador Ignácio Raposo, que um ilustre membro da elite local não queria a criação de um veículo de informação, pois, segundo ele, a imprensa era motivo de desavenças e aquela sociedade era formada por famílias muito amigas.[8] Dando crédito ao historiador e à história, o primeiro periódico a circular em Vassouras só apareceu em 1873. Coincidência ou não, depois da morte do personagem citado acima. Na sua redação estava Alberto Brandão, Rodolfo Leite Ribeiro, Herculano de Figueiredo e o nosso recém-chegado à cidade, Lucindo Filho.

Dos três primeiros nada diremos aqui. Apenas que fizeram parte dessa elite letrada local que muito contribuiu para as discussões numa esfera pública naquela sociedade oitocentista. *O Município*, como foi batizado, pertencia a Raymundo Macedo de Pimentel. Ele mesmo assina o editorial do segundo número do periódico para justificar a existência do jornal e corroborar a lenda contada por Ignácio Raposo, ao constatar que o jornal havia sido mal recebido em Vassouras e a ideia de uma imprensa livre ainda assustava aqueles que temiam a discórdia trazida pela livre opinião.[9] Esse era o ambiente no qual Lucindo chegara a Vassouras. *O Município*, depois de alguns anos sem circular (entre 1874-76) voltou em 1877 dirigido exclusivamente por ele.

Na imprensa local duas atividades merecem destaque: a política e a literatura. Para esta última começa a despontar um Lucindo Filho poeta e tradutor. É possível acompanhar nas páginas dos periódicos locais e de outras partes da Província o recorrente nome de Lucindo assinado em poesias e sonetos. Casado com Eulina Passos, com quem teve oito de seus filhos, o poeta começou a aglutinar várias ocupações. Nunca abandonara a profissão de médico. São inúmeros os anúncios de seus serviços, inclusive no *Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial* (o famoso *Laemmert*) – grande vitrine da sociedade oitocentista da província do Rio de Janeiro – a partir de 1875.

---

[8] Cf: RAPOSO, Ignácio, *op. cit.*, p. 158.
[9] *O Município*, nº 2, 22 de junho de 1873.

Estabelecido em Vassouras, Lucindo torna-se professor em vários colégios da cidade. Sabia latim, inglês e francês. Deu aulas nos colégios Brandão e Calvet e dedicava longos editoriais para debater os problemas da instrução primária no Brasil. A biblioteca friamente descrita pelos avaliadores após sua morte – tendo por critério a divisão entre livros de capa dura e brochuras – foi sendo ampliada ao longo do tempo; era necessária a um homem de letras, professor, poeta e redator uma biblioteca à altura de homem de erudição. Há referências de que ele fosse um bibliófilo e colecionar de gravuras. Voltando ao inventário, há recibos da compra de livros: "Recebi do Sr. Elísio Pereira dos Passos a importância de uma fatura de livros que mandei vir de Paris por ordem do Sr. Dr. Lucindo Pereira dos Passos Filho [...]".[10]

Longe de ficar encerrado em Vassouras, Lucindo viajava frequentemente à Corte para visitar amigos, e provavelmente seu pai. Tinha crédito em lojas como a Cardoso Pereira de Lima, situada na rua da Quitanda, número 34. Em uma nota de compras anexada ao inventário sabemos que consumia de lá artigos diversos como fitas, barbante, pó de arroz, meias, tecidos, chocolates, botas, rendas, gravatas, guardanapos, chapéu, cinto, tapete e livros, entre muitos outros. Pelas datas de compras ele aparecia na loja pelo menos quatro vezes por mês.[11] Há muitas notas e recibos. Lucindo era um bom cliente, tinha crédito. Não deixava de ser um *bon vivant*, no que há de mais positivo na expressão.

Aliado aos dotes literários e à atividade de médico-jornalista, nosso modesto personagem também era músico. Compunha especialmente peças para piano. Valsas e polcas, entre elas.[12] Para o prazer diletante adquiriu um piano Gaveau em 1889, doado antes de morrer à sua esposa e excluído do inventário.

Retornando à atividade de redator, Lucindo fundou em 1882 o periódico *Vassourense*. Tendo adquirido a tipografia d'*O Município* em

---

[10] Inventário *post mortem*, op. cit., fl. 35.
[11] *Ibidem*, fl. 36.
[12] A Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, guarda algumas partituras compostas por Lucindo Filho. Cf: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/externo/busca.asp, acesso em 10 de agosto de 2013.

1877, provavelmente era a mesma que agora fora rebatizada. Entre 1880 e 1881, a cidade viveu sua mais severa epidemia de febre amarela. A doença, que há muito já assustava os moradores da cortes e demais centros urbanos, ceifou vidas em Vassouras, inclusive redatores de outros periódicos locais. Além disso, provocou um esvaziamento da cidade; a maioria da população que podia fugiu para as áreas rurais, onde, ainda sem explicação, a febre não se desenvolvia. Ficaram os pobres. Ficou Lucindo, trabalhando na Santa Casa de Misericórdia.

O *Vassourense* surgiu como um reanimador da vida social da cidade. Debelada a epidemia houve um grande esforço para mostrar à população da província, onde paulatinamente o jornal ganhava assinantes, que a cidade renascia das cinzas, como uma fênix. Não havia mais riscos e o centro urbano se tornara novamente habitável. Chama atenção aqui o curioso fato de que, mesmo o jornal tendo sido fundado quase um ano após o fim da epidemia, existe uma grande preocupação em alertar a sociedade e as autoridades municipais para a questão da "higiene pública", com receio de que a falta de cuidados "higiênicos" criasse as condições para o reaparecimento da doença:

"O estado sanitário desta cidade é excelente, não há receio mais que reapareça a epidemia de febre amarela. Contudo chamamos a atenção da autoridade competente para os vendedores de frutas verdes, que de vez em quando se veem pelas ruas.[13]"

> "[...] o que é fato é que, se a epidemia não tivesse declinado por falta de combustível, e pela entrada do inverno, apesar de todas as reclamações ainda estariam sendo enterrados cadáveres de epidêmicos no cemitério atual, tornando-o foco de infecção permanente.[14]"

"Chamamos a atenção do fiscal da freguesia para o estado de imundície em que se acham as ruas. Cortaram-lhes as barbas com tesoura, mas esqueceram de passar a navalha.[15]"

---

[13] *Vassourense*, nº 01, 19 de fevereiro de 1882, p.03.
[14] *Vassourense*, nº03, 05 de março de 1882, p.02.
[15] *Vassourense*, nº12, 07 de maio de 1882, p.01.

Podemos perceber pela forma como são veiculadas as notícias um teor de alerta às autoridades municipais para que tomem as medidas necessárias de modo a evitar que doenças, como a febre amarela, reaparecessem. São comuns na seção do noticiário e no editorial esse tipo de posicionamento diante da Câmara Municipal. Nos exemplares por nós pesquisados para elaboração deste ensaio, encontramos ainda a publicação, na íntegra, de um relatório produzido pelo Doutor José Teixeira, ao que parece, médico que compunha uma junta de higiene enviada da Corte para tratar os doentes durante a epidemia de 1881. O referido relatório foi dividido em onze partes e publicado do número cinco ao quinze das edições do *Vassourense* em 1882. A partir da coluna "epidemiologia", o público poderia conhecer o que havia se passado no decorrer da epidemia, como salienta Lucindo Filho:

Ainda está bem viva no espírito de todos a recordação da terrível epidemia de assolou esta cidade nos anos de 1880-1881. Não temos necessidade agora, nem queremos relembrar os quadros de aflição dolorosa que se desenrolaram nesta triste época; ainda não se apagaram os vestígios, que tão fundos, e duradouros persistem, entorpecendo e perturbando a marcha da nossa pequena vida social, outrora tão serena e sossegada [...].

"Mas não devemos abusar do estado favorável em que se acha a salubridade pública; é preciso dar mais importância aos preceitos higiênicos, o que o simples bom-senso indica. Não parece que acabamos de sofrer tantas calamidades; a incúria e a desídia continuam a ser nota dominante no seio da população.

"As ruas estão imundas, o cemitério municipal continua a receber cadáveres, de todos os protestos particulares e oficiais, devendo nós dar graças às circunstâncias naturais que fizeram com que não desmorone a eminência onde se fazem os enterramentos.

"Se não nos cuidarmos, se continuarmos a preparar terreno, veremos uma nova semente fazer desenrolar-se outra epidemia de febre amarela semelhante à que tanto nos acabrunhou, e cuja história acaba de ser dada à luz pelo ilustrado Sr. Dr. José Teixeira, no relatório que dirigiu ao presidente da junta central de higiene publica.

"O relatório do Dr. Teixeira é a historia exata da epidemia de 1881; e nós, publicando-o em nossas colunas, prestamos um serviço ao público, ensinando-o a precaver-se dos males futuros, e pondo-o de sobreaviso, pois se não tivermos cuidados, e se não atendermos às exigências da higiene, poderemos ver desenvolver-se uma febre qualquer de mal caráter, inda mesmo que não seja o tifo americano.

Limpeza das ruas e quintais, e remoção do cemitério, eis o que desde já é necessário que se faça.[16]"

Nesse longo texto do editorial, o redator deixa bastante clara a função do jornal *Vassourense* naquela sociedade. A publicação do relatório, nas palavras do redator, tinha o objetivo de "prestar um serviço público" e "ensinar a população" a precaver-se. Delineamos assim o primeiro aspecto dessa imprensa nascente na cidade de Vassouras de fins dos oitocentos. A formação do redator pode nos ajudar a compreender a extrema preocupação com a necessidade da limpeza da cidade e a correta utilização do cemitério.

A tipografia de Lucindo contava em 1896 com quatro funcionários e um gerente. Para além do periódico semanal, a tipografia prestava uma série de outros serviços como encadernação, impressão de cartões, panfletos, despachos da Câmara Municipal, impressão de livros. Sobre esta última atividade vale uma nota.

Lucindo Filho não publicou nenhum livro de literatura em vida. Após sua morte, o filho Elísio organizou alguns poemas sob o título *Flores Exóticas*, nada além. Entretanto, como tradutor Lucindo empreendeu a publicação de poemas do escritor norte americano Longfellow, reunidos em *Quatro poemetos de Longfellow* (1882), *Virgilianas* (1884), do poeta latino Virgílio, *Novas Virgilianas* (1888), do mesmo autor; publicou ainda *Estudos da Língua Portuguesa* (1890), obra, ao que nos parece, de filologia. Há ainda inúmeros trabalhos de medicina em periódicos variados e alguns reunidos em pequenos volumes.

---

[16] *Vassourense*, nº 5, 19 de março de 1882, p. 1.

Na década de 1880, Lucindo ganhou visibilidade graças à publicação do *Vassourense* e do número cada vez maior de colaboradores ligados à literatura nacional do período. Personagens como o jovem Olavo Bilac, Lameira de Andrade, Raimundo Correia (então juiz de paz em Vassouras), Lúcio de Mendonça, entre outros. Mesmo residindo em Vassouras ele fazia parte de um grupo que pensava naquele período literatura, política, e de maneira mais ampla o que seria o Brasil no futuro. Quais projetos de sociedade fariam o país alcançar a modernidade?

Ao caminhar para a conclusão desse ensaio biográfico podemos lançar duas assertivas que corroboram a hipótese do título. A biografia, enquanto gênero, permite conhecer vidas. Elucidar trajetórias individuais para compreender o movimento da história. Na menor escala de observação são sempre os indivíduos que movem a sociedade. Desse modo, ao analisar a biografia de personagens como Lucindo Filho, compreendemos a complexidade de um indivíduo que circula por diferentes espaços, possui muitas habilidades, dialoga com redes complexas e ao fim não pode ser rotulado ou enquadrado em apenas uma delas. Qual Lucindo considerar? O médico, o músico, o literato ou o redator? Longe de alcançar motivações subjetivas podemos apenas reconstituir parcialmente a paisagem no qual ele viveu, observar seus movimentos para entender o sujeito histórico, seu tempo e aquilo que muda graças as ações dos homens.

Algumas notas sobre as fontes

A guisa de considerações finais, gostaríamos de apresentar um balanço das fontes documentais pesquisadas até o momento, bem como o que já se escreveu acerca de Lucindo Filho.

As primeiras notas biográficas saíram da pena do contemporâneo e amigo pessoal Raimundo Correia. Após publicar uma série de artigos sobre a vida de Lucindo no jornal *Folha de Barbacena*, reconhecendo o pouco alcance que tinha aquele periódico o escritor publica os artigos, no formato de opúsculo, em Lisboa (1898), sob o título *Lucindo Filho*.

Em 1903, Nelson de Sena publicava na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, um estudo intitulado *Traços biográficos de*

serranos ilustres já falecidos; nele há uma nota dedicada a Lucindo. O certo é que Lucindo tenha nascido em Diamantina e não no Serro. Meras circunstâncias. O trabalho detalha toda a produção intelectual de Lucindo; é ainda o primeiro a fazer referência à condição de homem "mestiço". O mesmo texto foi publicado em 1905 na *Revista do Arquivo Público Mineiro*.

Nelson de Sena trabalhou por muitos anos no Arquivo Público Mineiro, reuniu em fichas todas as referências que encontrava acerca de mineiros com algum destaque na vida pública. Sobre Lucindo Filho existem dezesseis indicações de autores que dedicaram alguma nota sobre o diamantinense. Muitas são reproduções do texto redigido para a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil* em 1903, outras são citações esparsas sobre o médico, o poeta, o músico, nem todas elogiosas, vale salientar.

O último trabalho sobre Lucindo Filho que conhecemos data de 1997. É uma tentativa de biografia que esbarra na documentação escassa e acaba ficando na reprodução do material listado por Sena no início do século. Rudy Mattos escreveu *Lucindo Filho, sua estada em Vassouras,* por ocasião do seu centenário de falecimento. As comemorações se deram na Academia de Letras de Vassouras, onde o homenageado é patrono da cadeira de número três.

O desafio colocado hoje para uma nova biografia de Lucindo Filho, para quem a escrever, é compreender toda essa produção como também datá-la e encará-la como fontes, criticá-la. Hoje temos ainda um considerável número de cartas enviadas a Lucindo, embora haja apenas uma remetida por ele a Lúcio de Mendonça. Não há diários, não há memórias, as obras editadas pela Tipografia do Vassourense são raridades. Existe o inventário, documento preciso. E ainda existem os jornais, e ali também é possível recuperar muito de quem foi Lucindo Filho. Como se posicionou perante os desafios de seu tempo. Em seus editoriais, suas opiniões tornam-se mais uma fonte para recompor – em narrativa que lhe recupere a dimensão intelectual – de soslaio, sua vida.

Mendes de Oliveira

*Gérson Cunha**

Quem passar por ali, defronte *o manuelino*,
Bem na Augusto de Lima, quase com Bahia,
Apesar do vaivém, daquela tropelia,
Um busto inda verá, de um poeta montesino.

No pedestal o bronze, creio fidelino,
De bigode, topete, e aprumo, se anuvia,
Pois seu nome, na lápide, fez-se utopia:
Levou-a algum ladrão, apoético e mofino.

No paço inaugural, desde os anos quarenta,
Hoje, mesmo entre flores de hodierno jardim,
Carece de responso ou rega de água-benta...

Mas, em visita ao poeta, pareceu-me ouvi-lo:
"Pensa em ti, nesse teu futuro... não em mim;
Tive glórias passadas, já, em grande estilo!"

* Professor, escritor, tem vários livros publicados.

Yeda: entremeando luzes

*Carmen Schneider Guimarães**

Quando se pensa em poente,
surge a aurora
madrugando luzes
no apuro da criação

Fulgurações em cores vivas
cortam as sombras,
dissipam indesejada neblina
em compassos líricos,
gerando poesia.

Transparentes,
lúcidos versos
desfazem névoas,
garimpam brilhos,
no arrepio do mar.

Pastoreando silêncios
acordam estrelas no azul,
ouvindo rios cantantes,
lamentos de solidão,
nas artes dos passarinhos.

---

* Escritora, vários livros publicados. Da Academia Mineira de Letras (cadeira nº 5).

HenriquYeda

*Caio Junqueira Maciel**

Suaves na queda:
Henriqueta e Yeda
na queda pelo belo
– acorde de violoncelo –
na queda pela imagem
– acordar para a paisagem –
na queda pela clarividência
– a cor do eterno na imanência.
E mais de sete quedas preciso
para louvar o dom conciso
dessas mineiras artesãs
que bordam versos e manhãs,
sabem do sofrimento da vida,
reverberam a palavra ferida.

---

* Poeta. Reside em Belo Horizonte.

Utópico

*Sharon Penha da Silva**

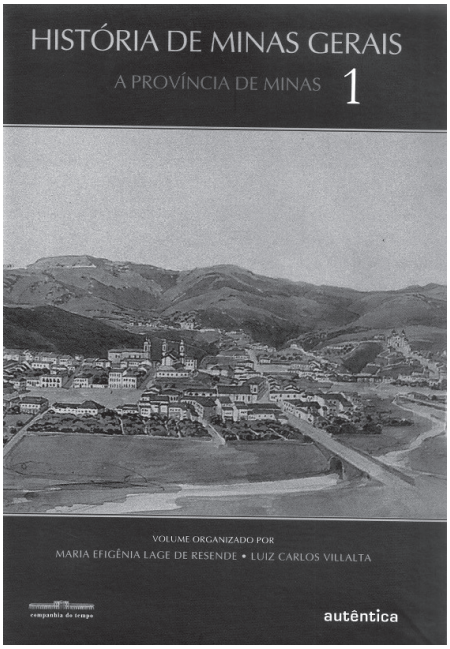
Pois o ser humano é como o mar
sem fronteiras, sem medidas;
é o espírito de Deus
vivendo em você,
é o corpo docente
as vezes sedento de pão,
as vezes carente de mão,
seguindo a canção,
falando de coisas sectárias,
sangrentas, seculares,
amaldiçoadas e bentas.

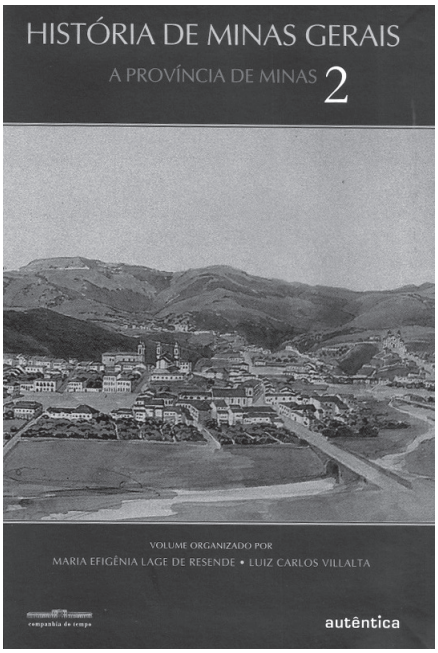
Encontra no caminho
os melhores amigos,
mesmo que meia dúzia ou menos;
dos inimigos já perdeu a conta.
Há mais coisas avulsas do que se pode imaginar.
A criatividade inventa,
e o povo aumenta
nas entrelinhas do próximo capítulo
em que nem tudo é dito.

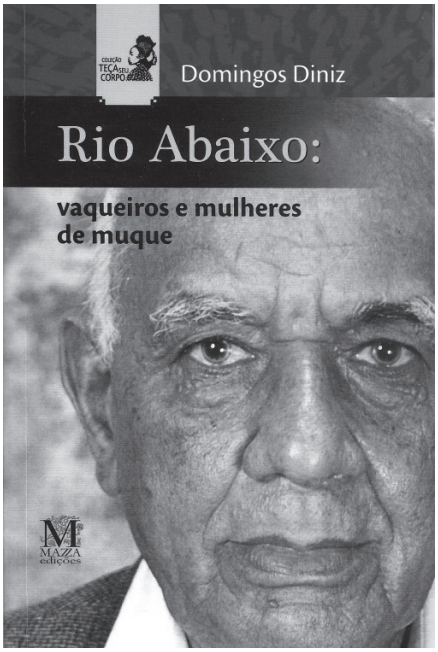
---

* Poetisa, reside em Belo Horizonte.

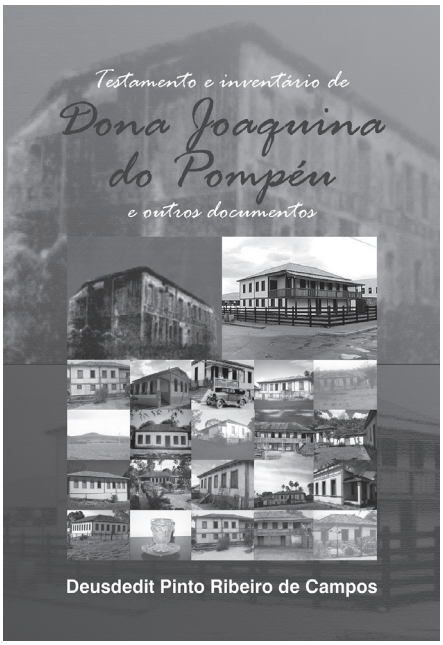
Obras recebidas

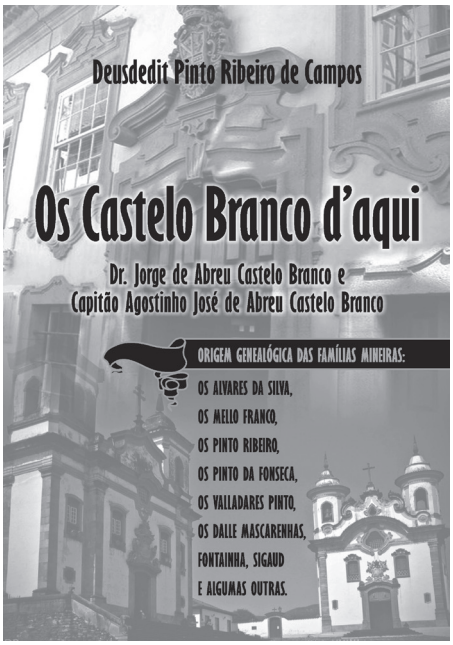


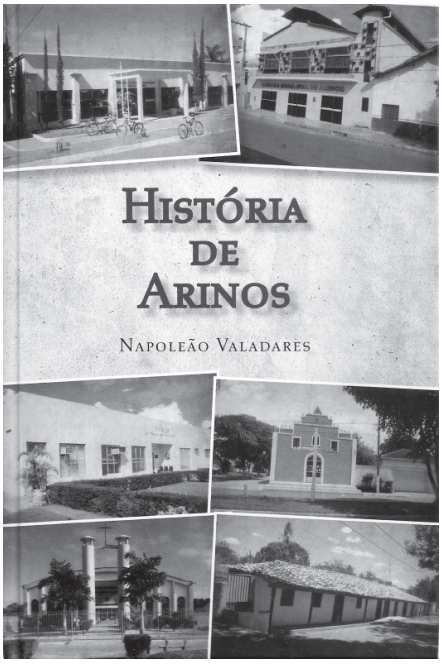


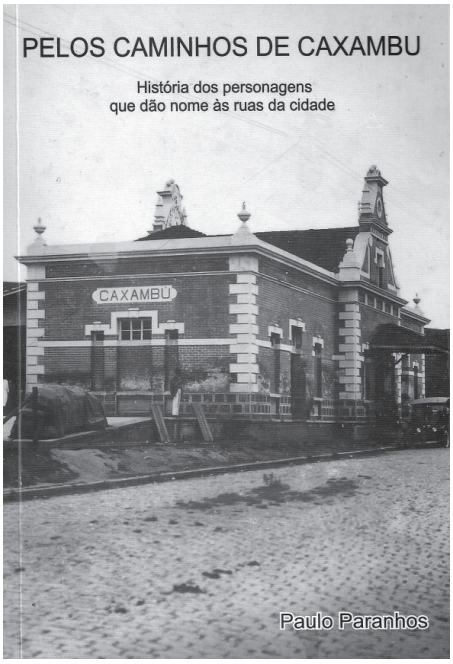
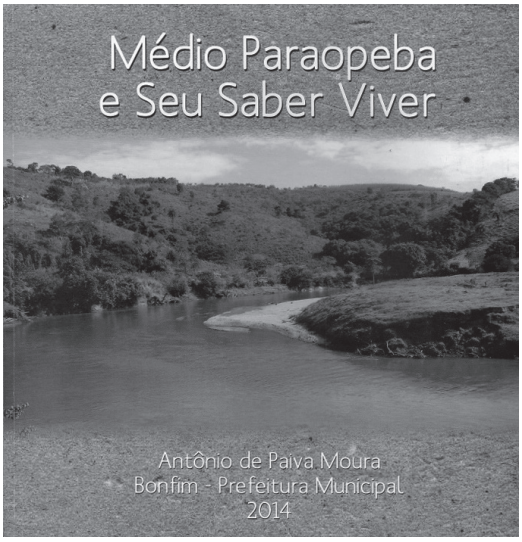


Obras recebidas









Obras recebidas